

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

ANA PAULA DE CARLI

A ARTE DE NARRAR A VIDA:

Um estudo etnográfico de duas famílias assentadas do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

De Carli, Ana Paula

A arte de narrar a vida: um estudo etnográfico de duas famílias assentadas do Rio Grande do Sul / Ana Paula De Carli. -- 2013.
115 f.

Orientadora: Rumi Regina Kubo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Narrador. 2. Saber-fazer. 3. Narrativas visuais. I. Kubo, Rumi Regina, orient. II. Título.

ANA PAULA DE CARLI

A ARTE DE NARRAR A VIDA:

Um estudo etnográfico de duas famílias assentadas do Rio Grande do Sul

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Professora Doutora Rumi Regina Kubo

Série PGDR – Dissertação nº 173
Porto Alegre
2013

ANA PAULA DE CARLI

A ARTE DE NARRAR A VIDA:

Um estudo etnográfico de duas famílias assentadas do Rio Grande do Sul

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em Porto Alegre, 31 de julho de 2013.

Prof^a. Dr^a. Rumi Regina Kubo – Orientadora
PGDR/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Marta Cioccarri
PPGAS - Museu Nacional/ UFRJ

Prof^a. Dr^a. Renata Menasche
PPGA/UFPel

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos
PGDR/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Seu João Mattos e Dona Loia, que me acolheram com tanto carinho em sua "farmácia viva", contando suas experiências de vida que tanto podem ensinar. Um casal que cuida e cura. Agradeço também aos gêmeos, Evandro e Evaldo, que enfrentaram a timidez e fizeram parte dessa história narrada.

Agradeço imensamente Marília, uma das personagens que inspirou essa pesquisa, com quem sempre aprendo e troco muito. Minha companheira e amiga, que tem a força de um rancho de torrão. Agradeço à Mônica e sua sensibilidade, que sente o mundo com intensidade e busca a beleza e a coerência. Ao Jone, que adotou essa linda família e aceitou compartilhar sua experiência de aprendizagens. A Lia e Dudu, que dividiram comigo sua casa e também o gosto pelos bichos.

Gratidão aos meus amigos Iná, Ricardo, Patrícia, Amália, Mariana, Nádia e Lisiane, parceiros de vida, que se engajaram nesse trabalho, me ajudando a enfrentar cada desafio e nova aprendizagem, necessárias a todo o momento dessa trajetória de pesquisa. Com eles pude sentir a força da amizade, das redes e da reciprocidade, que fizeram esse trabalho acontecer.

A minha orientadora Rumi Kubo, que soube compreender os tempos e me instigou a voos mais altos. Também ao meu grupo de pesquisa, o DESMA, que marcou minha trajetória com saberes de distintos campos e me proporcionou o gosto pela construção de relações de respeito com as pessoas pesquisadas.

Agradeço ao professor José Carlos dos Anjos por mostrar que é necessário construirmos outros fazeres nas Ciências Sociais, desconstruindo-nos a todo o momento.

Um agradecimento especial ao Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS, que cedeu o equipamento de filmagem, o qual conferiu qualidade à imagem dos narradores.

Agradeço meus pais, Nely e Antoninho, que com suas experiências vividas e constantemente narradas, despertaram em mim o gosto pelo *saber-fazer* e pelo narrador.

Agradeço também à força das ruas, que surpreenderam e estremeceram estruturas de poder e também a escrita desse trabalho.

RESUMO

A pesquisa buscou refletir sobre a arte de narrar a vida, a partir de duas histórias narradas por assentados e suas famílias, uma de Nova Santa Rita e outra de Herval, no Rio Grande do Sul. A partir da construção conjunta de narrativas visuais, busquei refletir sobre a figura do *narrador*, descrita por Walter Benjamin (1994), no contexto do rural hoje, pensando sobre o processo de aprendizagem do *saber-fazer*, as experiências vividas, as trocas, a necessidade de se contar e de constantemente se reinventar. A estrutura da dissertação é composta pela introdução, que busca apresentar o tema de pesquisa, os narradores e o percurso metodológico do trabalho. O capítulo segundo é composto por um vídeo etnográfico. O terceiro capítulo reflete sobre o processo de aprendizagem desses narradores. O quarto capítulo foi dedicado à discussão das redes que são parte dessas trajetórias. E o capítulo cinco debate sobre os projetos de vida desses narradores e suas implicações. Esses narradores contam histórias de seu *saber-fazer* e de suas andanças, que lhes dão matéria para novas e surpreendentes histórias. Seu desafio pode ser encantar um vizinho, um técnico, um pesquisador, uma pessoa que busca ajuda, que busca aprendizagem ou que simplesmente está de passagem. Esse pertencimento a redes possibilita conhecer novos mundos, que serão tema de novas histórias, que para sua confecção, se utiliza dos materiais disponíveis e acessíveis a cada tipo de narrador. Uma câmera fotográfica ou filmadora, um rótulo de uma pomada, uma habitação, a história de cada planta, de cada animal, cada viagem, cada batalha travada, cada encontro com um universitário, com um técnico, com um mestre.

Palavras-chave: Narrador. *Saber-fazer*. Narrativas visuais.

ABSTRACT

The research sought to reflect on the art of narrating life, from two stories narrated by settlers and their families, one from *Nova Santa Rita* and another from *Herval*, in *Rio Grande do Sul*. From the perspective of a joint construction of visual narratives, I sought to reflect on the image of the *narrator*, described by Walter Benjamin (1994), in the present rural context, thinking about the learning process of the *know-how to do*, of the experiences, the exchanges, the need of storytelling as well as the need of constantly reinvent themselves. The structure of the thesis consists of the introduction, in which the research topic is presented, following that the narrators and the course of the methodological work is given. The second chapter consists of an ethnographic video. The reflection on the learning process of these narrators is on the third chapter. The fourth chapter is devoted to the discussion of the networks that are part of these trajectories. And chapter five debates on the narrators life plans and their implications. These narrators tell stories of their *know-how- to- do* and of his wanderings, which give them the field for new and amazing stories. The challenge may be, charming a neighbor, a coach, a researcher, a person seeking help, seeking learning or just passing through. This feeling of belonging to networks enable the discovery of new worlds, which are constructed through the materials available to each kind of narrator. A camera or a recorder, an ointment label, a house, the history of every plant, every animal, every trip, every battle fought every encounter with a college student, a technician or with a master.

Keywords: Narrator. *know-how to do*. Visual narratives.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRASP - Associação Brasileira de Saúde Popular

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ASCAR - Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural

AVI - *Audio Video Interleave*

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

COHAB - Companhia Habitacional

COOPTEC – Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos

CPM - Círculo de Pais e Mestres

DESMA - Núcleo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica

DVD - *Digital Versatile Disc*

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de
Santa Catarina

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPEP – Instituto de Permacultura dos Pampas

ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma
Agrária

MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MT – Mato Grosso

ONG – Organização Não Governamental

PE - Pernambuco

PEAF - Programa Estadual de Agroindústria Familiar

PGDR - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural

PR - Paraná

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PT - Partido dos Trabalhadores

RODA- Rede orientada ao desenvolvimento da Agroecologia

RS - Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

SDR - Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

STR - Sindicatos dos Trabalhadores Rurais

SUS - Sistema Único de Saúde

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TV - Televisão

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	Introdução	12
1.1	Apresentando os narradores	19
1.2	Refletindo sobre o uso da imagem	25
2	Narrativas Visuais	38
3	Processos de Aprendizagem	39
3.1	O <i>Saber-fazer</i> com as plantas medicinais	40
3.2	A aprendizagem do <i>saber-fazer</i>	54
4	As redes por onde andam	73
5	O fazer dar certo	95
5.1	Agroindústria ou <i>raizeiros</i>	96
5.2	A casa de barro e o Projeto Cercas Vivas	101
6	Considerações Finais	111
	Referências	114

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:

Eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

1 Introdução

Esta dissertação é fruto de um mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, entre os anos de 2011 e 2013. A pesquisa foi desenvolvida dentro do Núcleo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica – DESMA e se insere na Linha de pesquisa 2 - Mediações Político Culturais, Estruturas Produtivas e Configurações Sócio Técnicas do Rural.

A pesquisa reflete sobre a figura do narrador, descrita por Walter Benjamin (1994), no contexto rural hoje, pensando sobre o processo de aprendizagem do narrador; o seu *saber-fazer* a ele associado; e as atualizações dessa arte de narrar. A estrutura da dissertação é composta por esta introdução, que busca apresentar o tema de pesquisa, os narradores e o percurso metodológico do trabalho. O capítulo segundo é composto por um vídeo com as entrevistas etnográficas. O terceiro capítulo reflete sobre o processo de aprendizagem desses narradores. O quarto capítulo será dedicado à discussão das redes que são parte dessas trajetórias. E o capítulo cinco debate sobre os projetos de vida desses narradores e suas implicações.

A proposta de pesquisa foi estudar a arte de narrar histórias de agricultores. Propunha-me especificamente à:

- a) registrar com o auxílio da imagem, a arte de narrar de agricultores;
- b) analisar estas narrações buscando compreender de que elementos são compostas;
- c) compreender os contextos sociais e as relações da qual essas histórias são parte. Durante o primeiro ano de mestrado diversas dúvidas surgiram sobre o objetivo da pesquisa, a interação social que ela geraria e sobre o universo de pesquisa a escolher. Minha maior dúvida era se o narrador de fato existia, ou seria uma construção puramente teórica, que eu forçaria enquadrar na prática, buscando pelo tipo ideal. Também me perguntava se esta seria uma discussão pertinente aos próprios agricultores. Buscar meus narradores se tornou tarefa tensa e foi então realizei algumas escolhas metodológicas que permitiram a concretização do trabalho de campo e o prazer na realização desse trabalho.

Aqui cabe me apresentar brevemente. Sou cientista social formada pela UFRGS e integrei o DESMA – Núcleo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica durante praticamente toda minha formação acadêmica. A proposta do grupo é avançar no sentido da interdisciplinaridade, tema tão difícil dentro da academia e também na vida prática. Certamente essa trajetória de uma convivência interdisciplinar me marcou muito. Também deixaram marcas as quatro disciplinas cursadas com o Professor José Carlos dos Anjos, que propôs a derrubada das fronteiras que tentam separar diversas disciplinas das Ciências Humanas, cujo diálogo e as trocas enriqueceriam tanto o saber-fazer científico. E a terceira faceta dessa trajetória é minha militância política, a qual não posso omitir e nem me isentar. Todo o processo de pesquisa só foi possível da forma que ocorreu por essas três facetas de minha trajetória e as marcas deixadas em mim.

Por diversos motivos, acabei optando por escolher um universo de pesquisa buscando não um local, mas uma rede, que por um lado estava muito próxima a mim, mas distante de minha ação acadêmica. O fato é que algumas pessoas inspiravam muito minhas reflexões, em especial na elaboração da minha proposta de pesquisa, mas com elas, até então, só havia tido contato pelo meu universo de militância. Alguns desses personagens tiveram em comum a recente participação no Projeto Agroflorestas¹, que realizou um mapeamento de áreas agroflorestais do RS, proposto no âmbito do PGDR, que tinha como parte da metodologia promover encontros regionais e um encontro estadual entre os agricultores mapeados, todos acontecidos no período da minha pesquisa. Escolhi então narradores dessa rede, que trabalhavam com temas que me motivavam muito: as plantas medicinais, a agroecologia e a bioconstrução. Temas que têm muito a ver com a minha própria trajetória, trazendo assim novos desafios ao meu saber-fazer de pesquisadora.

A metodologia dessa pesquisa baseou-se no trabalho etnográfico, com uso de conversas informais e formais (ECKERT; ROCHA, 2008). O registro audiovisual dos narradores se estabeleceu como ferramenta principal de pesquisa, que resultou em um vídeo etnográfico, o qual constitui um capítulo desta dissertação. A imagem aqui não é compreendida como uma cópia do real ou como comprovação da presença do antropólogo em campo (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 20). Nesse trabalho o uso da

¹ Projeto “Fortalecimento das Agroflorestas no RS: formação de rede, etnoecologia e segurança alimentar e nutricional”, que será chamado aqui como “Projeto Agrofloresta” e será melhor apresentado posteriormente.

imagem se propõe tanto a dar voz ao narrador, mesmo que através da mediação e interpretação do pesquisador, quanto proporcionar uma ferramenta de comunicação com os narradores pesquisados e também com o leitor, sendo aqui também um espectador.

Inicialmente pretendia trabalhar com três narradores, que foram definidos com o auxílio de mediadores sociais, especialmente de pesquisadores da equipe do Projeto Agroflorestas, caso de Seu João Mattos, assentado no município de Nova Santa Rita – RS; e de tio Juca, agricultor orgânico do Lami, na zona rural do município de Porto Alegre; e também por minha relação pessoal, no caso de Marília Gonçalves, assentada no município de Herval – RS. A partir das primeiras visitas já foi possível perceber que três narradores poderiam não caber em um trabalho deste porte. Além disso, havia a distinção entre ser assentado e não ser, que poderia tomar mais espaço que o desejado. A decisão foi que tio Juca merece um trabalho “solo”, sendo assim, este trabalho desenvolvido com os outros dois narradores e suas famílias.

O trabalho etnográfico pressupõe uma convivência e o estabelecimento de uma relação de confiança e troca, com o objetivo de compreender o contexto sobre o qual nos falamos esses narradores, seus modos de vida, cotidiano de trabalho, tensões, projetos,... Conforme Rocha e Eckert (2003),

A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa. Interagindo-se com o Outro, olha-se, isto é, "ordena-se o visível, organiza-se a experiência" conforme propõe Régis Debray. (ROCHA; ECKERT, 2003, p.3).

Como apresentado por Eckert e Rocha, a pesquisa etnográfica implica convivência e uma participação efetiva nas formas de sociabilidade do grupo pesquisado (p.9). A etnografia proporciona, mais do que conhecer os modos de vida dos pesquisados, exercitar o princípio de alteridade, que é tentar colocar-se no lugar do outro, para assim compreender suas motivações, dentro do seu contexto de vida. Proporciona também uma descrição densa do universo pesquisado, mas que não representa a realidade, mas sim a interpretação do pesquisador da sua interação e vivência de campo, a partir de suas compreensões teóricas e concepções de mundo.

A entrada em campo necessitou ser negociada e, em dois casos, acompanhada por pessoas que já haviam trabalhado com esses agricultores e que

agora me inseririam junto a eles. Outra questão foi a distância espacial, os custos e a logística para a chegada à propriedade, no caso de Herval, que dificultou um pouco a realização dos campos, envolvendo vários dias de tentativas e combinações. Obtive apoio de campo deste Programa, que viabilizou a questão financeira. Ainda restava a dificuldade do equipamento de filmagem, que felizmente foi cedida pelo Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS, através da mediação de minha orientadora.

Para além dessas questões práticas, essa entrada também dependia do interesse e abertura desses narradores para a proposta da pesquisa, que se deu das seguintes formas. Conheci Marília através de um trabalho de bioconstrução², no qual o meu coletivo de trabalho, o Casatierra³, se envolveu. Era a primeira construção de barro ou bioconstrução feita com o recurso de habitação destinado pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, sendo demanda de assentados da Reforma Agrária. Por muitos anos só conhecia Marília de ouvir falar e por fotos. Depois a vi num vídeo produzido pela Catarse, um coletivo de jornalismo de Porto Alegre. Somente em maio 2008 eu a conheci pessoalmente, em uma das suas vindas à capital, onde participava de um curso. Desde então compartilhamos muitas reflexões e debates, que durante o meu trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, em 2010, tornou-se ainda mais intenso. Na época eu fazia parte de um trabalho do DESMA, de registro de saberes no município de Maquiné - RS, de onde resultou meu TCC. Marília por sua vez realizava, ela mesma, um trabalho de pesquisa junto aos seus vizinhos mais velhos, em busca de saberes. Aprender a cultivar, a criar animais, a construir um rancho de torrão, a viver na campanha e muito mais. Ela me falava de um ponto de cultura que a família pretendia criar e de pequenos vídeos que ela astutamente produzia com o saber-fazer dos vizinhos. Isso realmente me encantava. Ela fazia quase o mesmo que eu, mas para aplicar na sua vida cotidiana. Essa relação, brevemente descrita, inspirou

² Bioconstrução é aqui considerada um dos saberes que compõe a agroecologia. Inspirada nos princípios da Permacultura, dedica-se ao desenvolvimento de estruturas construídas prioritariamente a partir de materiais disponíveis em cada lugar, buscando o mínimo de gasto energético, o máximo de conforto e a apropriação técnica, que passa pela pesquisa de práticas tradicionais de cada lugar, com o desafio de adaptá-las, melhorá-las ou até mesmo desenvolver inovações. A ideia é que quando a construção não mais tenha uso, os materiais possam ser reincorporados à própria "natureza" do lugar, sendo ela rural ou urbana.

³ O CaSaTieRRa é um coletivo de bioconstrução, arte e educação popular de Porto Alegre. Atua com movimentos sociais e comunidades, transformando espaços e relações sociais. <http://casatierra.wordpress.com/>

minha proposta de pesquisa para o mestrado. Quando finalmente coube o trabalho de procurar o tipo ideal “narrador”, encontrei dificuldades e frequentemente voltava à pauta a personagem Marília, que decidimos então assumir dentro da pesquisa. O convite para participar da pesquisa foi um tanto estranho, justamente devido a nossa proximidade, e foi aceito pelo mesmo motivo.

Já Seu João, me foi apresentado como a pessoa que eu procurava, que personificaria a figura do narrador. “Ele lida com plantas medicinais e diz que uma planta pode ser boa pra tal doença, mas não é a melhor planta pra ti. Ele fala com as plantas”. E assim ele me foi apresentado por três pessoas distintas. Para chegar lá, tentei me utilizar de um amigo técnico da COOPTEC – Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos, sem sucesso. Depois aguardei pela visita do Projeto Agroflorestas, que também esperava pela defesa de mestrado de uma integrante da equipe. Quando enfim chegamos na propriedade, a recepção foi muito boa. Pareceu-me que eles tinham vontade de contar sobre sua vida. Na segunda visita percebemos algumas relações em comum, para além do campo acadêmico, compartilhando assim posições políticas, que nos aproximaram e permitiram algum grau de cumplicidade.

Aprendizagem, redes e fazer dar certo, foram categorias escolhidas durante o trabalho de campo, enquanto ferramentas analíticas que buscavam representar e agregar a diversidade de temas que foram surgindo e que pareciam tão semelhantes, entre dois narradores e suas famílias, que até então não se conheciam.

O registro das imagens dependeu de um processo de negociação e do estabelecimento de uma relação de confiança e cumplicidade. Minha proposta inicial foi de fazer um vídeo sobre a história deles, com eles. O que eles gostariam de mostrar de sua trajetória. O que não gostariam. A construção conjunta do vídeo se constituiria nos principais “dados” da pesquisa. O vídeo tornou-se assim a principal ferramenta. Propus-me a contribuir com o trabalho cotidiano, muito inspirada em Benjamin (1994), que propõe que o narrador aprende a ouvir e a narrar durante o trabalho com as mãos, o que nem sempre foi possível, porque os dias de filmagem tornaram-se um evento bastante cansativo, onde meu trabalho com as mãos muitas vezes se restringiu à câmera e ao tripé.

Benjamin (1994) associa esse dom de ouvir ao fazer artesanal com as mãos, que no ato de tecer a matéria o ouvinte se entrega à história que está sendo narrada e adquire assim o dom de contá-la de novo. (BENJAMIN, 1994, p. 204). Esse dom de escutar tece "a rede em que está guardado o dom narrativo". (1994, p. 204) e também possibilita a transmissão desse dom às novas gerações.

Mas em outros momentos esse tipo de experiência de aprendizagem foi essencial. Envolvidos em algum fazer, travamos debates incríveis, que ao final, decidia-se tentar reproduzir em frente à câmera, algumas vezes sem e outras com sucesso. Em outras ocasiões a escolha era por uma entrevista filmada a partir de pontos pré-definidos conjuntamente ou por eles próprios.

Figura 1



Fonte: fotos da dissertação

Havia interesse por parte dos narradores de contar determinadas coisas, assim como outras não deveriam ser contadas. De minha parte eu poderia levá-los a sério ou não. E foi uma questão de muita reflexão durante o período do mestrado. O que significava "levar a sério os meus interlocutores"? Neste caso, não nos baseamos na ideia de distanciamento científico, comum a diversas vertentes de pensamento, mas partimos do pressuposto de que a proximidade pode nos auxiliar no exercício da alteridade. Levar a sério não significava tentar explicar o que está implícito no que nos conta ou então, no que não nos conta o interlocutor, mas um

exercício explícito de negociar o que seria mostrado. A proposta do vídeo pareceu ser bem recebida, especialmente pelos possíveis outros usos que um vídeo teria para essas pessoas. A relação aqui proposta não foi a sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Duas partes distintas refletindo de distintos lugares. Não pretendi alcançar a simetria, pois muitas vezes “ser da universidade” e a dimensão técnica nisso envolvida, está bastante consolidada como relação de poder em nossa sociedade. Não busquei somente as histórias e percepções das pessoas sobre determinados temas, mas busquei acima de tudo me envolver e construir opiniões compartilhadas, a partir de muitos e repetidos debates, que referenciam boa parte da escrita⁴. Não busco, porém, falar em nome dos narradores. Conto com minhas palavras e estilo próprio, alguns dos muitos assuntos debatidos. Essa é a minha versão do que refletimos juntos e separadamente. É a minha narração. Mesmo as narrativas visuais são também uma leitura, que recortam partes, privilegiam assuntos e tentam imprimir um ritmo próprio ao filme. E o objetivo desse tipo de fazer é, de certa forma, questionar a construção do saber-fazer científico, que são muitos e tentar trilhar caminhos outros. A pretensão aqui seria experimentar uma reflexão de fundo epistemológica, dando predominância ao que nos conta os narradores.

A partir da aceitação da proposta de construção das narrativas visuais, desenvolveram-se duas distintas trajetórias de campo, envolvendo diferentes tempos em campo, tipos de interação e resultados práticos. Na casa de seu João Mattos, bastava uma viagem de trem, mais vinte minutos de ônibus e uma caminhada de dois quilômetros para chegar à propriedade. Optei por visitas de um dia, pois seu João se ausentava do trabalho de pedreiro nesse dia. Além do fato que conheci Seu João e Dona Loia durante e para a pesquisa, o que me possibilitou determinado tipo de relação e envolvimento. Então as histórias eram contadas então para uma pesquisadora visita, que aparecia de tempos em tempos.

Já na Marília levava quase um dia só para chegar à casa. Era um ônibus até Pelotas, outro até Arroio Grande, outro até Herval e outro ainda até o assentamento, que só passa três vezes por semana, com sorte. Saía de Porto Alegre as sete e

⁴ Estas reflexões foram instigadas pelas discussões da disciplina de Antropologia Rural/PGDR 2011/1, ministrada pelos Prof. Dr. José Carlos dos Anjos, especialmente pelos seguintes textos: CASTRO, Viveiros, O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, abr. 2002b. Disponível em: <<http://www.ppgasmuseu.etc.br/mana.html>>. GOLDMAN, M. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 149-153, 2005. FAVRET-SAAD, J. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

chegava à sua casa pelas dezoito horas. Dessa forma os campos eram programados para serem mais longos, tendo durado entre sete e dez dias. Aí, posso afirmar que um campo precisamente etnográfico foi mais possível, rendendo uma densidade de temas e reflexões, que pode ser percebida no vídeo e no texto. Considero importante marcar bem essas duas situações, que produziram distintos resultados.

Faz-se importante também esclarecer sobre os termos agricultor e campesino, utilizados no texto. Não busquei aqui classificar os narradores dentro do debate teórico em torno das categorias sociais *Campesinato* e *Agricultura Familiar*, debate tão importante no campo do Desenvolvimento Rural. A opção foi utilizar o conceito de narrador e a categoria nativa destes, que se denominam campesinos. Esta é uma definição política do MST, adotada pelas duas famílias, devido a sua identificação com o debate. O termo agricultor tem aqui um uso genérico, associado a seus saber-fazeres que envolvem os distintos ofícios rurais, que vão além de arar a terra, sendo que nenhum dos dois narradores normalmente assim se identifiquem publicamente, tema que será refletido posteriormente.

1.1 Apresentando os narradores

O que é um narrador? Seu João, Dona Lóia e Marília são entendidos aqui como narradores, que para Walter Benjamin (1994) é um personagem que aprende e desenvolve a arte de contar histórias. Histórias que são retiradas das experiências vividas – das suas e dos outros - que passam de pessoa a pessoa e não podem ser confundidas com a informação. Esta seria descartável, necessitando de uma confirmação prática, uma veracidade, que não tolera o miraculoso. A informação é característica de nosso tempo. De rápida circulação, mas vazia de sabedoria, tem prazo de validade, segundo Benjamin (1994).

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. [...] Metade da arte narrativa está em evitar explicações. [...] Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Os narradores que despertaram minha atenção foram, num primeiro momento, "os antigos", que normalmente se apresentam associados a seu saber-fazer. Dentre os jovens, minha atenção se voltou para os aprendizes que buscam conhecimento junto aos mais velhos, e que muitas vezes são também considerados

“os *de fora*”, porque tem origem urbana ou porque possuem comportamentos e interesses associados aos urbanos.

"Um narrador é um homem [ou uma mulher] que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis." (BENJAMIN, 1994, p. 200). Ela [a narração] não se encerra em si própria, pois está articulada a sabedoria de um grupo ou até mesmo de toda uma sociedade. (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Benjamin reagiu às transformações de seu tempo, centrando sua crítica no poder de destruição do romance sobre a arte de narrar, na época onde o romance ascendia junto com os meios de comunicação de massa. Mas as transformações não cessaram, hoje avançando numa velocidade talvez ainda maior que naquele tempo, devido aos desenvolvimentos tecnológicos e científicos. Mas, o narrador não desapareceu. Ele continua aprendendo e contando as mais extraordinárias histórias por toda a parte. Seja no rural ou no urbano; nos países pobres e também nos ricos. Mesmo muitas vezes desassociando seu contar da sua arte de fazer com as mãos, ele segue se perpetuando através dos tempos.

Nosso primeiro narrador é João Mattos, filho de agricultores, nasceu em Palmeira das Missões - RS em 1956, de onde saiu em 1973, com 17 anos rumando para Barracão, em Santa Catarina, quase divisa com o Paraná, em busca dos parentes. Foi viver com uma tia viúva, para ajudar nas lidas da roça e acabou se apaixonando pela prima em primeiro grau, Loia Oliveira, nascida em 1960, em Guarujá do Sul - SC, com quem se casou três anos depois de conhecerem-se, tornando-se sua companheira de andanças por esse mundo. Eles desbravaram o norte e o sul do país, em um movimento de idas e vindas constantes. Em 1979 mudaram para a cidade de Rolim de Moura, em Rondônia buscando emprego nas serrarias e novas fazendas de gado. Em 1981 retornaram ao sul, para Palma Sola - SC onde Seu João trabalhou como pedreiro por um ano. Em 1982 novamente apostaram nas terras do norte tentando a sorte, rumaram para Colíder - MT, cidade sendo desbravada, que concedeu oportunidades especialmente na construção civil. Em 1985 retornaram a Guarujá do Sul por mais um ano. Então ficaram sabendo na rádio que empresas interessadas em mão de obra estavam levando novos trabalhadores, providenciando o transporte dos pertences e móveis. Mais uma vez apostaram na busca da sorte, dessa vez em Nova Canaã - MT, e em 1987 Seu João

foi sozinho para Analândia - MT para trabalhar no garimpo. Em 1988 retornaram para São José do Cedro - SC. Em 1990 rumaram para Sorriso no MT, e no mesmo ano retornaram a Colider - MT. Enfim, em 1993 voltaram para o sul, novamente para Palma Sola - SC, onde seu João e a família trabalharam como capataz em uma fazenda por quase sete anos. Neste período iniciou sua formação com as plantas medicinais, estimulado por seu interesse e pela saúde de Dona Loia, que andava mal, na época. Foi aí que se envolveram com o método bioenergético, que mudou suas vidas. Viveram então mais quatro anos no meio urbano de Palma Sola, desenvolvendo o trabalho com as plantas medicinais e seguindo a formação com o método bioenergético. Nessas andanças foram treze cidades em trinta anos. Essa migração teve a ver com o processo de colonização do Norte do país, que contou com importante papel do Estado, que financiava as terras e terrenos urbanos, em cada novo lugar para os que aceitavam o desafio de desbravar. Em muitos lugares as dificuldades de adaptação eram muito grandes: com os empregadores, com lugares onde os alimentos só chegavam de avião, com as doenças, a falta de estrutura, os perigos das terras ainda não desbravadas, as leis dos lugares perdidos, dos garimpos, dos desmatamentos, das serrarias, das empreiteiras, com a distância da família. Tiveram muitos filhos a quem ensinaram seus saberes. Seu João trabalhou muito como pedreiro e também como homem do campo, serrador, capataz, comerciante, garimpeiro. Experimentou de muitos mundos: da roça, da cidade, do trabalho autônomo e de empregado, de proprietário e de sem terra. Seu João sem dúvida é um viajante, como propõe Walter Benjamin (1994), que conhece o mundo viajando-o, tendo dessas experiências muito para contar.

Um detalhe da reconstituição dessa extensa trajetória do casal é que não conseguimos fechar os anos vividos com os anos lembrados. Faltaram anos para tantas experiências lembradas. Mas como a intenção aqui não é produzir um documento com pretensão de verdade, mas refletir sobre o ato de contar, que envolvem esse acionamento da memória, os anos servem então como referências.

Seu João também nos conta sobre o seu saber-fazer com as plantas medicinais, que aprendeu com muitos mestres, aperfeiçoou com a experiência e o tempo e vem contando para muitos aprendizes. Esse conhecimento é desenvolvido e transmitido dentro de redes, que também articulam outros ideais, como veremos. Em 2001 decidiram então voltar para o Rio Grande do Sul, rumando para o

município de Sapiranga, para ficar mais perto de parte da família que mora no município vizinho, Novo Hamburgo - RS e a migração teve que continuar. A adaptação aqui não foi fácil. Decidiram então acampar junto ao MST, apostando na luta pela terra. O sonho de tirar dela o sustento, que estimulou tantos e tantos anos de migração dessa família, agora encontrou outros caminhos. Passaram três anos embaixo de lona, no acampamento de Arroio dos Ratos - RS. Hoje são assentados no município de Nova Santa Rita - RS, que possui quatro assentamentos: Capela, Itapuí, Sinos e Santa Rita de Cássia II, onde vive o casal, ao todo com cerca de 315 famílias assentadas. O processo de demarcação dos lotes demorou, tendo as famílias, nesse tempo, se mudado provisoriamente para as terras. Contam que no início sentiram o desconforto dos vizinhos, antigos moradores da localidade, que se assustaram com o perigo representado pelos novos moradores. Com o tempo e o estabelecimento das relações, esse estranhamento foi diminuindo.

Contam também de sua trajetória dentro do MST, que propiciou muitas oportunidades e também desafios. Seu João assumiu tarefas de direção e tornou-se um mestre, ensinando e aprendendo sobre as plantas por diversos pagos⁵. Hoje o casal aposta na construção de uma Agroindústria Familiar de beneficiamento de plantas medicinais, a muito custo, e pretendem retomar o trabalho com o método bioenergético, um importante saber-fazer do casal.

Marília Gonçalves, nossa outra narradora, nasceu em 1982, no município de Campo Mourão - PR. O pai era Engenheiro Agrônomo e a mãe uma liderança comunitária, figuras versáteis que muito influenciaram os três filhos – Marília, Mônica e Márcio - nas escolhas e trajetórias de vida. Quando criança Marília acompanhou os pais em suas andanças. Quando tinha três anos se mudaram para Barra da Estiva, na Bahia, onde o pai assessoraria a derrubada de árvores e implantação de uma grande fazenda. Em troca receberam um pedaço de terra, onde produziam alimentos para comercialização na feira municipal. Em 1988, por pressão materna, retornaram ao sul brasileiro, novamente para Campo Mourão, onde o pai assumiu um cargo de Secretário Municipal da Agricultura por dois anos. Nessa época a família viveu em um condomínio de classe média, uma vida bastante urbana.

⁵ Pagos (*latim pagus*) é uma palavra do espanhol, de uso popular no sul da América Latina, que significa pequena aldeia, lugar onde se vive ou de onde se é originário.

Em 1990, logo que o mandato de governo teve fim, decidiram retornar à cidade natal dos pais, Herval - RS, por intermédio de um padre amigo da família. Em Herval o pai trabalhou em dois distintos governos municipais, como secretário de agricultura e a mãe no Posto de Saúde e mais tarde, na Secretaria de Turismo. Por divergências políticas a família decidiu se retirar do governo. Tempos de desemprego. Entre 1995 e 1996 o pai passou a assessorar o processo de vistorias de terras para a criação de assentamentos na região sul do estado. Nessa época a mãe passou a trabalhar na secretaria regional do MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Depois disso viveram mais um período de desemprego e foi então tomada a decisão de acampar.

Agora os filhos já eram adultos e cada um poderia tomar a sua própria decisão. A mãe, Vera, decidiu acampar, pois acreditava politicamente no movimento, apesar das críticas às estruturas e lideranças locais. Mônica, irmã mais velha de Marília, planejou passar um curto tempo e logo conquistar uma casa para ela, o marido e os dois filhos não mais pagarem aluguel. Já Marília, com dezenove anos, era mãe de Lia e estava grávida do segundo filho, Dudu, estando separada do pai da criança. Quando a família partiu para o acampamento decidiu morar com a avó, em Bagé - RS. Após uma semana na nova morada, decidiu visitar a família acampada e não saiu mais de lá. Logo cada um assumiu uma função de coordenação ou tarefa no acampamento. Foi uma formação política intensa, onde todos os dias havia reuniões gerais e dos grupos de trabalho. Marília tornou-se professora no assentamento.

Um ano acampados em Hulha Negra - RS e se anunciou a terra prometida, muito antes do imaginado. A notícia de serem assentados em Herval - RS surpreendeu-os mais ainda, pois por um lado, era sua terra, onde já conheciam muitas pessoas, mas por outro, havia muitas relações políticas já estabelecidas e suas tensões. Então se iniciou a fase da chegada à terra. Foram muitas dificuldades. Um lugar novo, distante, com novos vizinhos, o estigma que sofrem os militantes, as nuances e jogos de aceitação, formar um assentamento, as contradições, os tempos das burocracias. A inexperiência das filhas com a lida do campo. O pai que guiava a família. A morte do pai e o tempo de se repensar.

A decisão de fazer a casa de barro foi o segundo marco na vida de Marília, depois da decisão de acampar. As duas decisões abriram muitas portas, com os

vizinhos; com mediadores de diversos tipos; permitiu participar da direção estadual do MST; possibilitou entrar em redes; circular por espaços; e abrir horizontes para novos desafios. Hoje o projeto de constituição de unidades demonstrativas agroecológicas de cercas vivas, consorciadas com produção animal de ovelha e gado, é o que tem movido os esforços da família. E é sobre esses desafios e sobre os processos de aprendizagem que Marília nos conta.

Pelas trajetórias aqui apresentadas, os narradores deste trabalho podem ser compreendidos como um misto entre os dois grupos identificados por Benjamin (1994), "o que conta o saber das terras distantes" e "aquele que recolhe o saber do passado" (BENJAMIN, 1994, p. 199). O que percebo é que o universo de narração tem se modificado junto com nossas sociedades. E hoje as dimensões com que muitos agricultores têm de lidar são bem mais complexas do que o rural e o urbano; ou o conhecimento tradicional versus o científico. São tramas de redes, que se entrecruzam e que utilizam recursos mais sofisticados que o olho, a alma e a mão.

Então nos cabe perguntar quem são esses narradores de hoje? Como atualizam seus saberes? E quais as dimensões que compõe suas histórias e sua vida? Por onde transitam suas experiências? E como eles marram-nas? Que tipo de discurso está sendo confeccionado, a partir da arte da *bricolagem*⁶ que nos fala Michel De Certeau (1998)? A construção do conhecimento de agricultores hoje recebe influências de diversos campos de conhecimento e precisam se articular a universos cada vez mais complexos, de novas formas de comunicação, de ferramentas tecnológicas e relações sociais diversas, de redes sociais. O narrador segue existindo e atualizando constantemente sua arte de contar, tanto em sua forma, quanto em conteúdo (GILROY, 2001).

Partindo dessa ideia de narrador e desses dois personagens que narram suas trajetórias de vida, proponho então pensar sobre os processos de aprendizagem que constituem suas experiências, as suas relações com as distintas redes onde transitam, aprendem e transmitem seus saber-fazeres e onde constroem seus projetos de futuro, mas não sem antes pensar alguns dos significados do trabalho com imagem nessa pesquisa.

⁶ A ideia de *bricolagem*, de De Certeau (1998), pode ser comparada a um recortar e colar, que escolhe partes de distintas figuras, juntando-as em uma nova ordenação, para formar uma nova imagem. Tem a ver com os usos populares das culturas dominantes e suas apropriações, para além do consumo.

1.2 Refletindo sobre o uso da imagem

A proposta de pesquisa feita às duas famílias foi de realizar um vídeo sobre histórias de suas vidas. Argumentei que os saberes dos agricultores e suas histórias de vida podem transmitir conhecimento a outras pessoas. A proposta consistia também na confecção coletiva do vídeo, da forma que fosse possível, a partir da relação que estabelecêssemos e dos tempos possíveis.

Realizei um primeiro campo, para aprofundar relações e conhecer a dinâmica das famílias. Nesse primeiro campo fui sem a câmera e até senti certa pressão por sua ausência, que assim que possível, passou a me acompanhar. Essas primeiras visitas serviram para falar mais livremente e construir a proposta inicial do vídeo. Mas percebi que, de fato, o conteúdo do vídeo é definido mesmo em frente à câmera. Algum planejamento quanto a roteiro é essencial, mas o que será dito e em qual intensidade, depende muito do envolvimento de todos os atores no momento da entrevista. O processo de construção do vídeo foi distinto em cada um dos lugares, como já mencionado.

No encontro de Seu João e Dona Loia com a câmera, logo surgiu uma polêmica. Como iriam se dirigir a câmera? Seu João ensaiou uma palestra, como se estivesse falando para uma plateia. Dona Loia questionou o formato, me indagando como seria a melhor forma de filmar. Propus que a gente começasse a conversar despretensiosamente e que tudo poderia ser [e de fato seria] cortado e manipulado, sendo somente alguns segundos selecionados do todo filmado. Surpreendeu-me o fato de que o casal sabia exatamente o que contar e o fizeram com grande destreza em frente à lente. Em raros momentos me foi solicitado que eu fizesse perguntas. Eles desataram a contar suas vidas por horas a fio. Muitos fatos eu já havia escutado nas visitas anteriores e agora eram detalhados e muitas vezes, sintetizados. Outros eram novos, e agora passavam a ser articulados a desafios e situações vividas pelo casal. A sensação é que a câmera já estava sendo esperada. Perguntei ao casal se eles haviam preparado os temas que queriam falar, tendo eles me dito que não.

Eles se preocuparam com a estrutura do vídeo, para além das entrevistas. Como seria a abertura, quais outras imagens poderiam compor e ficou combinado que iríamos realizar trabalhos práticos com as plantas, colhendo, manejando, extraíndo a essência, secando na estufa e tudo mais. Infelizmente, todas as vezes

que eu decidia visitá-los o tempo fechava e a chuva impedia a saída para a roça, o que gerou certa ansiedade, deles e minha. Então optávamos por conversas dentro de casa e no galpão.

Os dois muito me mostraram sobre a infinidade de plantas que cultivam no entorno da habitação, ressaltando a dimensão da autonomia que representa ter um remédio na volta da casa e a importância de ter conhecimento para saber usar as plantas. Fizem várias tomadas explicando o uso das plantas, que acabaram não entrando no vídeo, onde foi priorizada a trajetória pessoal.

Figura 2



Fonte: fotos da dissertação

Dos dois, percebi que organizaram a propriedade, a posição de cada planta, os caminhos, as histórias sobre cada planta, tendo como objetivo ensinar aprendizes. As visitas são comuns na propriedade, que recebe muitos estrangeiros, direcionados pelo movimento, além de estudantes, outros agricultores, técnicos e pessoas em busca de cura. Sendo assim, o casal acostumou-se a ser mestre e recebe muito bem os visitantes. Senti que me contavam sobre as coisas que estas pessoas vinham buscar aprender junto com o casal. Aprenderam assim também a

se contar. A organização da propriedade e das plantas participa também dessa forma narrativa que eles desenvolveram.

Já na Marília foram necessários muitos dias e muita conversa pra saber o que dizer à câmera. Havia certa insegurança sobre o objetivo do vídeo e da pesquisa como um todo. De minha parte tentei fazer propostas tentando facilitar, que não ajudaram muito. Só quando a família assistiu ao vídeo do meu TCC, e especialmente tocados pela entrevista de Rodrigo Wolf e Jacimara Machado Heckler⁷, que decidiram falar e o que deveriam falar. Eu mesma não consegui explicar minhas intenções tão bem quanto o vídeo pôde comunicar, destacando aqui um dos potenciais usos da imagem como ferramenta de comunicação entre mundos. Essa sessão de cinema, no notebook de 14', posicionado numa cadeira em frente ao sofá que reunia a família, gerou um intenso debate que entrou noite adentro e envolveu-nos profundamente. Foi nesse momento que entenderam o tipo de trabalho que poderia resultar dessa pesquisa e o que eu estava buscando ao tentar contar a sua história. A partir desse debate, dos desafios, meus e deles, com os diversos temas, o que poderia ser mostrado, o que não podia ser ocultado, e o que era importante ser dito nesse espaço – o vídeo, toda a família se engajou no trabalho de filmagens.

A qualquer momento a câmera era solicitada, da mesma forma que muitas vezes eu precisava insistir para que o registro tivesse seguimento. O período onde ocorreu a maior parte das entrevistas era fevereiro, tempo de muito calor e Marília estava na fase final da gravidez de Ernesto, tornando o trabalho de filmagem bastante penosos, especialmente para ela. E como dito, a família toda se engajou nas filmagens. Para tanto, Mônica, irmã de Marília, vinha diariamente de seu lote, que fica há poucos quilômetros. Para organizarmos o trabalho e manter alguma disciplina, as manhãs eram dedicadas aos trabalhos da casa e das lidas com os bichos e as tardes nos mudávamos para a sombra das duas antigas coronilhas⁸ que beiram a casa e lá nos deixávamos ficar, em meio aos equipamentos de filmagens,

⁷ O vídeo é um dos capítulos do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, intitulado “*Três Histórias Rurais: Memórias de Agricultores no Litoral Norte do RS*”, onde Rodrigo e Jacimara narram suas trajetórias no aprender a ser agricultor. Marília e sua irmã, Mônica, haviam conhecido Rodrigo pessoalmente, pouco tempo antes, no I Seminário Estadual de Agroflorestas.

⁸ Planta da região sul do RS (*Scutia buxifolia*).

ao mate, reclamando do calor e das caturritas⁹ que chegavam em bando para comer as frutinhas das árvores, causando grande alarde e muitas vezes atrapalhando a concentração e as filmagens.

Figura 3



Fonte: fotos da dissertação

A família já tinha duas experiências em frente às câmeras. Em uma delas foram registrados pelo *Globo Repórter*, programa de sexta-feira a noite, de uma emissora de TV de veiculação nacional. O episódio virou anedota familiar, que é contado com grande diversão. Em 2010 Marília realizava uma das primeiras falas públicas para fora do movimento, em um evento em Araraticá - RS sobre mudanças climáticas, onde desenvolveu uma reflexão sobre os monocultivos que vem invadindo sua região, contando que só naquele mês haviam ocorrido vinte e três temporais com formação de tornado e granizo, que atingiram o assentamento e a cidade de Herval. Ela avaliou como péssima sua performance, mas foi nesse espaço público que recebeu o convite para participar de uma edição do referido programa semanal, que discutiria mudanças climáticas. O convite foi analisado pela família,

⁹ Ave (*Myiopsitta monachus*) nativa das regiões subtropical e temperada da América do Sul. Também conhecida como catorra ou cocota. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caturrita>

que preocupou-se com a possível manipulação das suas falas, com o agravante de fazerem parte da direção estadual do MST e as possíveis implicações. Enfim decidiram participar, tomando uma série de cuidados do que, quem e como falar. Marília conta que conforme o repórter que a entrevistaria ia cruzando de carro o estado, uma editora do programa ligava para eles mudando o conteúdo da entrevista. Acabou que enfim, não queriam que mencionassem ser assentados, nem pertencer ao MST, só devendo falar sobre a casa à prova de tornados. A resposta de Marília foi “então manda ele dar a volta, porque a casa não é a prova de tornado e nós somos assentados”.

Enfim a entrevista foi dada, com muitas resistências e dificuldades. A família não ficou nada satisfeita em como foi mostrada e como se deu o processo de negociação e registro. Essa experiência frustrada também influenciou na aceitação de participar desse vídeo, avaliando que essa seria uma possibilidade de fazermos algo diferente. Não era agora a Globo ou um estranho *enfia* uma câmera na cara, mas pessoas que se conheciam construindo um vídeo. Além disso, havia o interesse nos outros usos possíveis dessa produção.

A partir dessa experiência da família com o *Globo Repórter*, podemos refletir sobre o uso da imagem do outro na grande mídia. Michel De Certeau (1998) considera a produção cultural de nossa sociedade "racionalizada, expansionista, além de centralizada, barulhenta e espetacular" (1998, p. 39). A imagem do outro é usada para fins estranhos ao sujeito que se expõe em frente a câmera. Decidir conceder uma entrevista sobre determinado tema a uma grande rede de televisão, torna-se uma aventura com final improvável. De modo geral, os grandes meios de comunicação produzem *informação* [e não *narração*], o mais possível sensacionalizada e recortada de contextos. O tempo dessa produção é o tempo do capitalismo, que precisa estimular o consumo e que tem rápida circulação.

O caso de Marília é um bom exemplo. Não importava à emissora contar a história desses assentados que construíram outros caminhos para pensar o seu morar. De toda a história, só interessava uma imagem, recortada e sensacionalizada, de uma casa, que a própria emissora denominou *à prova de tornados*. Seriam então alguns segundos, recortados de qualquer parte do que foi dito em frente à câmera. Não interessou o que as pessoas queriam dizer e como gostariam de ser mostradas. No caso da família, o que percebo é que a casa é parte

de toda uma reflexão e de um processo de transformação, que envolve o questionamento ao modelo produtivo, o papel do agricultor e do assentado, da busca por autonomia e de uma ação reflexiva frente ao mundo. De uma contestação a modelos impostos pelo sistema capitalista e uma responsabilidade de buscar conhecimentos jogados para baixo do tapete por esse mesmo sistema.

Outra questão a refletir é *quem* produz essa informação, que é feita de forma centralizada, representando assim uma via de mão única do produtor ao consumidor. De Certeau (1998) centra seus esforços em reconhecer a capacidade de subversão no uso dessa produção/informação recebida, onde o "consumidor" "não rejeita-a diretamente ou modifica-a, mas pela sua maneira, usa-a para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não se pode fugir" (1998, p. 39). Essa posição do autor é importante para não essencializarmos puramente esse consumo, alertando para a capacidade crítica dos atores sociais, que também usam essa informação para produzir subversão. Essa reflexão também nos remete ao contexto de produção da internet, que proporciona hoje a oportunidade de produções descentralizadas, alterando o quadro produtor-consumidor, que permite que os consumidores também produzam e façam circular, tanto a sua própria produção, quanto informações selecionadas por eles próprios.

A simples possibilidade dessa produção descentralizada transforma o campo de possibilidades nos imaginários das pessoas de nosso tempo. E com essa expectativa que precisamos aprender a lidar, enquanto pesquisadores engajados na produção imagética em pesquisas. Chegar em campo com a câmera na mão desperta uma série de expectativas sobre o resultado da interação, que inexistiam sem a presença da câmera. É necessário também considerar que as pessoas hoje possuem referências estéticas e de conteúdo, bastante largas.¹⁰ Diferentemente de uma dissertação - que é um calhamaço de papel, com mais ou menos cem páginas, numa linguagem escrita, codificada, contendo análises muitas vezes não compartilhadas, ou seja, pertencendo assim ao mundo da academia – uma produção fílmica ou fotográfica pode ser apreciada, interpretada e avaliada por um

¹⁰ Segundo um levantamento do Governo Federal sobre hábitos de informação no Brasil, 94,2% da população brasileira costuma assistir televisão. A maioria, 77,2%, costuma assistir apenas a TV aberta. Quase metade da população brasileira (49,6%) costuma assistir TV de duas a seis horas por dia. 9% da população assiste TV por um período superior a seis horas diárias, enquanto 11,8% dos espectadores permanecem menos de uma hora em frente à televisão. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao-da-populacao-brasileira-ii.pdf>

universo muito maior de atores. Pode também, como já mencionado, ser usada para outros fins, alheios à pesquisa, como por exemplo, mostrar aos parentes, aos amigos distantes, a estudantes, aos vizinhos, aos técnicos, publicizada na internet ou ainda fazer circular nas redes pelas quais as pessoas transitam. Não deixa também de representar uma forma de reconhecimento social.

Dessa forma, a presença do pesquisador com a câmera pode representar uma oportunidade de enfim realizar a sua própria produção de imagens. O pesquisador, assim pode representar uma ferramenta. Mas é necessário considerar que o próprio pesquisador possui também seus objetivos nessa produção. E então os resultados dependem muito da interação e mediação estabelecidas entre eles. Como mencionado, a presença da câmera pode representar uma oportunidade, como no caso de Seu João e Dona Loia, que me convidaram para registrar o casamento de sua filha, segundo eles, “um autêntico casamento da roça”. De minha parte fiquei honrada, mas enfim não foi possível acompanhar o festejo, situação frustrante para nós todos. Também Marília pensou em aproveitar a câmera, na época que ficaram sem a sua fotográfica, para registrar o recém-nascido Ernesto. Com tantas demandas que envolviam a realização do campo e os registros, essa filmagem ia sendo protelada, só sendo possível no último campo, sendo considerada pela família, presença importante no vídeo.

Além disso, é necessário pensar sobre a exposição da imagem do outro, que carrega um peso muito grande. Falar de alguém é diferente de mostrar alguém. Uma imagem muitas vezes perpetua-se na memória. Através das redes, ela pode viajar muito mais longe do que a própria pessoa já pode ir. Muito mais rápido também. A imagem é uma forma de exposição e seu uso assim, carrega uma dimensão de poder importante. Dessa forma as questões éticas que envolvem a pesquisa, com a presença da imagem, se tornam ainda mais importantes. Diferentemente de um texto acadêmico, que geralmente é lido dentro de círculos restritos, normalmente por outros pesquisadores, uma produção imagética pode extrapolar o universo acadêmico e o círculo dos conhecidos. Dessa forma, ao mesmo tempo em que facilita a comunicação com muitos tipos de pessoas, também pode gerar grande exposição e impacto na vida de seus protagonistas.

O trabalho com imagem envolve também muitas ansiedades. Como terá ficado as imagens que fizemos hoje? O que de fato foi registrado pelas lentes?

Como ficará o arranjo final? Qual história, dentre tantas, será contada? O que meus vizinhos vão pensar se me virem? O que meus narradores vão achar do resultado? Quando terei as imagens? Como poderei usá-las? Será que alguém mais se agrada? Nas duas casas fomos surpreendidos pela visita de vizinhos, que se intrigaram com a presença da pesquisadora e da câmera. O que teriam de especial esses moradores [e não outros] para dizer de tão importante, que merecesse ser filmado? Essas são algumas das tensões vividas neste trabalho com imagem.

Muitas falas e temas não couberam no vídeo, que é sempre feito a partir de cortes e recortes, que, como boas ou más fotografias, expressam ou não um contexto, uma ideia completa ou ainda amarram a próxima ideia. Acima de tudo, o vídeo possui um tempo, que não é o tempo da pesquisa, ou do pesquisador e muito menos do pesquisado. É um tempo do espectador, que prende sua atenção na tela por poucas dezenas de minutos. É uma atenção treinada pelas telas de TV que nos mostram imagens rápidas, coloridas, barulhentas e que muitas vezes não toleram o tempo de contar uma vida.

Registrei, coincidentemente, 180 minutos em cada narrador, que resultaram num total de 6 horas de imagens brutas, que no seu João representaram 53 arquivos no formato AVI¹¹ e na Marília 68 arquivos. A maior parte dos registros consistia em entrevistas, filmadas com uma câmera *SONY handycam HD AVCHD*, com o auxílio de tripé. Posteriormente realizei a transcrição de tudo o que foi falado, trabalho que levou cerca de dois meses. Esse foi o trabalho mais penoso, mas que me proporcionou um controle completo do conteúdo de todas as imagens. A partir daí passei a selecionar boas histórias, que poderiam entrar ou não no vídeo. Também selecionei trechos das trajetórias individuais. O desafio inicial era produzir um vídeo, com no máximo, 15 minutos. De 6 horas, produzir 15 minutos. O primeiro corte trazia uma história com 22 minutos e outra com 46 minutos. Novos cortes resultaram num formato de 15 minutos e 24 minutos, totalizando 39 minutos. Ainda muito acima do desejado, que decidi apresentar aos narradores.

Nesse momento de retorno, muitas inseguranças me tomaram, relacionadas às distintas temporalidades envolvidas e aos objetivos da pesquisa, a partir dos quais foram escolhidas algumas histórias em detrimento de outras. Também havia sido necessária uma combinação entre as histórias dos dois narradores. Além disso,

¹¹ *Audio Video Interleave* — formato de arquivo de vídeo.

o vídeo não estava acabado, faltando praticamente todas as imagens de cobertura, que são as imagens dos fazeres, dos trabalhos, das paisagens, que cobrem as falas de entrevista em muitos trechos, servindo para dar maior leveza, devido a grande quantidade de falas e especialmente, buscam mostrar um pouco do contexto vivido pelos narradores.

Apresentei primeiro na casa de Marília, onde senti que o resultado não era bem o esperado. A avaliação foi de que ele cumpria aos *objetivos da minha pesquisa*, mas faltavam alguns temas que eram caros à nós duas. Em 24 minutos desse corte, 25 temas eram apresentados pela narradora. Um conjunto de imagens, que envolviam a história do *Globo Repórter*, episódio contado anteriormente, foi descartado por ela. Também não agradou-lhe um trecho onde relatava o período de saída de casa, no qual eu tentava mostrar a inserção dela nas redes, que precisou ser demasiadamente cortado. De minha parte defendi a permanência deste trecho, pois considerava essa experiência muito importante. Sentiram falta de algumas imagens e de melhorar a introdução a alguns temas. A partir daí insistiram com Lia, que é filha de Marília, hoje com 14 anos, para que me mostrasse sua criação de galinhas, que é uma das suas aprendizagens com a vizinha Daurinha. Lia, na época, se negou a aparecer nas filmagens, mas ajudou em algumas tomadas.

Faltava mostrar a casa, da qual tanto se falou. E também um pouco mais dos bichos e das lidas. E faltava falar sobre as transformações na paisagem que vem sendo assistida desde o assentamento da família. Mas a visita foi demasiadamente rápida, e na única tarde que iríamos filmar, caiu uma forte chuva. As imagens então foram feitas em frente à casa e já de noite, dentro de casa. Por ironia do destino, essas imagens foram perdidas, sendo assim necessário retornar à propriedade no período de finalização desse trabalho.

Logo depois apresentei o vídeo para Seu João e Dona Loia e tive a impressão que eles gostaram do resultado. O comentário de Seu João foi: da história de vida, é isso aí mesmo. Mas sentiram falta de imagens dos seus fazeres, que envolviam as plantas e o método bioenergético. Finalmente iriam me mostrar, na prática, o método e foi então que a tecnologia me traiu. A filmadora travou na primeira filmagem, o que levou a perda dessa oportunidade tão esperada e também dos arquivos filmados recentemente na Marília, que eu ainda não havia retirado da filmadora por imprudência e excesso de confiança no equipamento e na tecnologia. Esse episódio

me fez avançar mais alguns passos no meu saber-fazer da produção fílmica, mas também representou uma grande tensão, devido aos prazos da defesa. Seu João logo me tranquilizou e deixamos nosso encontro marcado para tão logo o equipamento estivesse em condições.

Esses dois retornos me fizeram refletir muito sobre o tema das expectativas, exposto anteriormente. Distintamente do trabalho com fotografia, a produção fílmica envolve outro tipo de retorno. Enquanto a fotografia, hoje, pode ser mostrada ao retratado, no visor da câmera digital, no instante posterior ao registro, a filmagem exige um tempo, que envolve espera e expectativa. Quando alguns meses depois, ela enfim retorna para o narrador, o dito deste já perdeu força nas tramas da sua memória, restando apenas fragmentos, que nem sempre correspondem ao que a pessoa se lembra ter dito. Essa faceta da memória normalmente representa um importante trunfo, que nos permite lembrar de nós mesmos de formas diferentes, a cada necessidade de acionamento da memória, fato este que nos proporciona uma capacidade de constante reinvenção. Mas no caso de uma imagem fílmica, ela congela um determinado *nos contar*, que passa então a ser um registro, datado no tempo, mas que viaja através dele, intacto, sem a ação do narrador, tendo isso suas próprias consequências. Além disso, a nossa imagem não é a imagem que temos de nós. Vermos a nós mesmos numa imagem gravada, geralmente nos causa grande estranhamento e até mesmo desconforto.

Outra questão que envolve o momento do retorno de imagens são as referências estéticas que possuímos, como já mencionado. Boa parte dessas referências é da TV e do cinema, onde a imagem trabalha com outros tempos, linguagens, objetivos e tecnologias. O tempo da TV treina nossa atenção em frações de segundos, saltando de um tema a outro com facilidade, que usa cores e recursos gráficos para chamar a atenção do telespectador, que assiste a tela em meio a seus afazeres. A linguagem do cinema por sua vez trabalha com narrativas, mas que podem contar histórias que cabem em horas, que envolvem atores, performances e grandes orçamentos. As duas tem em comum hoje, a qualidade de imagens e o uso de tecnologias que não tem nada a ver com a produção antropológica em questão. Dessa forma, as imagens que produzimos de forma caseira muitas vezes são avaliadas utilizando padrões externos a sua realidade material.

Não me propus a pensar uma linguagem para essa produção visual, tendo me centrado no estabelecimento de relações e no próprio processo de construção do vídeo e da pesquisa etnográfica, em detrimento das questões estéticas que envolvem a produção de imagens. Sendo assim, a qualidade estética do material que consegui produzir, dentro do contexto da pesquisa, não é o seu forte, especialmente nesse primeiro momento de retorno. Por esta e por outras experiências, refleti muito sobre a necessidade de aperfeiçoamento técnico para a continuidade do trabalho com vídeo. Pois essa tentativa de mostrar o outro, envolve também essa dimensão estética, que se mostra tão importante quanto outras. Mas acredito que o conteúdo das histórias narradas e a força narrativa desses narradores compense essa deficiência no presente trabalho.

Ainda sobre os momentos de retorno das imagens, após a câmera filmadora consertada, realizei uma última visita aos dois narradores, buscando registrar as imagens que faltavam para a conclusão do vídeo, que ocorreu em junho de 2013, às vésperas da conclusão deste trabalho. O que àquela altura parecia uma fragilidade do percurso de pesquisa, mostrou-se um fechamento providencial e necessário, pois este foi o tempo de alguns desfechos das duas histórias e com eles a alteração da percepção desses narradores, que refletiu na transformação do vídeo, do texto e da própria importância política destes para essas famílias. Também foi o momento que me permitiu compreender melhor algumas pistas que eu vinha perseguindo, mas que não compreendia na sua profundidade.

Também foi nesse tempo que pude reinstalar o programa de edição utilizado, *Adobe Premiere CS6* [pois o meu computador também havia estragado, no mesmo período que a câmera], o que me permitiu voltar a ver o projeto de vídeo, que não assistia há cerca de um mês. Neste tempo já andava com cerca de sessenta páginas escritas, onde muitas histórias já haviam sido contadas. A partir desse novo contexto e também devido ao distanciamento forçado do vídeo, assisti novamente o corte apresentado aos narradores, agora com outro olhar. O texto havia destensionado o vídeo, me dando maior liberdade de contar, que não exigia contar todo o possível, mas o que realmente eles quisessem contar, um realmente complementando o outro. E foi com esse espírito que retornei ao campo.

Quando cheguei na Marília, recebi a notícia que na semana anterior a minha visita, o INCRA havia proposto um desfecho para a situação das casas do

assentamento, tema que será mais discutido no capítulo cinco. Até aquele momento o tema da casa de barro estivera o tempo todo presente em nossas conversas, mas as entrevistas filmadas como que circundavam o tema. Me surpreendia que fosse tão difícil falar sobre as casas, quando tanto havia para ser dito. No campo que deveria ser o último, praticamente havia obrigado Marília a apresentar a casa. Agora, com o resultado do desfecho, compreendi o quanto poderia ser difícil falar sobre uma situação indefinida e com tantas tensões. A indefinição da situação formal do processo das casas do assentamento, que envolviam o reconhecimento por parte das instituições envolvidas, acabava por canalizar outros tensionamentos, dos quais tentávamos escapar. Como podemos imaginar, nem tudo deve ser dito quando se trata de relações mais duráveis e algumas tensões nos deixavam em dúvida. Se minha visita tivesse sido 15 dias antes, e quem sabe, 15 dias depois, talvez nada disso tivesse entrado como tema de discussão. Mas naquele momento, algumas coisas precisavam ser ditas, e para tanto, tantas outras precisaram ser explicadas também. E para isso o vídeo foi transformado, retirando alguns temas e centrando nos tempos vividos pela família.

Já no Seu João, durante o percurso de campo o tema da Agroindústria aparecia dentro de um tensionamento sutil entre escolhas que envolviam a via da agroindústria ou a via de “raizeiro”. Até esta última visita, não sabia muito bem como tratar essa tensão, pois me parecia que a *escolha* já havia sido feita. Foi então que um novo cenário foi apresentado, mas neste caso, não por uma ação, mas justamente pela falta de uma ação. Há meses sem resposta e com o amadurecimento da compreensão do que poderia ser produzido no âmbito da agroindústria, aliado a uma situação de tensão junto a cooperativa do movimento que arrendou a terra do casal, o contexto da história contada mudou. De um cenário de esperança e aposta na agroindústria, que possibilitaria a sobrevivência da família e a permanência dos filhos, se transformou para um cenário de dificuldades que enfrentam os assentados hoje. Claro que nada disso era novo em nossos debates, justamente esse sendo o mote previsto para o último capítulo, mas o que mudou foi a força das tensões, que agora tomaram outras proporções. Neste último campo de junho registrei mais 1 hora e 42 minutos na Marília, totalizando 72 novos arquivos. E no seu João, foram 31 minutos, representando 37 arquivos.

As fotografias que compõem essa narrativa representam mais um recurso no uso da imagem. Além das de minha autoria senti necessidade de incorporar fotografias de Marília e também de seu arquivo familiar, que ajudam a contar suas histórias. Optei por não utilizar legendas nas fotos, pelo fato de que sua presença pode condicionar ou direcionar o olhar do espectador para um determinado significado. Sua ausência pretende dar maior liberdade de interpretação, conforme proposta da Antropologia Visual.

Finalmente nos cabe refletir sobre o uso da imagem dentro da pesquisa antropológica. A imagem muitas vezes tem a pretensão de veracidade, de prova documental da presença e da interação do pesquisador em campo. Muitas vezes também é confundida com a mera função de ilustrar o que se conta. Mas a antropologia visual propõe que a imagem cumpra função complementar ao texto etnográfico, uma contando o que a outra não pode dizer, tendo as duas o mesmo estatuto. A imagem mostra nuances, sutilezas, gestos, intenções implícitas, o jeito de ser, a forma de falar, a intensidade de uma emoção, a forma de se divertir contando ou de se emocionar lembrando. E dentro dessa proposta que apresento essas duas narrativas visuais, enquanto um capítulo desse trabalho, buscando dar voz a esses narradores.

2 Narrativas Visuais

Este capítulo é composto de um DVD, contendo o vídeo etnográfico intitulado *A arte de narrar a vida*, com 32 min. de duração, que está disponível junto ao Pós Graduação em Desenvolvimento Rural e no Núcleo DESMA, deste Pós.

Disponível para consulta local na Biblioteca Gládis Wiebbelling do Amaral, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

3 Processos de aprendizagem

Tendo o leitor compreendido o percurso da pesquisa e um pouco sobre os nossos narradores, a proposta é agora refletir sobre os processos de aprendizagem de cada um deles. Todos os mestres já tiveram seus próprios mestres, com quem aprenderam. Pela vida, procuram seus aprendizes, por onde seu conhecimento poderá continuar vivendo. Aprender também pode ser modificar, transformar, usar algo em um lugar estranho. A aprendizagem implica um saber-fazer, que não envolve só um fazer com as mãos, mas também um saber contar. Ser aprendiz e ser mestre, um dependendo do outro.

A primeira questão que proponho refletir é sobre a comunicação trazida por Walter Benjamin (1994), que analisa as transformações da sociedade capitalista no começo do século passado e, com pesar, constata que "a arte de narrar está em vias de extinção" (BENJAMIN, 1994, p. 197). Para ele "é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências" (1994, p. 197). Essa perda implica na dificuldade de nosso tempo de comunicar nossas experiências (1994, p. 198).

Também trago a ideia do *saber-fazer* descrito por De Certeau (1998), um saber intimamente ligado ao fazer, mas que normalmente, não existem dissociados um do outro. Conhecimento e prática interligados num movimento dialético. Esse saber-fazer também envolve maneiras de fazer que jogam e subvertem com a lógica dominante, apropriando-se dos elementos externos ao grupo, dando a eles novos significados e aplicações. Dessa forma, é um saber em constante transformação.

As formas de contar e de se contar também são consideradas um *saber-fazer*. A narrativização das práticas seria uma "maneira de fazer" textual, com seus procedimentos e táticas próprios (DE CERTEAU, 1998, p. 152). O autor considera a narração "um ato de funâmbulo, um gesto equilibrista em que participam as circunstâncias (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber manipular, arranjar e "colocar" um dito deslocando um conjunto, em suma "uma questão de tato"" (DE CERTEAU, 1998, p. 153). Para ele ainda, "o discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma arte do dizer" (1998, p. 154).

Dessa forma, a narração é considerada uma arte, que é marcada pelos *usos* que as pessoas fazem delas, como vimos no capítulo anterior. São possibilidades de

ação, dentro das táticas de apropriação e produção dos discursos e da cultura dominante como um todo. De qual saber-fazer nos contam os nossos narradores?

3.1 O *saber-fazer* com as plantas medicinais

Seu João Mattos é reconhecido pelo seu trabalho com as plantas medicinais. Tudo começou com um convite da Pastoral da Saúde, da Igreja Católica, em meados da década de noventa, quando trabalhava como capataz em uma fazenda no interior de Palma Sola - SC. Depois da missa, o padre explicou sobre a intenção de constituição da Pastoral da Saúde naquela Paróquia, sendo Seu João indicado pela comunidade para iniciar o processo de formação. Ele acredita que o convite tenha sido em função de ser conhecido lá, por aplicar injeções. A partir daí, foram muitos cursos e saídas pela Pastoral da Saúde e também pela EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. A dinâmica da formação regionalizada da Pastoral consistia na escolha de dois representantes de cada comunidade para participarem dos cursos e oficinas. Nessa rede da Pastoral, quem mais ensinava eram mulheres, chamadas de *leigas*, segundo Seu João. Os padres tinham papel de mobilização, disseminação, sendo muitos deles autores de livros sobre as plantas.

Foi nessa rede que surgiu o convite para um curso sobre o Método Bioenergético, a partir da articulação de uma colega de Seu João, de outros cursos e que tinha tido contado com o método. O curso era pago, mas foi subsidiado, em parte, pela Prefeitura de Palma Sola. A inscrição era somente para duplas, e por isso participaram Seu João e Dona Loia, esta que na época, tinha uma série de problemas de saúde. Dona Loia acabou se tornando a *cobaia* do curso e para ela foi proposto um tratamento intenso a base de plantas medicinais e barro, que, devidamente seguido pelo casal, gerou resultados ótimos. O curso foi ministrado por *irmãs*, como são chamadas algumas religiosas ligadas à Igreja Católica. Foi realizado em três etapas, com intervalos de alguns meses, tempo que as duplas dedicavam ao estudo do material pedagógico e ao exercício das técnicas. Seu João disse que o casal estudava bastante, mas encontrava dificuldade para canalizar a energia, “até que numa noite, caiu a ficha” (Seu João, dezembro de 2012).

Tendo eles então compreendido como colocar em prática, puderam aproveitar os conhecimentos apresentados no curso. Dona Loia destacou que algumas duplas

desenvolveram habilidades com maior facilidade, enquanto outras levaram mais tempo. Ao final do curso, dois casais se destacaram nesse saber-fazer, dentre eles Seu João e Dona Loia. Após o final do curso, a turma continuou a se reunir, de vez em quando, contando com a presença do Padre Renato¹², oportunidade que retomavam conhecimentos e realizavam trocas das novas descobertas. Seu João e Dona Loia se associaram a ABRASP - Associação Brasileira de Saúde Popular, de onde vem a denominação “naturalista”, utilizada por Seu João até hoje. A Associação buscava disseminar o método e promover o reconhecimento dessa prática, além de dar suporte aos praticantes. Cada associado recebia uma carteirinha, que no caso do Seu João, era usada como uma espécie de crachá, assegurando-lhe algum respaldo. A Associação também buscava legitimar esse fazer, responsabilizando-se pelos tratamentos feitos a partir da técnica, pelos tantos agentes brasileiros.

Quando meu marido foi chamado pra trabalhar na pastoral. Aí já foi conhecendo as plantas, mas sem saber o seu *efeito*. Até conhecia, essa planta é boa, essa é boa,... fomos descobrir o efeito, mesmo, de cada folha depois que surgiu o curso bioenergético. Então daí ampliou tudo, né. Daqueles anos, veio vindo, veio vindo o conhecimento. E agora a gente passa pros filhos. Que eles querem aprender, são curiosos. (Dona Loia, dezembro de 2012).

A partir daí o casal foi aperfeiçoando seu conhecimento, testando as plantas e seus efeitos em cada novo paciente. Eles passaram a realizar atendimentos em dois Sindicatos dos Trabalhadores Rurais da região, já tendo aí se mudado para a área urbana de Palma Sola - SC. Seu João foi Agente de Saúde e trabalhava também de pedreiro. Dois dias da semana eram dedicados à busca das plantas, em terrenos de conhecidos ou na mata das redondezas. Outros dois eram dedicados ao atendimento nos Sindicatos, onde atendiam entre vinte e sessenta pessoas, em apenas um dia, oportunidade de colocar em prática e aperfeiçoar sua aprendizagem.

Talvez pelo espírito aventureiro do casal ou pelo pátio da casinha de COHAB (Companhia Habitacional) ser pequeno demais para as necessidades, tomou-se a resolução de rumar para Novo Hamburgo-RS, em busca de irmãos que ali moravam

¹² Padre Renato Roque Barth quem trouxe o Método Bioenergético ao Brasil, depois de aprendê-lo na Nicarágua com o Dr. Aton Inoue, em 1993. O movimento cresceu, o número de agentes de saúde se multiplicou e o trabalho passou a exigir um nível maior de organização. Foi assim que, em 1997, em assembleia realizada na cidade de Cuiabá/MT, reunindo representantes de todos os estados brasileiros onde já havia agentes de saúde trabalhando com o Método Bioenergético de Tratamento Natural, foi fundada a Associação Brasileira de Saúde Popular – ABRASP. Disponível em: <http://www.biosaudebrasil.org/v1/sobre.php>

e de uma vida melhor para os filhos, que precisavam de emprego. Trouxeram consigo um estoque de plantas e de preparados, que logo se acabou. Mas aqui no sul as coisas não foram fáceis, como nos conta Dona Loia no vídeo, eles não eram conhecidos e não foi fácil encontrar lugar para extrair ou cultivar as plantas. O sonho de trabalhar com as plantas ficou agora mais difícil, mas também mais forte. Além disso, o casal encontrou muitas dificuldades de encontrar trabalho e gerar renda para o sustento da família. Seu João já havia passado dos quarenta anos e as empresas não o contratavam. Dona Loia com os gêmeos bem pequenos. Ele trabalhava de pedreiro, mas o que ganhava “empatava” com os gastos do aluguel e alimentação. Dona Loia estranhou a nova casa e o mau cheiro do riachinho que passava rente à casinha. A vida na periferia de Novo Hamburgo causou muitos estranhamentos e um profundo processo de reflexão, que impulsionou uma nova busca. Depois de seis meses nessas condições, resolveram ir acampar junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST. O plano era ficar um ano e alcançar a terra sonhada. Ficaram três anos embaixo da lona.

Dois irmãos de Seu João já tinham sido assentados pelo Movimento, em Santa Catarina. A própria família de Seu João já tinha acampado anteriormente por duas vezes, mas não permanecendo mais que um mês. Dessa vez a decisão “foi pra valer”. Mantiveram a casinha na cidade onde ficou a filha, e foram acampar em Arroio dos Ratos - RS, com os dois filhos menores, na época com dois anos de idade.

Logo na chegada ao acampamento, seu João foi reconhecido como conhecedor das plantas e passou a trabalhar na *farmacinha* do acampamento. Nos acampamentos e assentamentos todos assumem alguma tarefa, mas como conta Seu João, “no setor de saúde não pode ser qualquer um”. A equipe de saúde era normalmente composta por 12 pessoas, que se revezavam em quatro turnos diários de trabalho. Tentava-se resolver o máximo dos problemas de saúde no próprio acampamento e para isso utilizavam as plantas e eventualmente algum remédio industrializado. No início, os recursos públicos da saúde eram repassados diretamente ao Movimento. Posteriormente a ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária, resolveu repassar os medicamentos e recursos financeiros ao Posto de Saúde mais próximo, que possuía profissionais qualificados para administrar os remédios. Quando havia alguém com uma doença grave ou tomando

remédios de uso contínuo, o Setor de Saúde buscava o medicamento junto ao Posto e quando não havia, requisitava o recurso à Comissão de Infraestrutura do Acampamento, para providenciar a compra. Mas Dona Loia conta que a maioria dos problemas, até mesmo algumas pneumonias graves, eram curadas com remédios caseiros e muito cuidado.

Foram muitos anos de trabalho árduo. Seu João foi responsável pelo setor de saúde do seu assentamento e também coordenou a saúde em marchas, como a de São Gabriel, que envolviam entre 600 e 700 pessoas, marchando por meses, num tenso trajeto, que cruzou o estado do RS. Nas marchas também se organizavam equipes com funções específicas. “A comissão de infraestrutura ia um meio dia à frente da marcha”. Enviavam um carro para mapear lugares possíveis de acampar, necessariamente com água potável. Depois chegavam os caminhões com as bagagens, os barracos e todo o equipamento. A primeira estrutura montada era a cozinha, que já começava a preparar alimentação. A marcha seguia a pé, sendo acompanhada por um ônibus que levava as crianças, idosos e algum debilitado fisicamente. Também acompanhava um carro do setor de saúde, com os kits de remédios. E no acampamento ficava uma equipe, manipulando e preparando o que faltava. Alguém que sabia a lida ia secando as plantas numa estufinha improvisada. Montado o acampamento, ali ficavam por dois a três dias, quando era retomada a marcha. “Que nem acampamento cigano” (Seu João, junho de 2013).

Nesses acampamentos provisórios era onde os militantes costumavam sofrer ataques dos fazendeiros. Seu João conta que “às vezes, era tiroteio a noite inteira”, buscando amedrontar e impedir as pessoas de dormirem. Mas também em cada lugar eles possuíam ou encontravam apoiadores. O MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores era um desses importantes apoiadores. A coordenação da Marcha montava estratégias e táticas para escapar de represálias e cercos na chegada a cada nova cidade. Normalmente uma ação era organizada dentro das cidades, buscando chamar atenção e atrair policiamento, enquanto outro grupo estava entrando na fazenda. O resultado dessa marcha e das ações protagonizadas pelo Movimento, normalmente não é imediato, mas se apresentam a médio e em longo prazo. É o exemplo da marcha a São Gabriel, que iniciou em 2003 em direção à *fazenda Southall*, passando por boa parte do estado, sendo impedida

judicialmente, depois teve continuidade e só se tornou assentamento, no final de 2008.

Acima de tudo, as experiências de acampamentos e marchas, constituem-se num importante espaço de formação política e aprendizagem. É toda uma complexa logística que necessita ser montada e remontada a todo o momento. As tarefas precisam ser cumpridas e tudo precisa funcionar muito bem, pois disso depende a sobrevivências das pessoas envolvidas e também as conquistas políticas futuras. Coordenar um setor de importância como o de saúde é uma grande responsabilidade e representa uma bagagem de conhecimento.

Seu João ingressou na Coordenação Estadual do Setor de Saúde do MST, tornando-se coordenador e logo depois membro da Coordenação Nacional deste setor. Realizou oficina por todo o estado do RS, em acampamentos e assentamentos. No Setor de Saúde utilizaram a mesma estrutura usada pela Igreja católica na formação da Pastoral da Saúde. Dois representantes de cada assentamento e acampamento, que possuíssem afinidade ou interesse no uso das plantas medicinais, iniciavam a formação e ficavam responsáveis por organizar localmente as farmacinhas. A lógica era da busca da autonomia. Não se negava o conhecimento médico científico, mas buscava-se resolver todos os problemas possíveis com o uso das plantas.

Seu João salienta a importância das trocas possibilitadas pelas viagens. Nos cinco anos que participou da Coordenação Nacional conheceu experiências em Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Participou da implantação de um projeto piloto de laboratórios em assentamentos, em Recife - PE e Jóia - RS, que contou com um espaço de formação no Centro de Formação Sepé Tiarajú em Viamão. Também participou de um intercâmbio com o Uruguai, que lhe foi muito marcante. Descobriram que no Uruguai as plantas tem o mesmo uso popular que aqui. A diferença foi que os “especialistas” de lá eram técnicos ligados ao governo e à universidade, e daqui era o Seu João, que não só falou, mas mostrou na prática, as plantas e ensinou receitas aos visitantes. Desse período, Seu João conta diversos embates com médicos e autoridades, onde seu saber foi colocado em jogo.

Em 2007 seu João saiu do Setor de saúde, devido a um enxugamento promovido pelo Movimento e também porque não vinha conseguindo trabalhar de forma satisfatória. Seu João conta que é bastante penoso o engajamento em tarefas

de coordenação. São muitas viagens que afastam a pessoa da família, dos serviços da casa e da possibilidade de prestação de serviços autônomos, apesar da ajuda de custo recebida do movimento. Nesse momento o MST vivia um período de crise política e financeira e algumas lutas perderam força, dentre elas as plantas medicinais. Seu João resolveu então se dedicar plenamente aos projetos familiares.

Figura 4



Fonte: Fotos da dissertação

Como dito por Dona Loia, eles tinham então duas alternativas: ou seguiam o trabalho na linha de *curandeiros* ou *raizeiros*; ou buscavam uma legalidade através de uma agroindústria, objetivando colocar os seus chás no mercado. Após longo debate, veio a decisão de apostar na legalidade. Também nesse período o casal decidiu parar temporariamente o trabalho com o método bioenergético, até a conclusão da Agroindústria. Até o momento foram dois anos dedicados ao projeto Agroindústria. Enfrentam problemas com a assistência técnica, com a desinformação da Prefeitura, da vigilância sanitária, dos órgãos fiscalizadores em geral. Falta de informação e de vontade política é o que tem reclamado Seu João. Recentemente o envolvimento da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do RS -

EMATER, a partir do contato no I Seminário Estadual de Agroflorestas¹³ e a promessa de agilidade pelo Programa Agroindústria Familiar, do Governo do Estado¹⁴, movimentou a construção, que foi iniciada por seu João, que desenvolveu seu próprio projeto e agora vem sendo adaptado pela nova técnica responsável. Na minha última visita o ânimo do casal estava abalado, questionando se a busca da legalidade é uma opção possível para os pequenos.

A decisão paradigmática entre ser *raizeiro* ou microempresário tem muitas implicações, dentre elas, envolve a prática do método bioenergético. Seu João conta que quando se inicia um trabalho com esse método, logo a informação se espalha e começa a vir gente de toda a parte, em busca de cura. Elas vem por meio das redes do próprio casal, que transitam pelo MST, pela Igreja Católica, pelos amigos, pelos seus familiares e pelos familiares de boa parte das pessoas que já se trataram com o casal. Quando isso acontece, não tem dia nem noite. As pessoas costumam vir de longe e chegar sem hora marcada, sem dia de descanso. E de lá precisa sair com o tratamento completo. Com o início do processo de legalização da Agroindústria, Seu João necessitou se dedicar mais ao trabalho de pedreiro, outro ofício desse mestre com o qual tem sustentado a família, sendo a única fonte de financiamento da nova estrutura física até o momento. E, como acima descrito, o trabalho com o público demanda tempo e disponibilidade quase que integral. Outra questão que pesou nessa decisão de suspender a prática do método e com ela a produção de chás e processados, foi a fiscalização e as restrições que vem junto com o processo de legalização.

então, pra legalização dessa agroindústria, começou na exigência. Veio o fiscal da vigilância sanitária, a primeira coisa que ele fez foi mandar tirar todos os produtos que eu tinha ali na casa do empacotamento. Mandou tirar tudo. E eu não tinha alvará de licença e não podia ter produto lá na sala. Tá. Obedeci ele. Tirei.... Tirei os produto. Até dei uma parada de vender. Eu já vendia e destacava nota. Mandou parar, que eu não tinha nota. Parei... Essas são as dificuldade. As proibição né... Porque eu vejo nos outros lugares, não tem tanta exigência assim. Então agora tô buscando ajuda de outras pessoas né, porque eu acreditei mesmo que eles não entendem de planta medicinal aqui no município. Aí eles tem medo de dar o alvará. Então eu to buscando outras alternativa né. Pra ver se eu chego nas legalidades. (Seu João, dezembro de 2012).

¹³ I Seminário de Agroflorestas do RS e do II Seminário de Frutas Nativas do RS, realizado entre os dias 21 a 23 de novembro de 2012, no Centro de Formação Sepé Tiarajú, em Viamão, RS e no auditório Dante Barone da Assembleia Legislativa do Estado do RS, Porto Alegre.

¹⁴ O Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF) – Sabor Gaúcho, da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo, criado pelo Decreto Estadual nº 49.341 de 5 de julho 2012, visa apoiar a implantação e legalização de agroindústrias familiares no estado do RS.

O método consiste na utilização de uma varinha e uma corrente de duas pessoas, cujos elos são feitos com os dedos das mãos, cada um unindo seu próprio polegar com o indicador. Os dois elos são então ligados, formando uma corrente. O examinador toca a pessoa que se consulta com a varinha de cobre e realiza uma pergunta mentalmente. A outra pessoa puxa os dedos do examinador e, quando “a chave cai”, ou seja, o elo formado pelos dedos do examinador se rompe, é porque o órgão examinado está com problema. A prática envolve a relação energética entre os dois; deles com a pessoa testada; usando o cérebro para conectar com a energia do universo, que responde à pergunta.

No início de minha pesquisa, a informação sobre o método bioenergético era parcialmente velada. Deixou-se claro que estava envolta em uma aura de segredo e em outra ocasião aprofundaríamos o tema. Percebi também, que quando eu demonstrava que também conhecia um pouco das plantas, abria-se uma nova janela ou porta para acessar os seus conhecimentos. Mostrava-me assim, capaz de compreender o próximo ensinamento. Sem dúvida, a relação com meus pais, que também trabalham com plantas e que me ensinaram os usos de muitas delas, facilitou meu trabalho. Minha identificação com o casal sem dúvida também resulta dessa trajetória.

Depois de algumas visitas, o casal mostrou as apostilas do curso sobre o método bioenergético, amareladas pelo tempo. Alertaram que o material não podia ser levado por mim, antes mesmo de eu ter solicitado isso. Ficou clara a *dimensão do segredo*, que não banaliza um saber-fazer considerando-o como simples informação, mas exige processos rituais para sua iniciação. Seu João também possui seus próprios segredos. Determinados conhecimentos não devem ser ensinados a qualquer pessoa. Seu João afirma que ensina o conhecimento que está ao alcance de cada pessoa. É importante também manter alguns segredos.

Seu João contou que ficou impressionado com a quantidade de informação sobre plantas medicinais disponíveis na internet, informação que descobriu em uma visita ao seu irmão de Santa Catarina. Refletimos então sobre as diferenças entre a informação e o conhecimento. Essa informação, que hoje é abundante, carece de relações humanas, que podem ver além da doença. Seu João associa a doença à carência de saúde, que tem a ver com muitas dimensões da vida humana, especialmente com a forma de se colocar no mundo. A doença é produzida pela

mente e sua cura envolve uma mudança na forma de pensar. Dessa forma, o tratamento não visa somente atacar os sintomas, mas propõe uma mudança de vida.

Hoje em dia você contar que criou umas crianças, por exemplo, nossos mais novos tão com treze anos, você contar que se criaram sem ir no posto de saúde, e hoje vão, as vezes, pra arrumar os dentes. Porque a gente não descobriu ainda um negocio que evite a cárie dos dentes. Mas se não, nós temos por tradição, não irmos em farmácia, não precisa de farmácia, e não irmos em posto de saúde. Não precisa! As vezes perguntam porque não vão? Não precisamos! Porque lugar de saúde, hospital, farmácia, posto de saúde, vai quem tá doente! Quem precisa. Nós com essa farmácia viva, que nós temos (chamamos farmácia viva, porque é a natureza) nós dizemos com orgulho que nós não vamos em posto de saúde. Nós não vamos na farmácia. Nem pros adultos e nem pras crianças. (Seu João, dezembro de 2012).

Ainda sobre a aprendizagem do método, percebi que fui identificada como alguém com inteligência e interesse, que se dedicada fosse, poderia aprender muito melhor a técnica, do que os dois que tiveram pouco estudo. Aí se apresenta outra faceta, que é a *dimensão técnica* que envolve o método, que não é considerado parte do universo mágico, mas sim do campo da técnica. Segundo o casal, está tudo nos livros, bastando a curiosidade e dedicação para aprender. Senti que talvez eu pudesse ser iniciada no método, tendo demonstrado o mínimo de qualidades.

Então perguntei ao casal qual seria a relação do método com a religião. O casal não associa a prática do método a questões religiosas. Mas apesar disso, a crença em Deus e nos ensinamentos de Jesus Cristo apareceram muitas vezes associadas a esse saber-fazer. Dona Loia contou sobre um curso da Pastoral que ensinava várias passagens da Bíblia, onde o uso das plantas é estimulado. Ela cita duas passagens que a inspiram: “*Eis que vos dou a terra, para que delas tire as plantas medicinais*” e “*Não esquecei do bálsamo para a viagem*”. Seu João destaca que não existe nada de paranormal no método, sendo ele um conhecimento técnico. Mas também me diz que essa energia do universo, que usa o cérebro humano pra responder a pergunta dos examinadores, é a energia divina. “O método não tem a ver com religião. Só com energia. Usa o cérebro. Não tem reza nenhuma. A energia que ele aciona, é a energia divina”. (Seu João, junho de 2013).

Quando aprenderam o método, as irmãs ensinaram várias formas de realizar a consulta. Podia perguntar em voz alta. Tinha uma irmã que nem usava a varinha de metal. Ia perguntando, conversando sozinha em frente aos pacientes. Seu João optou por não fazer a pergunta em voz alta. “Porque a pessoa podia pensar que eu estou ouvindo vozes. E não ouve. Faz a pergunta mentalmente e toca na pessoa. Se

o órgão estiver fraco, a chave cai. Se o órgão estiver forte, ele emite muita energia, então a chave não cai”. Com essa prática, descobriram casos graves que a medicina não identificava. Às vezes, sem solução.

Quando dona Loia, nos meses finais de sua última gravidez, não pode mais acompanhar o marido nos atendimentos do Sindicato, Seu João passou a formar aprendizes para lhe auxiliar. Treinou sua filha e uma nora, que o acompanharam na tarefa, durante esse período, realizando uma parte do trabalho de Dona Loia. Os filhos também aprenderam e utilizavam o método, por exemplo quando ficavam encarregados de buscar plantas na mata, em troca de alguma recompensa. Se ficassem em dúvida de alguma planta, praticavam o método, com o auxílio de algum galho contendo seiva e logo tiravam a dúvida se aquela era a planta encomendada pelo pai.

O casal pratica o método bioenergético há cerca de vinte anos. Nem por isso eles se consideram “prontos”. O conhecimento do casal necessita de um constante processo de pesquisa. Boa parte é feita nos livros. São diversos livros, sendo a maior parte de autoria de padres católicos. Na parede do local de comercialização da casa, há um banner com uma grande variedade de plantas, com fotos e descrição dos usos para consultas rápidas. Muitos testes são feitos com o método bioenergético, medindo os efeitos de cada planta em determinadas pessoas. Seu João conta que eles têm o costume de fazer as coisas e experimentar primeiro, antes de receitar. Também são mencionadas plantas que estão sendo pesquisadas por instituições de pesquisa, ainda sem resultados conclusivos, mas que já vêm sendo usadas e testadas pelo casal e por outras pessoas da rede. A pesquisa é constante e muito necessária. Percebe-se que o saber-fazer não é estático. Necessita de constante e continuado processo de busca da aprendizagem.

Inclusive as escolhas realizadas na terra conquistada envolvem a pesquisa e experimentação. Com a implantação da Agroindústria proibiu-se, por questões sanitárias, a criação de qualquer tipo de animal. O momento de tensão com a legalidade foi utilizado para realizar cálculos de investimento e produtividade, de cada atividade de plantio e criação, praticadas na propriedade. Devido ao fato da pobreza de nutrientes da terra da região, que é de banhado, as atividades de cultivo vinham tendo baixa produtividade, como no caso do feijão, cultivado por Dona Loia. O casal, nesse momento avaliou que o retorno gerado pela pequena produção

animal que possuíam seria facilmente superado pelos possíveis retornos econômicos da comercialização das plantas medicinais. Tudo devidamente pesado na balança, com o auxílio do SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, a família então se desfez dos porquinhos, da novilha e das galinhas criadas na propriedade. Também precisaram arrumar novos lares para os cachorros e para os gatos de estimação dos filhos mais novos do casal, que lamentaram por isso. Para alcançar o sonho, a família necessitava abdicar de algumas coisas. Este episódio permite-nos refletir sobre a normatização de práticas, que acabam por condicionar o abandono de atividades de subsistência, que poderiam representar maior autonomia e segurança alimentar à família. Mas a experiência sobre as dificuldades na implantação da agroindústria fez a família rever a decisão e agora pretendem implantar um galinheiro para a criação de galinhas e ovos para o seu consumo, pensando na qualidade do alimento que querem consumir, especialmente vivendo eles numa situação privilegiada, enquanto moradores do rural.

Também se destaca a capacidade inventiva desse narrador. Na sua aprendizagem com as plantas, Seu João visitou muitas experiências de secadores de plantas, essenciais para sua atividade. Nenhum dos modelos vistos agradou-o. Assim, Seu João aproveitou as experiências vistas, aliando as demandas específicas do seu saber-fazer, a exemplo do uso do destilador, que foi acoplado ao projeto confeccionado por Seu João, inventando assim o seu próprio modelo de secador. Posteriormente uma técnica do Movimento colocou o projeto no papel, reconhecendo sua criatividade. O secador é hoje um tema de orgulho para o seu João.

Na realidade eu visitei vários secadores. Aqui do Brasil, vários. Da EPAGRI, lá onde eles dão curso, fui lá visitar. O secador aqui, da EMATER, aqui na serra, fui lá visitar. Fui lá no Uruguai, numa troca de experiências, fui lá visitar e lá na linha de secador solares. Até cheguei a construir um no grupo, aqui no grupo de saúde que nós tinha aqui em cima, no local de formação ali, construímos um secador solar. Mas até ali ainda eu não tinha me agradado. Aí, na realidade, eu tinha visto tantos, que daí eu boleei esse aqui pra mim. Então todo mundo que veio olhar, perguntou de onde é o modelo. Eu digo, é meu. Eu até tenho no papel ali o desenho e como funciona tudo, e deu certo. (Seu João, dezembro de 2012).

O casal também se dedica ao aperfeiçoamento de receitas, fórmulas e práticas. Formas de fazer que se aperfeiçoam pela experiência. É o caso do creme, cuja receita foi ensinada por uma jovem técnica, Juliana, engenheira farmacêutica que foi colega de seu João na implantação dos laboratórios pilotos. Juliana inseriu o

uso da base para creme, insumo industrializado, que possibilita a confecção de cremes para a pele menos oleosos que a gordura animal ou vegetal puras. A sua receita consistia na mistura da base para creme, com 5 litros de água e a adição de algumas colheres de chá ou infusão de determinadas plantas. Seu João e Dona Loia melhoraram a receita, substituindo o uso da água e do chá, pela essência, que é obtida através do destilador caseiro. Nesse caso a concentração de plantas é mais forte, mas sem a cor e o cheiro da antiga receita, resultando um creme "branquinho e mais concentrado". A mesma ideia foi aplicada a outras receitas, como os xampu e sabonetes e até mesmo a pomadas.

Ter domínio sobre formas de cura envolve também relações de autonomia. Como conta Dona Loia, para um morador da zona rural, depender de auxílio médico pode ser complicado. Tirar o homem da roça. Buscar uma condução há quilômetros de distância. Levar a um posto médico representa uma fragilidade na autonomia da família, pois depende de atores externos, que muitas vezes não participam da rede de reciprocidade (MAUSS, 1974; SABOURIN, 2003) da família. Envolvem também recursos econômicos, muitas vezes não disponíveis e um tempo que tira os familiares de seus afazeres de subsistência. Aí se ressalta a dimensão da autonomia envolvida nesse saber-fazer.

A gente não usa tantas plantas porque não é necessário. Mas o que o que eu quero dizer é que a pessoa, tendo o conhecimento, a planta medicinal tá em volta da casa. Porque se tu tem conhecimento, se tu não acha aquela que você quer, acha uma da mesma linha e tu não vai ficar sem fazer teu chá, teu xarope, teu elixir. (Seu João, dezembro de 2012).

Para além do universo familiar, essa capacidade de cura também representa uma relação de poder, com suas próprias tensões. Ser reconhecido como conhecedor de plantas, como curandeiro, como alguém que tem o poder de curar, representa, entre tantas coisas, um status social. Seu João tem muitas experiências que exemplificam isso. Ele já foi vereador em Palma Sola - SC, sendo responsável pela proposição da reforma do posto de saúde do pequeno município. Foi agente de saúde também em Palma Sola, cargo esse que representou um reconhecimento de sua posição pelo prefeito. O casal atendia de vinte a sessenta pessoas, num único dia, no STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palma Sola. João foi palestrante no intercâmbio com o Uruguai e em tantos outros lugares do estado e do Brasil, falando para um público que variava de assentados, técnicos, médicos, políticos, pesquisadores, estudantes e militantes. Recém chegado ao acampamento

assumiu a tarefa da farmacinha. Depois coordenou o setor de saúde do MST no estado, representando-o nacionalmente. Seu João alcançou grande visibilidade, tornando-se figura pública. Vê-se aí que também a posição de um narrador não é estática. Ele pode falar de distintos lugares, a partir de uma legitimidade construída em um campo.

Percebe-se também uma constante tensão entre o saber técnico constituído e os métodos ditos *alternativos*, que necessitam constantemente se reafirmarem. Esta tensão tem muito a ver com a própria constituição do campo médico científico (BOURDIEU, 1983), que na delimitação de suas fronteiras opta, na maioria dos casos, por negar outros conhecimentos ou, quando isso se torna impossível, trazer para o campo da técnica e dos diplomas a legitimidade de sua prática. Essa tensão extrapola a classe médica, se fazendo notar também em outros espaços. Seu João e Dona Loia contam que nem todas as pessoas que os procuram em busca de cura dão continuidade ao tratamento ou realmente acreditam no poder de cura das plantas. Para o casal, é necessário acreditar e confiar para que se siga corretamente o tratamento. Não basta tomar uma semana o remédio. Muitas vezes o tratamento se estende por alguns meses. Percebemos que esse saber-fazer está associado a uma dimensão de tempo distinta da lógica de nossa sociedade de consumo.

O MST recebe muitos convites para se fazer representar em diversos espaços, como foi o caso do convite para apresentar a experiência do movimento com saúde em um encontro de estudantes de medicina, ocorrido em Santa Maria - RS. Seu João hesitou em aceitar a tarefa, por receio de falar para este público. Então convidou também um médico, ligado ao movimento, o Dr. Jocelito, formado em Cuba, para lhe ajudar nessa empreitada, por ter este mais condições de dialogar de igual pra igual. Com medo da recepção, teve receio de falar em frente a letrados, estudantes de medicina. Mas na hora, Seu João "desatou" a falar. Para sua surpresa, os jovens profissionais se interessaram muito mais pelo seu saber-fazer e, segundo ele, não paravam de anotar nos seus caderninhos o que falava Seu João. "A sabedoria dele [do médico], era coisa que eles estavam estudando. O que eu fui falar, eles não conheciam. A experiência do acampamento ensina muito a pessoa a falar". (Seu João, junho de 2013).

Já em outros momentos, o diálogo com os médicos não foi tão amistoso. Mas ainda assim, Seu João se diverte contando a história de quando o casal realizou o

tratamento médico de algumas enfermeiras e também, da esposa do médico da cidade, simbolizando uma vitória tática nessa arena de disputas. Seu João teve uma extensa trajetória que permitiu muitos espaços públicos e de formação para aperfeiçoar esse saber-fazer de narrador. Seu reconhecimento como mestre concedeu-lhe legitimidade.

Novos conceitos também são incorporados e necessitam ser articulados estrategicamente à história de vida e como ela é contada. Um bom exemplo é o termo agrofloresta, que foi de certa forma, introduzido durante o período da pesquisa pelo Projeto Agrofloresta. Não que o casal não pratique a ideia há muito tempo e, de certa forma, participe e tenha representatividade dentro dessa rede de agroecologia, mas o uso do termo se deve aos novos atores e foi articulado à prática da família, encontrando o lugar ideal. Antes dele, a Permacultura cumpria o mesmo papel dentro do seu discurso, sendo introduzido pelo circuito do próprio movimento, onde o conceito buscava ancorar práticas que vinham sendo introduzidas e defendidas por alguns grupos dentro da estrutura do MST estadual.

Esse saber-fazer implicado em tão distintas dimensões se utiliza de formas narrativas, que são também elas parte desse saber. Como se contar a cada momento, em cada contexto diferente. Contar sua vida, suas aventuras, seus desafios, sua prática, sua experiência, suas divergências. Como convencer. Como contestar. Como inventar. Como jogar com o acaso.

De uma história bem conhecida, classificável, portanto, um detalhe “de circunstância” pode modificar radicalmente o alcance. “Recitá-la” é jogar com esse elemento a mais, escondido no estereótipo feliz do lugar comum. O “nada fixado no quadro que lhe serve de suporte faz que esse lugar produza outros efeitos. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça! O ouvido apurado sabe discernir no dito aqui e agora, e não se cansa de prestar atenção a essas habilidades astuciosas do contador. (DE CERTEAU, 1998, p. 166).

Dizendo de outra forma, essa arte de narrar - que molda as circunstâncias - é uma forma de poder, que vem sendo usada por todas as camadas sociais, mas que constituem um importante “trunfo” para as camadas menos empoderadas da população. As formas de usar, de manipular um dito ou uma situação, envolvem uma dimensão técnica, um saber-fazer, um modo de dizer, que aqui tem sua função política bem explicitada. A cada dia, dependendo da conjuntura presente, a memória pode ser ativada em diferentes pontos e correlações. E a forma como ela é usada para construir um personagem que tem uma história, pode também ser diferente.

Saber se contar é uma arte, que se aprende e se aperfeiçoa como um ofício de um artesão e que serve a interesses estratégicos, representando assim uma forma de resistência.

3.2 A aprendizagem do *saber-fazer*

Nas minhas conversas com Marília, de modo recorrente, o foco tornava-se o seu processo de aprendizagem. Um aprender que envolviam diversos saberes. Das lidas do campo, com os bichos e com as plantas, de como se vive no rural, no pampa, quais valores estão em jogo, de como ser vista enquanto mulher, da construção da casa tradicional da região, das trocas, das regras, dos poderes. Foi intenso e desafiante o processo de aprendizagem que envolveu a família toda na chegada a terra.

Começo essa história na chegada ao novo assentamento, em janeiro de 2002, quando a família foi para Herval ocupar a terra que ainda não tinha sido negociada pelo Estado. Era uma área destinada a um condomínio dos municipais, mas que os beneficiários não aprovaram devido à sua localização que ficava bastante isolada de outras povoações. Dessa forma, a terra foi destinada para um assentamento do MST, mas para muitos dos novos pretendentes a área não parecia atrativa, por ter grande presença de mato, sendo justamente este o motivo que interessou a família Gonçalves e outras quatro famílias a ficar nessa área. Todas as sete famílias que comporiam o futuro Assentamento Tamoios decidiram viver na casa do antigo estancieiro, enquanto aguardavam o recurso para habitação, onde prosseguiram com a organização autogestionária e com a formação política, por quase um ano. Morando junto economizavam em alimentação e evitavam o barraco de lona. Alguns deles precisaram procurar empregos temporários para o sustento, pois durante esse período a ajuda de custo é mínima. Marília trabalhou no MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos durante esse ano. Nesse período dois dos integrantes do futuro acampamento saíram do grupo e outros dois chegaram.

Desse tempo da chegada, foi muito marcante os desafios de gênero enfrentados pelas mulheres da família. Como Marília conta,

Porque tudo era diferente. Nós era novo no lugar. Um assentamento novo, num lugar novo. Umas pessoas novas. E além disso, nós éramos uma maioria de mulheres e não só a maioria em número, mas como as mulheres

eram titulares dos lotes, né. Então a gente é que respondia pelos projetos. E isso daí foi bem marcante, né. Bem diferente dos processos que pelo menos a gente conhecia dos outros. Mas principalmente na região, na casa da vizinhança, a questão é que nós era mulheres falantes... nós somos mulheres falantes! E urbanas... a gente aprendeu, por exemplo, que mulher não atendia a porta. Só que a gente aprendeu isso depois de já ter atendido a porta e ter falado com todo mundo. (Marília, fevereiro de 2013).

Situação marcante para essas mulheres, que tinham vivido no acampamento uma realidade bem diferente, onde essas e outras questões eram pautas diárias de debate e formação política. Como afirma Marília, não é que não houvesse esses problemas dentro do acampamento e das estruturas do Movimento, mas lá encontravam abertura para debater e avançar, na medida do possível. Ali as coisas não podiam ser debatidas da mesma forma. Mulher não fala, não trata de negócios, não é figura pública.

Longe de ser um ser político! Daí, primeiro veio a fase de falarem mal de nós. Primeiro tiravam sarro de nós porque nós era urbana, né. Vocês não sabem fazer nada e tal. Mas ao mesmo tempo, como o pai era agrônomo, tinha essa coisa assim do pai ser agrônomo e das pessoas nos respeitarem, um pouco, por causa disso. (Marília, fevereiro de 2013).

O problema se agravou ao ponto das irmãs não atenderem mais a porta. Essa questão prejudicou muito a iniciação das duas nas aprendizagens das lidas do campo, pois não era do domínio feminino o conhecimento sobre a criação animal e o cultivo de plantas, e da mesma forma, os negócios, trocas e aprendizagens relativos a eles.

Marília conta que a questão de gênero também foi um desafio na sua participação nas estruturas do Movimento, que por ser campesino, carrega muito dessa mesma estrutura mencionada. Apesar do espaço para o debate, o forte trabalho de formação política e as ações afirmativas, ser mulher nessas estruturas é um grande desafio. Para ser respeitada, muitas vezes elas sofrem um processo de masculinização, que envolvem a escolha da vestimenta, dos comportamentos e até mesmo da possibilidade de rir de piadas, por exemplo. Marília conta que não usou um decote ou uma saia em reuniões e até mesmo para ir a cidade, por muito tempo. Pelo menos até conquistar o mínimo de respeito. Então optava pela bombacha e camiseta de movimentos. Quando conheci Marília ela nem possuía uma saia. Precisei insistir muito pra ela usar uma. Ela também sentiu essa dificuldade na participação nas atividades da escola dos filhos. Apesar de a escola ser um ambiente com grande presença feminina, a representação no Círculo de Pais e Mestres-CPM, era quase que exclusivamente de homens e o respeito à sua opinião

precisou ser construído através do tempo. E nesse espaço, ser do movimento a auxiliou na construção desse respeito.

Foi também no período de chegada, que um político amigo da família veio visitá-los, para ver a situação em que se encontravam. A situação era precária, estando as duas crianças pequenas de Marília, sem leite para a alimentação. O amigo foi então mediar, com um vizinho, Seu Albio, a quem explicou a situação e pediu para que abastecesse o suprimento de leite para as crianças. Por cerca de um ano Marília foi diariamente buscar o leite na casa do vizinho, até que um dia sua esposa precisou ser hospitalizada, tendo Seu Albio que se ausentar de casa. Ele pediu então que, no dia seguinte, o leite fosse pego na casa de sua irmã, Dona Daurinha, que morava bem mais próxima à casa de Marília. No dia seguinte, Marília foi à casa da vizinha, e para sua surpresa, descobriu que era das vacas dessa vizinha que provinha o leite durante esse tempo todo. Dona Daurinha entregava o leite diariamente para o irmão, que entregava aos novos vizinhos. Nesse dia a conversa das duas rendeu cerca de três horas e a partir de então o leite passou a ser entregue diretamente entre elas, rendendo muitas conversas, trocas, aprendizagens e uma bela amizade.

Mais que uma amiga, Dona Daurinha representou para a nova aprendiz, uma mestra. Alguém a quem se pode recorrer, a cada nova dúvida e curiosidade. Especialmente após a morte do pai de Marília, que era Engenheiro Agrônomo de profissão, muito conhecido e respeitado na região e quem guiava a família nas lidas do rural. Acompanhei algumas reflexões das duas irmãs, Marília e Mônica, sobre o método de ensino do pai, tendo cada uma delas distintas impressões. Às vezes era difícil acompanhar o vocabulário técnico do agrônomo, podendo aprender mais quando ele explicava para as crianças. Muitas vezes a diferença era com as decisões tomadas. Vontade de se apropriar do seu conhecimento. Vontade de só seguir a orientação. Vontade que ele continuasse guiando tudo. Vontade de fazer diferente. Outras vezes o interesse delas despertava nas coisas que não eram do domínio dele. E, uma crença de que a morte não chega para nossos entes mais próximos, não sendo necessário assim, aprender tudo. Mas o destino mais certo de todos chegou cedo. Elas contam que, após a morte do pai, por um ano elas fizeram “tudo o que pai fazia, do jeito que ele fazia. Sem pensar, sem nada”. Passado o trauma inicial da perda, tudo precisava ser aprendido e praticado. As fontes

recorridas foram muitas: livros, cursos, produções acadêmicas, assistência técnica, os vizinhos mais antigos, os novos amigos da cidade, a internet.

Nessa época o processo de construção da casa de barro já estava em andamento. A ideia inicial foi trazida pela irmã, Mônica, que participou da organização de um curso de formação do MST, no Centrão de Viamão, como é conhecido o Centro Estadual de Formação do MST Sepé Tiarajú. Na época muitas estruturas de saneamento e de habitação, ligadas à ideia de sustentabilidade, estavam sendo planejadas e executadas no Centrão, como a construção da cisterna para captação de água da chuva, um sistema de saneamento ecológico testando o uso de bambus, a sala de leitura bioconstruída e também, coincidentemente, a *farmacinha* onde trabalhava seu João. O espaço estava em visível movimentação, tendo um personagem se destacado no processo. Mônica conta que Leandro Fagundes, conhecido como Tchesco, recebeu um pequeno espaço dentro da grade de formação do curso, para explicar as obras do espaço e introduzir alguns conceitos básicos da Permacultura e suas implicações políticas. Foi muito rápido, segundo ela, mas representou *a grande novidade* do curso, que pareceu fraco em conteúdo, comparado à forte formação política da época do acampamento e do processo que a própria família se envolveu na implantação de assentamentos e frentes de massa em sua região. Logo após esse curso, a família decidiu se desligar do Movimento, com duras críticas, especialmente a sua estrutura regional e dedicou-se ao processo das casas.

Quando chegada a hora de fazer o projeto das casas do novo assentamento, Mônica desafiou seus companheiros com a proposta de construírem casas de barro. Não havia precedentes desse tipo de casas financiadas com recurso do INCRA, mas a técnica responsável, Gianine Mello, se empolgou com a proposta. Iniciou-se a articulação para o estabelecimento de um convênio entre o INCRA e a UFRGS, para projetar as casas. Organizaram uma visita ao IPEP – Instituto de Permacultura dos Pampas, situado em Bagé, para tomar contato com experiências práticas desse tipo de construção e só então foi tomada a decisão da construção de duas casas de barro e cinco ditas *convencionais*, no Assentamento Tamoios. Marília e Mônica aceitaram o desafio e deram muito trabalho aos arquitetos. Foi longo o percurso de negociação dos projetos, que mudavam e voltavam ao “zero”, muitas e muitas vezes. Projetar *para* se tornou projetar *com*. Com as pessoas que construiriam as

novas habitações e nelas morariam. A Universidade condicionou o processo à construção coletiva das casas, que deveriam então ser construídas em processo de mutirão envolvendo todos os assentados. A família, por sua vez, exigia acompanhamento técnico, pois não havia recebido formação para este tipo de construção. Também se fez necessária mão de obra especializada, externa ao acampamento. Para tanto, foi acionada a Prefeitura Municipal de Herval, que após grande insistência e muito em função do prestígio das instituições envolvidas, no caso, o INCRA e a UFRGS, decidiram ceder pedreiros e posteriormente, também colaboram com outras demandas necessárias durante o processo.

Já na primeira visita dos pedreiros o quadro foi mudando. Os funcionários cedidos não aceitaram trabalhar nas casas de barro, só nas *convencionais*. “Casa de barro é pra João-de-Barro! É coisa de velho!”, como nos conta Marília. Não restando solução, o grupo do barro resolveu se engajar na construção das casas convencionais e aprender o máximo possível para a construção de suas próprias casas. Um grande desafio enfrentado foi a presença das mulheres nos canteiros de obras. As mulheres assinavam os projetos, tanto pela parte dos assentados, quanto dos arquitetos. Além disso, as irmãs queriam aprender com os pedreiros, que até então não tinham tido aprendizes mulheres, representando uma tensão constante. Elas contam que no início eles se negavam a ensinar e até mesmo a respeitar as opiniões das duas. Depois de algum tempo passaram a ensinar, mas ensinar errado. Só no final, tendo elas demonstrado algumas aprendizagens e um grande engajamento no trabalho como um todo, que essa situação se transformou.

Apesar de representarem a minoria das habitações, as casas de barro tomaram a maior parte dos debates e do espaço das reuniões desse processo. A construção das casas seguiu o tempo das burocracias e dos caminhos nunca percorridos. Tudo demorou muito mais do que o previsto inicialmente e o trabalho se arrastou durante anos. Marília precisou assumir a maior parte dos processos burocráticos, das compras, das entregas, do contato com as instituições, das mediações com os arquitetos. Acabou assumindo boa parte das responsabilidades das instituições e de seus representantes. A arquiteta da UFRGS, contratada pelo convênio, precisou também assumir a vistoria de grande número de casas em assentamentos da região, o que debilitou sua presença no acompanhamento da execução. Dessa forma, a ação das instituições ficou bastante distanciada do

cotidiano, restando aos atores envolvidos localmente o protagonismo na mediação dos conflitos, a exemplo da escolha dos pedreiros em não trabalhar nas bioconstruções e do desengajamento dos outros assentados na construção das casas de barro.

Dessa forma, quando as casas convencionais ficaram prontas, as de barro tinham somente o alicerce. Neste meio tempo, Mônica assumiu a casa de uma assentada que foi embora de Tamoios. A casa também era de barro, mas tinha muitos e graves problemas estruturais, que permanecem sem solução até hoje. O fato é que só Marília seguiu com a construção de barro, que se tornou um trabalho solitário para a família. Por fim, devido a presença inabalável da família no trabalho de construção de todas as outras casas, os pedreiros sentiram-se tocados e, para além do combinado com a prefeitura, se dispuseram a trabalhar na casa de barro de Marília. A família, percebendo os limites do saber-fazer dos pedreiros, pensou na melhor forma de aproveitar sua mão de obra, que foi então empenhada na colocação dos pilares, esteios e telhado. Também construíram as paredes do banheiro, feita de tijolos e onde foi utilizado o cimento, fato que hoje Marília lamenta, dizendo que, na época, não tiveram capacidade de argumentação para convencerem o arquiteto, situação que hoje seria diferente. Desse processo das casas fica difícil destacar o que não seria aprendizagem que envolveram diversos saber-fazer. Todas as interfaces desse complexo processo se constituíram em experiências marcantes, tornando-se bagagem para novos desafios. Até mesmo as coisas que não deram certo, ensinaram, segundo Marília. Coisas simples tornavam-se complexas, pois envolviam o estabelecimento de relações e suas mediações. Como a exemplo da escolha da técnica de construção, o torrão, no caso. A ideia inicial era construir uma casa igual à vista no IPEP, com paredes de fardos de palha de arroz, cobertos com barro. A pesquisa sobre tecnologias locais, feita pelos arquitetos, apontou para uma técnica chamada *rancho de torrão*, que consistia na construção de largas paredes, com o uso de torrões de leiva de grama. A pesquisa realizada pela família também apontou para o uso de técnicas tradicionais, propondo melhorá-las, a partir de outros conhecimentos, da compreensão dos limites dessas tecnologias e buscando pensar alternativas e soluções técnicas para esses limites.

Figura 5



Fonte: Arquivos Projeto. Autor: Fernando Campos Costa

No momento de colocar em prática essa proposta, a família ficou na expectativa da orientação técnica que viria dos arquitetos. Quando isso não chegou da forma esperada e tendo eles que construir na prática suas casas, a apropriação técnica veio a partir da mudança de postura, que foi essencial, transformadora e que envolveu uma apropriação do projeto e do próprio processo pela família.

Tecnicamente a gente mudou muita coisa na casa. Mas a gente mudou tudo baseado em troca. Todas as mudanças foram baseadas em troca de experiência. Por aprendizagem... e era troca com todos os tipos de pessoa, era troca com os mais velhos, era troca com os *new, new* bioconstrutores, era todo o tipo de troca. A gente ia juntando informação em todos os lugares e ia estudando e ia experimentando e baseada na coisa que a gente foi formando

no processo da casa, que foi: é a gente que tem que fazer. Então a gente tem que pensar coisas que a gente pode fazer. E coisas que a gente pode fazer, implicam em: não muita força, implicam em não aplicação de grana, porque você não pode gastar dinheiro com isso... tá tudo ali, tem que só aprender a usar essas coisas. (Marília, junho de 2013).

A proposta inicial para a bioconstrução, como dito, foi o rancho de torrão. Quando a família começou a erguer as paredes, se deu conta que as leivas de gramas eram pesadas demais para serem carregadas pelas pessoas da família. Então aproveitaram a presença de um jovem francês, que visitava a família, para erguer parte das paredes. O jovem retirava os torrões de leiva, os homens traziam até a casa, onde as irmãs colocavam na parede. Diversos problemas surgiram das tentativas de adaptação da técnica e no final do terceiro dia de trabalho, o grupo se mostrava fisicamente exausto e com a compreensão que tal técnica não poderia ter seguimento até o topo da parede, pois nenhum deles conseguiria levantar as leivas acima da altura do peito. O trabalho só poderia ter seguimento com a construção de andaimes, mas para tanto não havia recursos financeiros, nem materiais.

Dessa forma a técnica se tornou um dilema, como exposto por Marília, limitada por questões bem práticas. Então a família optou por outra técnica, praticada localmente, que estava sendo testada nas paredes internas, a “chilca barreada, que é tipo uma taipa de mão... é uma técnica bem daqui” (Marília, junho de 2013). Que consiste numa estrutura de madeira, tramada com chilca, (*Eupatorium buniifolium*, que é uma espécie de vassoura nativa do pampa), coberta com uma massa a base de terra, areia e palha, pisadas. Essa prática não exige muita força e se adaptou às capacidades da família.

Figura 6



Fonte: Arquivos Projeto. Autor: Fernando C. Costa

Mas o trabalho de pesquisa ainda não havia terminado. Ainda enfrentavam um problema de esfarelamento das paredes. Marília brinca que, no início, ela só queria uma receita para sua casa. Com o desenrolar do processo ela foi aprendendo que na bioconstrução não existem receitas. A terra de cada lugar precisa ser testada, sendo a receita da mistura daquela massa, válida somente para aquele lugar. Outra terra, outras proporções para a mistura. Então ela destaca a importância da troca com Roberta, sua vizinha e companheira de direção do MST, que também construiu seu galpão com barro, em Piratini - RS. Roberta e seu companheiro,

Jaime, haviam utilizado um processo de fermentação à base de cactos, que concedeu à mistura uma consistência muito boa. Com esses vizinhos que moram há consideráveis quilômetros, foram muitas as aprendizagens e trocas.

E a partir dessa aprendizagem, desenvolveram também suas próprias descobertas. De uma tentativa de construção de uma parede interna, com o uso do fermento aprendido, que ao secar apresentou rachaduras da largura da própria parede, mas que apresentava uma densidade quase indestrutível, a família encontrou o tão desejado piso, que não levasse cimento. O piso ficou perfeito, na compreensão dos inventores, pois não solta pó e não quebra, mesmo com marteladas. “Se tu olhar na casa, a ordem das paredes que foram feitas, tu vai ver exatamente a evolução do nosso conhecimento da técnica...”. (Marília, junho de 2013).

O piso também está envolto na *dimensão de segredo*, mencionada na história de Seu João. O piso foi desenvolvido a partir de conhecimentos, compartilhados aos poucos. E sua transmissão não é banalizada. Não pode ser. Ele representa uma vitória da família e antes de ser transmitido necessita ser reconhecido. Ao fim não fiquei sabendo a receita ou forma de fazer, com certeza, não por acaso.

O trabalho de pesquisa, realizado pela família, também possibilitou contato com os vizinhos mais próximos. Bem vizinho a Marília existe um rancho de torrão (figura 5).

O rancho de torrão foi a primeira casa de Seu Albio, como a primeira casa de todo mundo aqui na volta. Tem cinquenta e poucos anos o rancho de torrão e tá lá... e aí quando ele pôde, ele fez o chalé de madeira. E aí quando ele pôde, ele fez a casa de cimento. E tá tudo lá. O rancho de torrão tá lá. O chalé de madeira tá lá. E a casa de cimento tá lá. Então é a história do desenvolvimento de habitações rural, tá ali na casa do Seu Albio. E por mais que o rancho esteja ali, e tenha mais que cinquenta e poucos anos, ele: óh, isso aqui não dá certo. É mais fresquinho. Não aquece no verão. Não esfria no inverno. Não tem umidade. Mas a casa de cimento é melhor. E quem faz rancho de torrão hoje é louco. ...No início, quando a gente começou a falar no rancho de torrão e tal, ele não queria dizer nem como é que tinha feito a casa. Ele só nos falava assim, bah, isso dá muito trabalho. isso é muito ruim. Bah, vocês tão loucos, porque meu deus do céu! E não falava, sabe. (Marília, fevereiro de 2013).

Como Marília brinca, as casas dos três porquinhos. Nesse caso a experiência material e sensorial das diferenças climáticas dessas distintas habitações não possuem o mesmo significado para essas duas pessoas. Mesmo concordando que é mais fresquinho no verão, mais quentinho no inverno, Seu Albio privilegia outros critérios na escolha do melhor tipo de habitação. Será que alguém está equivocado?

Temos que considerar que seu Albio teve seu próprio processo de aprendizagem, a partir de sua própria trajetória de vida, contextualizada dentro de um determinado momento histórico. Seu Albio nunca ouviu falar sobre a Permacultura e talvez nem pudesse, pois representa um conceito bastante atual (com conhecimentos, práticas e técnicas bem antigas). Seu Albio deve sim ter ouvido sobre os caipiras, sobre o moderno, sobre o perigo dos barbeiros nas habitações de barro, que transmitem a doença de Chagas, sobre as necessárias ações do poder público em exterminar esse tipo de perigo e conceder habitações dignas, seguras e higiênicas.

Marília constata, que diferentemente de Daurinha, Seu Albio não dá valor pras coisas que se faziam antigamente. “Ele conta histórias. Ele conta coisas. Mas são causos, são contos, são histórias. Ele não tem uma preocupação, e muito pelo contrário, ele não dá valor pro que ele sabe. Ou praquelas coisas que eles faziam antigamente...” (Marília, fevereiro de 2013). E será que um exclui o outro? Creio que não. Nossos dois personagens da história dos três porquinhos, convivem hoje, falam de distintos lugares e falam o que é possível se falar a partir dos lugares onde transitam e de um imaginário possível a cada momento histórico.

Utilizando a alegoria dos três porquinhos, proposta por Marília, podemos pensar nesse processo dos três tipos de habitações, representando modelos de desenvolvimento difundidos no campo e na cidade em diferentes épocas, que se utilizaram de símbolos para alcançar os mais distantes rincões do país. Assim como no clássico trabalho de Antonio Cândido (2003), *Os parceiros do Rio Bonito*, onde a adoção de valores urbanos modernos podem ser identificados em situações corriqueiras, como na preferência pelo cigarro industrial, em detrimento do cigarro de palha. Nesse caso, a casa de barro é uma prática ultrapassada, associada à precariedade.

No caso aqui, essas transformações ocorridas nas formas de morar do rural utilizaram vias do Estado, como o financiamento público de habitações rurais e suporte técnico devidamente orientado para este fim, estabelecendo novas regras e modelos de habitações que podem ou não ser financiadas, materiais utilizáveis e até mesmo desenhos, plantas e estéticas possíveis, que acabam condicionando, em partes, o que se constrói na prática. No caso do Assentamento Tamoios, a escolha de construir duas casas de barro, em um total de sete habitações, trouxe muitas consequências. As habitações em um assentamento, assim como diversas outras

infraestruturas e demais financiamentos públicos, normalmente são disponibilizadas através de projetos coletivos, como nos conta Marília, que são minuciosamente regradados e normatizados buscando atender o geral. Quando alguma norma é contestada, todo o projeto atrasa, prejudicando o grupo como um todo e causando tensionamentos com o próprio fato de contestar.

Na experiência do Tamoios, a questão técnica também chama muita atenção. Nem o Movimento, nem o INCRA possuíam técnicos capacitados para desenvolver projetos fora do padrão de mercado. As casas, no máximo, podiam ser adaptadas, a muito custo, como foi o caso do Seu João, que também lutou com a engenheira responsável, para alterar o desenho da sua casa, que ele mesmo construiu. Mas o fato de propor habitações que utilizem técnicas e materiais fora da lógica de mercado gerou a necessidade de buscar suporte técnico na Universidade, que por sua vez também necessitou buscar, fora de seus domínios, técnicos com esse perfil. Quando os técnicos chegaram enfim ao assentamento, a própria competência técnica foi questionada, exigindo que se projetasse não para os beneficiários, mas junto com os construtores e futuros moradores, em um complexo processo.

Para a construção das casas foi destinado R\$5.000, recurso bastante baixo para construir uma casa em 2008. Portanto, o convênio deu mais um aporte de R\$2.500,00 para tentar viabilizar a execução. Todo o processo de construção do projeto e das casas foi tensionado pela falta de recursos, estruturas, acompanhamento técnico local, falta de domínio técnico dos construtores e pelas questões culturais que envolvem a construção em barro hoje. Apesar de todo esse processo ser protagonizado pelos assentados, com o aval do INCRA e suporte da Universidade, a casa de Marília e todas as outras casas de seu assentamento, até hoje, não passaram pela vistoria, constando o projeto como inacabado. A casa de barro está fora dos padrões de financiamento e o INCRA não sabia como resolver isso formalmente. Como o projeto de habitação do acampamento era considerado inconcluído, não era possível o acesso a recursos de “reforma de habitações” aos outros assentados e muito menos à Marília, que provavelmente nunca conseguirá acessá-los. Mas deixemos a questão da legalidade da casa para discutirmos mais adiante.

Voltando à relação de aprendizagem com o saber-fazer dos vizinhos, podemos pensar sobre as coisas que podem ser ensinadas ou não. Não só Seu

Albio, mas também seu Antoninho, Seu Nico e outros *velhinhos* da localidade, hesitaram em transmitir seu saber-fazer. Eles não só são sabedores das técnicas de construção de um rancho de torrão, como possuem um, construído por suas próprias mãos. Mas qual o significado de ensinar esse saber, quase perdido, a novos vizinhos, jovens, assentados, da cidade?

E aí quando a gente começou mesmo a fazer o rancho, quem assim, tava na nostalgia, querendo muito ver um rancho de torrão de novo, nos ajudou bastante. E quem achava que não e que é loucura, até hoje acha que não, e é loucura. Vem aqui e olha e acha coisa mais linda e ainda acha que é loucura, que não tem fundamento, que não tem por que. E entra dentro da casa. E vê que a casa é melhor. E vê que a casa é mais confortável, se sente bem e tal. Mas não faria de forma alguma. Não faria pra si... Aí a gente teve outras pessoas. Outros *véinhos* da região pra nos dizer, mais ou menos, como é que era. Inclusive o seu Nico, que é nosso vizinho de assentamento, que também trabalhou no ramo e tal e que assim, ele só foi nos dizer como é que ele fez, quando nós começamos a fazer. Porque ele não acreditou que nós ia fazer. Ele não queria que nós fizesse. Todo mundo, o trabalho todo foi feito de convencimento, que a gente não fizesse isso. Quando ele viu que a gente fez o alicerce largo, preparou tudo pra botar o torrão, fez, botou os paus, e tananã. Aí que ele viu assim, ah, eles realmente vão fazer o torrão, aí sim, aí ele nos deu umas explicada, ah, tu tem que cortar assim... e não falava assim, tu tem que fazer. Ele falava: nós fazia assim. Eu quando eu fiz, eu fiz assim, eu fiz assado e eu fiz daquele outro jeito. E nós só pescando, só pescando. E não só ele. Mas o Seu Antoninho, ali lá em cima, ele também, ele fala alguma coisa - que é um senhor que nasceu aqui. é de uma localidade próxima, lajeado, aqui. nasceu e se criou ali, e trabalhou a vida toda com rancho de torrão, palha santa fé e tal - ele também, quando ele fala as coisa ele não fala faz assim: quando eu faço, eu faço assim, faço assado. Ah, eu fiz isso, eu fiz aquilo, eu fiz assim, eu fiz assado. Então isso também é diferente da forma deles colocarem as coisas. (Marília, fevereiro de 2013).

Marília traz uma reflexão sobre o que pode ser ensinado; para quem pode ou não ser ensinando; e a forma de ensinar. Ela conta que seu Antoninho tem um rancho de torrão construído por ele há mais de cinquenta anos. O piso é talhado na pedra. O telhado é de barro. E as aberturas, segundo o costume da região, são bastante baixas, não tendo Marília descoberto o porquê disto. Mas conta que os filhos de Seu Antoninho iniciaram grande pressão para a “melhoria” da habitação do pai, que cedendo às pressões familiares, trocou o telhado de barro por um de telha de fibrocimento, popularmente chamada de *brasilit*. Marília se diverte, sugerindo que esse senhor retirou toda a antiga estrutura com tanto cuidado, que gerou suspeita. As canas foram retiradas “inteirinhas” e todos os pedaços foram cuidadosamente guardados no galpão e, de fato, acabaram sendo novamente colocadas no telhado, pela constatação, após alguns meses, que a *brasilit* aquece muito a casa no verão e esfria demais no inverno. No caso do Seu Antoninho, o seu saber-fazer entra em choque com as concepções dos filhos, que há anos vivem na cidade. Sua estratégia

não é a de enfrentamento direto, mas uma astuta sutileza, que lhe rendeu alguns meses de fazer, desfazer e refazer, zelando assim pela preservação das relações afetivas com os filhos. Em nenhum dos relatos desses senhores, narrados por Marília, os filhos se interessaram em aprender ou até mesmo demonstraram valorizar esse tipo de conhecimento dos mais velhos, sugerindo talvez, que somente o que possui reconhecimento dentro do grupo, pode ser ensinado. Temos que considerar também quem se coloca como aprendiz. Talvez se os filhos estivessem solicitando esse saber-fazer, seria mais fácil a transmissão, mas no caso, são jovens, *de fora*, que não compartilham de muitos valores comuns ao grupo quem solicita essa transmissão. Representam também outro tempo, de quem a experiência familiar sugere que se espere um não reconhecimento e uma cobrança de engajamento em práticas *modernas*.

Figura 7



Fonte: arquivo Marília Gonçalves

Apesar disso, Marília conta que “se” o aprendiz demonstrar muito interesse, seu Antoninho se empenha, com muito gosto, em ensinar o que sabe, diferentemente de outros anciões. Mas o ensinamento transmitido vem articulado à experiência desse indivíduo que a narra. “Ele fez assim. Quando ele fez, fez assim, fez assado.” (Marília, fevereiro de 2013). Sua forma de fazer, não exige que outros tenham que fazer da mesma forma. Podemos ver nessa transmissão de um saber-

fazer, um estilo de narração que não transmite uma técnica estática, mas uma forma de pensar, uma incerteza que remete à necessidade de constante reflexão. Marília posiciona essa forma de transmissão, diretamente oposta ao saber técnico, como a exemplo de um engenheiro agrônomo, que parte do pressuposto da transferência de tecnologia, de transmissão de uma forma específica de fazer, que normalmente vem descolada de qualquer necessidade de raciocínio. Esse é um modelo bastante utilizado na prática de Extensão Rural, onde os agricultores são considerados muitas vezes, consumidores de tecnologias, não lhes cabendo refletir ou criar.

Outro elemento destacado no processo de transmissão é a troca. Marília conta sobre sua aproximação com Seu Albio. Durante esse tempo em que buscou o leite em sua casa, muitas histórias, causos, contos ela ouvira. Por muito tempo a relação foi quase só de escuta, até que um dia Seu Albio descobriu que Marília possuía conhecimento sobre pastagens, tema de seu interesse no momento. Finalmente Marília foi ouvida, tendo então, algo a oferecer. Como ela diz “sabe quando tu é reconhecido? É quando eles te fazem uma pergunta. Daí tu sente a pressão de responder certo. E aí vai.” (Marília, fevereiro de 2013).

Marília também reflete sobre a forma de aprender com os vizinhos, que normalmente envolve um engajamento nas tarefas do outro. Aprender ajudando o outro a realizar seus próprios trabalhos. Porque, solicitar para que lhe ensinem algo, gera uma espécie de sentimento de dívida, que é como aquele descrito por Mauss (1974), que destaca os três princípios da reciprocidade, sendo eles, dar-receber-retribuir. Dessa forma, o engajamento nas tarefas do outro pode significar uma astúcia, que oferece, antes de pedir. Esse engajamento, que pode ser comparado à “troca de dias”, também gera uma dívida para a outra família, que então, buscará retribuir a ajuda, como for possível. “Eles não vão te ensinar. Ou tu vai lá ajuda e aprende. Depois eles vem e ajudam.” (Marília, fevereiro de 2013).

Com Daurinha a troca alcançou um equilíbrio. A curiosidade dessa senhora possibilitou trocas das mais diversas. Existia uma diferença entre os dois irmãos, Seu Albio e Daurinha: a curiosidade no mundo dos outros. Ensinar representava também aprender e Dona Daurinha desbravou esses outros mundos, propiciados pela nova amiga, como pode. A partir de livros pode conhecer como se formavam os vulcões noticiados na TV, que de tão longe, do Chile, estavam espalhando cinzas por sua região. Conheceu a internet. Não como nós da cidade a conhecemos.

Escutou sobre a novidade da rede e logo se deu conta que poderia encontrar uma amiga, que tinha casado com um japonês e ido com ele para o Japão. O contato foi feito pelo *orkut*, uma das primeiras *redes sociais* virtuais, com a ajuda da amiga. Tendo conseguido algo tão difícil, outras curiosidades surgiam fáceis. Marília conta que a cada visita, surgiam novas demandas de pesquisa na rede, como receitas, passarinhos, fotos, notícias, coisas antigas e modernas. As duas viajavam no tempo, sempre em busca das coisas que se faziam no passado, chegavam ao tempo presente e ao futuro da internet.

Marília vê nessa senhora uma mestra pela qual se pode alcançar práticas e conhecimentos do passado, que podem garantir no presente, certa autonomia. A jovem preocupa-se com os rumos da humanidade e um possível colapso, no qual as novas tecnologias poderiam não ser confiáveis ou simplesmente, não disponíveis. Sua família escolheu a Agroecologia como posição política e desde o assentamento vem lutando para colocar em prática essa concepção, que parte de uma forte crítica ao modelo de desenvolvimento vigente, ou “o desenvolvimentismo da Revolução Verde” como colocado por ela. Já Dona Daurinha, vê o colapso nas práticas de seu próprio grupo, como no caso do fim dos *dias de castração e marcação*, prática muito comum na região, que reunia as famílias inteiras para festejarem a lida do dia a dia, ensinando-a para os mais novos, hoje trocada pelos rodeios, com as vacas mecânicas e animais bem criados, num ambiente artificial, comercial e sem propósito prático. Mas como diz a amiga, Daurinha sabe dar valor para o seu conhecimento, sem por isso se mostrar arrogante. Trecho da entrevista de Marília se referindo à transmissão do conhecimento:

...porque tem pessoas, que por serem mais velhas, elas são arrogantes. Elas dizem, eu sei porque eu sou mais velho. Eu tenho conhecimento. E tem muita gente que é assim! e que não tem... uma sutileza, não tem um cuidado assim pra passar o conhecimento. Porque o conhecimento, pra ele ser passado também, ele não pode existir por si só. Ele tem que ter um porquê. E ela consegue dizer isso. Ela consegue te dizer o porque, te fazer entender. Na realidade ela não diz, né, mas ela te faz entender o porque. E isso daí passa! Quando a coisa é feita dessa forma, tu consegue receber. E tu consegue entender. E aí, aí passa! Aí transmitiu. E aí é legal. Agora, quando é imposta assim, não, eu sei porque eu sei, porque eu vivi tudo isso. Porque eu sei, porque tu tem que me escutar... não vai. Porque daí a pessoa não recebe, não entende. Pode até seguir fazendo aquela coisa igual, do jeito que era, por uma questão sei lá eu, de qualquer outro motivo, mas não porque transmitiu o conhecimento. E aí não é garantido que ele também vai transmitir aquilo ali pro filho dele ou pra próxima geração... porque a forma, tem muito a ver com o conteúdo. A forma de passar o conteúdo. (Marília, fevereiro de 2013).

Defende que a aprendizagem passa pela compreensão do *porquê* de cada prática, que assim, não é descolada do grupo que a pratica. O conhecimento não sendo imposto simplesmente, mas fazendo parte de uma forma compartilhada de ver o mundo, que envolve relações de afetividade. Em outra conversa ela distinguiu: “Tem mestre que ensina fazendo. Mas do seu jeito. Outro, que pesquisa o aprendiz para ver como ele aprende. E tem também o aprendiz que pesquisa o mestre. Alguns mestres valorizam o retorno da aprendizagem, de tu contar que deu certo. Que tu fez.” (Marília, setembro de 2012). Assim, a forma tem muito a ver com o conteúdo, como mencionado. São tipos de mestres e também de aprendizes. Como contar o seu saber-fazer, faz toda a diferença, tanto na transmissão, quando na recepção.

Um conhecimento precisa ter um *porquê*, como os dias de castração, que tinham uma finalidade prática de reunir forças, como em um mutirão, para uma lida bastante penosa, que era então transformada em dia de festa e de encontro. O tiro de laço¹⁵, praticado hoje nas vacas mecânicas, servia para capturar os animais que precisavam ser castrados ou marcados. Os vaqueiros demonstravam suas habilidades adquiridas na lida do dia a dia, que poderiam render admiração dos iguais e até mesmo um bom casamento. Era uma atividade esperada por todos e que contribuía para o fortalecimento do grupo e das relações de reciprocidade. Fazia sentido dentro do contexto vivido por aquele grupo, considerando Daurinha, sentido que se perde com o deslocamento para seu modo comercial, que pode implicar nas crianças se interessarem pelo laço, pelo cavalo, mas não pela criação dos bovinos e ovinos, que era o sentido de sua existência.

Como propõe Marília, o conhecimento não pode existir por si só. Ele tem sentido dentro de uma lógica mais ampla que também precisa ser apreendida e experienciada. Aprender significa entender o *porquê*. Praticar significa então compartilhar de algo. Se fazer pertencer. E somente então aperfeiçoar. Transmitir para os próximos poderia ser engajar. A forma tem muito a ver com o conteúdo. A forma de passar o conteúdo faz parte desse dom narrativo, que é desenvolvido pelo indivíduo dentro de um grupo. Tem a ver com pertencimento e afeto.

¹⁵ Tiro de laço é uma forma de competição a cavalo característica do Rio Grande do Sul. Nesta prova, o ginete tem o espaço de 100 metros para laçar um novilho que tenta fugir. São importantes para o bom desempenho, a qualidade da montaria, bem como a habilidade do laçador. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tiro_de_laço

E eu sempre consulto ela. Mesmo que eu saiba o que tem que ser feito. Mas eu sempre vou atrás e pergunto e a gente discute, junta o que eu li, com o que ela sabe, vai chegando a conclusões assim. E ela desenvolve muitas teorias assim. Ela não seria uma agricultora que desenvolve tecnologias, maquinário,... como tem! Tem vários vizinhos que fazem isso. Ela não! Ela desenvolve teorias sobre as coisas. E ela é muito observadora. Ela observa muito a natureza das plantas, a natureza dos bichos. E ela junta isso e monta as coisas, dentro de uma teoria de explicar o porquê. E isso é muito legal. Aí a gente se fecha muito. Porque daí o que ela não sabe, ela me pergunta e aí eu falo. (Marília, junho de 2013).

Daurinha vê nessa curiosa jovem, vinda da cidade, alguém pela qual poderia desbravar o universo desconhecido para além de sua paisagem. Todas as viagens de Marília são sucedidas de esperada visita, onde as fotos são mostradas e narradas. Suspeito que Dona Daurinha viaje junto com a amiga, através das imagens e de sua narração. É dessa capacidade de comunicar experiência que nos fala Benjamin (1994) e que aqui utiliza as imagens como forma de mediação.

Curiosidade em aprender e o gosto em ensinar é o que tem em comum essas duas mulheres. Poderíamos até mesmo questionar a posição de mestre e aprendiz, podendo elas se inverterm em determinados momentos dessa história. Mas creio que os aprendizes, muitas vezes, precisam oferecer conhecimentos em troca de sua aprendizagem. A ideia da reciprocidade de Mauss, (1974) que ao se receber algo, adquire-se uma dívida moral e uma necessidade de retribuição. E é isso que as duas vêm fazendo há quase dez anos. As dúvidas trazidas pela outra nem sempre tem uma resposta pronta. Normalmente envolve pesquisa das duas partes, que acionam formas materiais e pessoas, de perto ou de longe. Acionam distintas redes, memórias, tecnologias, saber-fazer e tempos.

Então ela tem sido uma pessoa muito importante pra própria permanência nossa aqui, não só como uma pessoa que nos ensina coisas, mas como uma pessoa que existe tal como ela é e que nos dá força pra persistir. Pra gente não se sentir tão isolado, tão sozinho. E também na relação com as crianças, de passar não só a questão de conhecimento, mas passar o amor pelo lugar, o amor pelo que faz. Que na verdade, não é nem o lugar em si, mas o que se está fazendo. Fazer aquilo com amor, com sentimento. Fazer parte daquilo. E ela tem muito isso, assim. E ela passa muito isso pras crianças. E ela acompanha as crianças desde pequenos... E ela gosta. E ela gosta que as crianças vão lá, e ela gosta de ensinar... Mas com as crianças também é uma relação de troca, também é uma relação de elas falarem coisas que elas viram, ou leram, ou viram num filme, na TV, enfim, qualquer coisa. Qualquer coisa serve pra troca, desde que exista a relação. (Marília, junho de 2013).

Dona Daurinha pode então ensinar seu saber-fazer escutado e aprendido por toda uma vida e ainda, aprender conhecendo a vida da outra. Ensina também os dois filhos de Marília, Lia e Dudu, assim como irá ensinar Ernesto, que acabou de nascer. São três gerações aprendendo. As duas personagens puderam juntas

alcançar, o que acredito ser um sonho de qualquer mestre narrador: formar aprendizes.

4 As redes por onde andam

A proposta desse capítulo é discutir o papel das redes na construção do saber-fazer, na sua circulação e o papel da narração nesse contexto. Retomando as histórias de aprendizagens contadas por nossos narradores, podemos identificar muitos atores sociais, especialmente instituições, envolvidas elas dentro de processos políticos e históricos mais amplos. Esse saber-fazer narrado é assim constituído dentro de redes, que articulam ideais e práticas e fazem circular ideias, pessoas, saberes, oportunidades, relações e tensões.

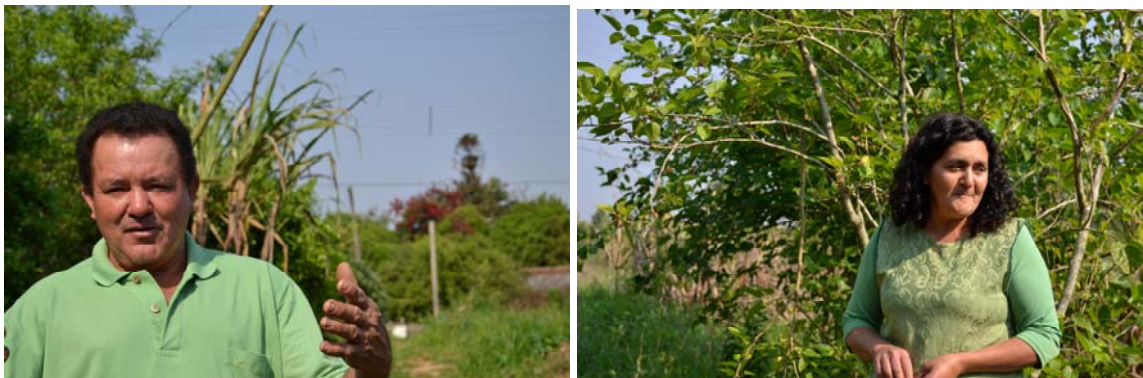
O saber-fazer de Seu João, descrito no capítulo anterior, foi iniciado e desenvolvido pela ação de instituições, articuladas em redes. Foram muitos anos de formação técnica e política, que, a meu ver, se complementam. A iniciação foi pela Pastoral da Saúde de Santa Catarina, passando pela EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina, pelo Método Bioenergético, pela ABRASP - Associação Brasileira de Saúde Popular, passando pela atuação dentro da Câmara de Vereadores de Palma Sola como vereador, dentro da Secretaria de Saúde desse município, como Agente Municipal de Saúde estimulando o uso de plantas. Passou pelas estruturas dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Palma Sola e Campoerê - SC, prestando atendimento. Teve grande atuação dentro da estrutura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do RS e do Brasil. Nesse período coordenou a formação em Saúde dentro do ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. Foi educador nas escolas itinerantes do MST. Se relacionou com a Universidade La Salle, devido a um Projeto de extração de óleos essenciais de plantas. Além desses espaços de atuação, que envolvem, cada qual, menor ou maior pertencimento, podemos imaginar os tantos lugares onde Seu João palestrou, ministrou cursos e oficinas e realizou viagens de intercâmbios. São muitos os grupos que fizeram parte da trajetória de aprendizagem do Seu João.

É forte a referência da Igreja católica na formação de Seu João, sendo necessário introduzir brevemente sobre a *Teologia da Libertação*, corrente teórica que orientou a ação de diversos grupos da Igreja católica, que tiveram importante atuação na década de setenta e oitenta, com a formação das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, tendo papel ativo no período de abertura política pós ditadura militar e colaborando na criação de muitos movimentos sociais,

especialmente o MST, assim como de partidos políticos, como o caso do Partido dos Trabalhadores - PT. A Teologia da Libertação foi um movimento político bastante amplo, de orientação marxista, apostando na organização para a transformação social, que se espalhou pela América Latina, e no Brasil teve especial importância. Esse processo tem relação direta com a história dos nossos dois narradores.

No caso da trajetória de Seu João, percebemos duas facetas da mesma moeda. Sua formação iniciou pelas Pastorais, tendo continuidade na estrutura do MST. O papel de eclesiásticos na disseminação do Método Bioenergético, no termo “naturalista”, no estudo e disseminação do uso de plantas e de receitas como a *pomada milagrosa*¹⁶, mostra a aposta de setores da Igreja na criação dessa *rede de conhecimento* que pode ser compartilhada em praticamente todos os cantos de nosso estado, ainda hoje, quase vinte anos após seu ápice de importância. Alguns dos livros que encontrei na casa de Seu João foram os mesmos que encontrei na casa de Vera, mãe de Marília e também foram os mesmos utilizados por minha mãe, por quase trinta anos, duas mulheres que tiveram formação semelhante a do Seu João, dentro dessa mesma rede.

Figura 8



Fonte: Arquivo Projeto Agroflorestas

No caso, esse saber-fazer construído socialmente tem um propósito. Ele parte da construção do saber-fazer da cura e passa pela construção e o engajamento em uma proposta política de transformação da sociedade. Do mesmo modo, são comuns as referências em figuras de padres e religiosos, muitos deles responsáveis pelo estímulo ao engajamento, tanto nesses trabalhos, como nos movimentos que essas pessoas participam e também pelo processo de transmissão de conhecimento.

¹⁶ Pomada de uso bastante popularizado, difundida pela Pastoral da Saúde.

O mesmo pode ser visto na luta pela terra e pela Reforma Agrária, ideais representados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que tem a sua história entrecruzada com esse processo mencionado acima. Um movimento social assumidamente de classe, com o propósito de atingir a estrutura fundiária do Brasil, apostando na organização e mobilização de grandes massas para pressionar o Estado a realizar, pelo menos em parte, a tão adiada Reforma Agrária. O movimento surgiu no início da década de oitenta num processo intimamente ligado às Comunidades Eclesiais de Base, especialmente a Pastoral da Terra, que através da ação de seus eclesiásticos, deu suporte e construiu legitimidade aos primeiros acampamentos e ocupações de terra protagonizadas pelos agricultores e teve importante papel na mobilização social nas periferias urbanas e rurais, que comporiam as massas do MST. Durante os últimos vinte anos esses setores católicos sofreram intensa perseguição da Igreja, com forte posicionamento contrário por parte do Vaticano. Mesmo assim, a rede formada nas décadas de luta construiu, ela própria, seus espaços de legitimidade e circulação, nos quais seguem o rastro nossos dois narradores.

Nesses trinta anos o papel político do MST, suas bandeiras de luta, capacidade de mobilização e aliados foram se transformando. Também se transformou o debate interno da Igreja católica e de setores da intelectualidade brasileira que fizeram parte desse processo. A própria concepção de Reforma Agrária dentro do MST se transformou, passando de um sentido revolucionário, de mudança estrutural, para um debate bem mais pautado em acesso a políticas públicas. Ainda assim, o MST hoje possui grande legitimidade política, sendo referência aos movimentos sociais de todo o mundo, como modelo de movimento camponês e de resistência. O MST hoje é um movimento de massas, com estrutura organizacional de proporções nacionais, que possui suas próprias tensões. Não ousarei descrever a conjuntura atual do Movimento, tendo certeza de que esse processo foi, e certamente é, muito mais complexo do que aqui descrito.

O que nos interessa é que nossos dois narradores são integrantes desse movimento, onde já assumiram funções de direção, tendo os dois seus próprios conflitos com a estrutura. Mas ele propiciou aos dois narradores um fecundo espaço de formação política, visibilidade e trânsito. Abriu portas e possibilitou contatos, relações, viagens. Um bom exemplo é a viagem de Marília à França, como parte de

um processo de irmanamento, que teve início em 2001, entre Herval e a cidade de Mayene, na França. Em 2012 Marília e Roberta, sua companheira de direção estadual do MST, foram à França, conhecer os processos assessorados pela *Associação Soleil*, organização não governamental francesa responsável pelo processo de irmanamento. Durante 21 dias conheceram de perto a experiência das cercas vivas, prática centenária de criação e cultivo bastante comum naquela região, que é hoje estimulada por esse grupo que intermediou a viagem. Marília conta suas impressões e estranhamentos sobre o velho mundo no vídeo. Ficou chocada com a natureza domada, os rios canalizados, as florestas plantadas, as terras drenadas. Tudo já tendo sido alterado e moldado para servir à produção.

Foi uma viagem marcante. As duas viajantes visitaram agricultores bem diferentes de qualquer um que elas conheceram até então. Outra relação com o governo, com a propriedade da terra, com a própria produção. Um padrão de consumo radicalmente distinto do daqui. Tudo era diferente e vendo essas diferenças, foi que Marília teve enfim certeza do que queria, ou como ela diz, do que não queria. Ter visto de perto e experienciado ensinou muito mais sobre os franceses do que onze anos de relação com eles aqui no Brasil. Ao final puderam então se ver dentro dessa relação e aprender a se impor. Sua avaliação é que o processo de irmanamento, até então, fora muito pautado pelos tempos e objetivos dos europeus. Avaliou como colonialista a iniciativa, mas bem intencionada. Perceberam que tinham mais a ensinar do que imaginavam e que se o processo de industrialização do campo, aqui no Brasil, seguir modelo semelhante ao francês, terá consequências terríveis. Marília voltou convencida de que nossa história precisa produzir outros resultados e que muito trabalho tem de ser feito para contrapor a ideia de construir nossos modelos de desenvolvimento pautados nos países ditos desenvolvidos.

Marília também ficou surpresa com a importância dada ao fato de ela ser do MST, o que também sente aqui no Brasil. As duas visitantes proferiram palestras em Universidades e organizações francesas. Ser do MST abriu portas e despertou muito interesse por lá. Sentiu-se celebridade longe de casa, o que a fez refletir muito sobre como os outros a veem. Essa situação é recorrente. Em cada novo circuito que Marília adentra, sente que recebe um valor que não corresponde, necessariamente, a sua realidade. As pessoas com frequência pressupõe práticas e ideais, antes

mesmo de conversar com Marília. Muitas pessoas que ela ainda desconhece, já lhe chamam pelo nome, em função de um documentário sobre a casa bioconstruída. Teve que aprender a lidar com as expectativas, que muitas vezes acabavam por gerar insegurança no seu fazer. Aprendeu também a falar sobre os limites, tentando desfazer a visão idealizada que dela tem.

Marília teve uma experiência bastante marcante em Porto Alegre. Em 2010 participou de um curso formação chamado Gaia, que discutia a sustentabilidade, envolvendo distintos públicos. O curso exigia um grande investimento financeiro, mas ela recebeu uma bolsa, que facilitou sua participação. Ainda assim, a família teve que fazer um grande investimento, que envolvia recursos para o deslocamento e o tempo de permanência na capital, que então significava tempo distante de casa, dos afazeres e da família. Nesse curso, pode conhecer diversas visões sobre a sustentabilidade, vivenciando alguns estranhamentos, que relacionou ao pertencimento à cidade, sentindo-se, nesse contexto, autenticamente rural. Mas acima de tudo conheceu muitas pessoas, no curso e fora dele. As constantes vindas à capital possibilitaram muitas relações que ampliaram os horizontes da família.

Aqui abro um parêntese para refletir alguns significados de ser rural ou urbano, drama que muitos assentados compartilham. Em relação aos vizinhos antigos, Marília e a família são os "*de fora*", associados à cidade, que representam naquele contexto, valores urbanos. Agora, nesse contexto da capital do estado, convivendo com pessoas de diferentes origens, ela sente-se rural, pois muitos valores e lógicas não fazem sentido para ela. Um passeio pelo supermercado de uma grande rede de abastecimento despertou estranhamento, ao ver nas prateleiras, pedaços inflacionados de carne, embalados em plástico e isopor. Essa imagem foi então associada às fortes críticas ao consumo de carne que encontrou nessa rede que naquele momento adentrava, associando o fato a uma relação distanciada com o alimento. A partir daí podemos pensar o que seria rural, em um país com tamanho trânsito entre cidade e campo. Ser urbano, no caso de Marília, é ter crescido em pequenas cidades e passado a adolescência em Herval, cidade tipicamente interiorana, da fronteira com o Uruguai. Situação semelhante à de Seu João, que sempre viveu em cidades longes dos grandes centros, exceto depois de assentado.

Ao final do curso Marília fez um blog para tentar dar continuidade às novas amizades e relações políticas. Como ela conta, iniciou bem pequenino e acabou virando “uma mega proposta”. Chegou a investir oito horas diárias na pesquisa e atualização do *sitioibiekos.blogspot.com.br*, que funcionou de 2010 a 2012. Preocupada com as fontes de informação utilizadas, Marília construiu, ela mesma, uma rede de captação e verificação de informação, que a aproximou de pessoas e grupos. O blog tratou de pautas dos movimentos, ações que esteve engajada e muito da conjuntura internacional, das jogadas das grandes corporações, de pautas bastante internacionalistas para ser alvo de uma agricultora.

Figura 9



Fonte: Arquivo sítio Ibiekos/ Marília Gonçalves

Esse espaço também se tornou uma vitrine da família, que podia ali se contar, apresentando seus interesses, opiniões e seu universo particular. Todos se engajaram na busca de temas, histórias e imagens dignas de retratar seu cotidiano e seus ideais. O trabalho de pesquisa da família, sobre os saberes "dos antigos", que envolveram o uso de recursos audiovisuais, como a foto e o vídeo, também receberam espaço no blog. No cabeçalho do blog está escrito: “Um cantinho do Brasil, orgulhosamente no Pampa Gaúcho, que quer fazer a diferença, enxergando e discutindo problemas globais e discutindo e realizando soluções locais.” No blog, Marília e a família realizaram um belo exercício de narração, utilizando distintas linguagens e tecnologias, num exercício de construção de uma narrativa própria. Esse esforço da família representa uma atualização da arte de narrar. Assim como na história contada por Paul Gilroy (2001)¹⁷ sobre a construção da musicalidade e

¹⁷ Paul Gilroy (2001) avalia que "o status da atividade social de contar histórias tem se modificado". Ele analisa a produção cultural negra, que no século XX sofre uma significativa mudança em sua forma. A predominância sai do romance, adotando o que o autor chama de "tática sonora, desenvolvida como forma de metacomunicação negra." (GILROY, 2001, p.374). A música passa a ser a forma mais eficiente de contar as histórias, associando o ritmo, a sonoridade e a performance corporal. Sua difusão pela indústria cultural permite um alcance global, influenciando para além do universo cultural negro das Américas. Também o ouvinte passa a influenciar essa produção, assim como produz novas coisas a partir de sua influência, "pois ouvir música não está associado à

performance negra, também aqui o uso da internet e de ferramentas como o blog, as fotos, os vídeos, os textos, proporcionam uma atualização da arte de narrar, tanto no conteúdo, quanto na forma, e também, na amplitude que pode tomar essa narração. É, em primeiro lugar, informação, que possui uma dimensão prática e aplicável na própria propriedade, que é costurada aos conhecimentos pesquisados em artigos acadêmicos, em livros, em blogs, em conversa com técnicos e políticos, que no fazer artesanal, pode então, tornar-se narração.

De Certeau (1998) acredita nesse uso popular da cultura imposta pelas elites produtoras de linguagem (DE CERTEAU, 1998, p. 40). Ele distingue assim a "produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização" (1998, p. 40). Para ele, "os usuários fazem uma *bricolagem* com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras" (1998, p. 41).

Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por "super-ações", excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita, e com razão, de contestar as hierarquias do poder e do saber, à sua "razão". (DE CERTEAU, 1998, p. 78).

Essa manipulação, que é um fazer artesanal, não deve ser somente compreendido como a subversão do que é imposto, mas uma *bricolagem*, como o autor chama, a partir de elementos da cultura dominante que são consumidos (DE CERTEAU, 1998), buscando dar-lhes uma significação dentro de um sistema de valores locais, por exemplo. Sob a perspectiva de De Certeau (1998), o sujeito comum das classes populares retoma sua capacidade de ação. Torna-se novamente ator. Sai da posição de simples consumidor, alienado, para uma posição de ação tática, "que só tem como lugar o outro" (1998, p. 46).

Junto com essa experiência do blog a família apresentou uma bela discussão sobre a internet no meio rural, um tema bastante recorrente entre eles. O Assentamento não recebe sinal de nenhuma rádio e a família está sem TV há muito tempo. Dessa forma, as notícias só chegam por boca a boca ou pela internet. A rede virtual é considerada por eles, uma ferramenta, onde podemos hoje criar a informação. Qualquer pessoa pode expor o seu ponto de vista e também escolher as

passividade" (GILROY, 2001, p. 372). O músico torna-se então o narrador. O conteúdo de sua produção conta sobre as histórias de seu povo, de seu tempo. "Tanto contar histórias como produzir música contribuíram para a criação de uma esfera pública alternativa" (2001, p. 374). Ele aposta no papel comunicativo da arte, como parte de processo dinâmico de produção.

fontes de informação. Destacam que alguns pesquisadores consideram a mais importante ferramenta histórica, onde se pode disputar a produção da informação. E neste debate citaram a história de Rodrigo Wolf, personagem narrador tema do meu trabalho de conclusão de curso (DE CARLI, 2010), na época da pesquisa aprendiz de agricultor em Terra de Areia, que por sua vez conta dos desafios de aprender a ser agricultor. Rodrigo, dentre muitos temas, narra sobre se sentir sozinho, dentre tantos produtores convencionais e reflete sobre como seria mais fácil se houvesse um grupo. Marília e sua família haviam conhecido e conversado com Rodrigo pouco tempo antes, no Seminário Estadual de Agrofloresta. Assistindo o vídeo com a entrevista de Rodrigo, identificaram-se de pronto. Também eles vivem situação de relativo isolamento e a internet, no lugar de vizinhos físicos, poderia ser a ferramenta para eles não se sentirem sozinhos, segundo a família. Claro que a internet por si só, é um espaço ou uma ferramenta que tem uma potência, mas não conecta as pessoas. São as pessoas que se conectam usando a rede e para tanto, precisa haver canais de comunicação, que muitas vezes extrapolam a rede. Mas a rede foi entendida como facilitadora de comunicação.

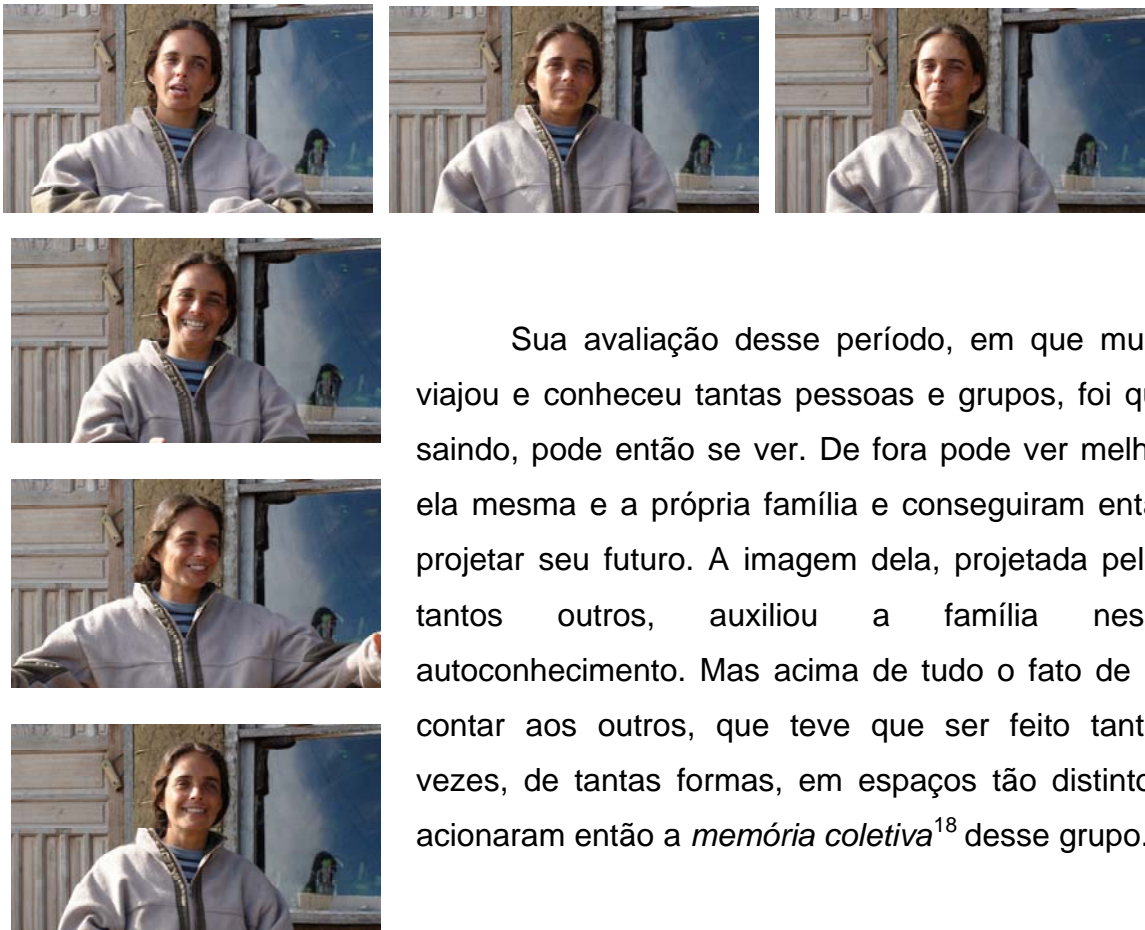
Outro problema é a qualidade da internet oferecida no campo. Não consegui nem mesmo baixar um arquivo, com a velocidade da internet que a família, na época, conseguia, a muito custo, pagar. Para a atualização do blog, sofriam longas horas esperando os arquivos carregarem. A família reflete sobre a necessidade do tema ser pensado enquanto política pública, de forma mais séria, considerando eles, ser um dos fatores que pesam hoje para o êxodo rural. Consideram o trabalho do blog uma forma de *economia improdutiva*, que necessita ser sustentado pelo resto da família, mas que é *politicamente produtiva*, pois avaliam ser insustentável produzir sem consciência política. A partir dessa reflexão podemos pensar, por exemplo, sobre a lógica do produtivismo que desassocia o processo produtivo de outras esferas da vida, quando podemos perceber que a produção tem também uma função política, ligada à construção de identidade.

Na volta da França, Marília e sua família replanejaram as prioridades, decidindo investir tempo integral na produção de ovelhas e na construção do projeto Cerca Vivas, com outras quatro famílias da região. Sua intenção é alcançar a produção orgânica de ovelhas, experiência que conheceu com os agricultores franceses, e fortalecer essa rede local em construção. Para tanto a presença de

Marília na propriedade e nas tarefas cotidianas foi a escolha feita, em detrimento do blog, da representação na Coordenação Estadual do MST e de outros circuitos que Marília vinha participando ativamente. Recentemente a família teve que abrir mão das despesas da Internet, custo que hoje gira em torno de R\$80,00 por mês, muito acima do que podem pagar. Essa situação comprometeu as possibilidades de comunicação da família com o exterior, que já eram escassas, situação de grande tensão para esses narradores.

Ainda do período de *saída* de casa, em 2010, participou da Escola Sul de Formação do MST e também da Escuela Internacional de Sustentabilidad de los Amigos de la Tierra América Latina e Caribe, sendo as duas no Centro de Formação Sepé Tiarajú de Viamão. Em 2011 participou da Encuentro Cono Sur, da Via Campesina, ocorrido em Assuncion, Paraguai, onde conheceu seu novo companheiro, Jone Carício.

Figura 10



Sua avaliação desse período, em que muito viajou e conheceu tantas pessoas e grupos, foi que saindo, pode então se ver. De fora pode ver melhor ela mesma e a própria família e conseguiram então projetar seu futuro. A imagem dela, projetada pelos tantos outros, auxiliou a família nesse autoconhecimento. Mas acima de tudo o fato de se contar aos outros, que teve que ser feito tantas vezes, de tantas formas, em espaços tão distintos, acionaram então a *memória coletiva*¹⁸ desse grupo.

[...] não podemos esquecer que o traço mais significativo da memória coletiva é a organização ativa das experiências vividas. Como quer Le Goff, o passado é uma construção e interpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. Consideramos que as versões do passado são instrumentos fundamentais de definição da realidade atual e perspectivas futuras, mas que o contrário não deixa de ser verdadeiro, isto é, as perspectivas de mudanças futuras também podem redefinir versões do passado, de forma a tê-las, até mesmo, como instrumentos de ação política. (GODOI, 1999, p. 28).

A relação de Marília e sua família com o MST têm seus próprios conflitos, como acima mencionado. Logo após o assentamento, quando sua mãe era dirigente regional do Movimento, muitos conflitos viveram a família. Identificavam uma grande distância entre os ideais da Reforma Agrária, com tantas transformações sociais necessárias para a sua consolidação e as práticas políticas locais. Disputas internas, partidárias e pessoais dificultavam relações. A família então decidiu se retirar dos espaços de direção do Movimento e assim permaneceram até 2010, quando viveram esse processo de *saída* e inserção em novas redes. Os novos companheiros e sua grande consideração e aposta no Movimento, acabaram convencendo a família a retornar para os espaços de direção, com o argumento de um momento de abertura política para novas pautas, então possíveis dentro do Movimento, ele próprio um espaço em disputa. Antes de voltar, a família avaliou minuciosamente as condições e objetivos que buscariam alcançar, sendo eles: 1. Ver de perto como estava a estrutura interna do MST; 2. Conhecer gente que tivessem práticas a ver com o trabalho da família; 3. Viajar muito. Marília considera ter satisfeito plenamente os três objetivos, alcançando ainda mais do que planejaram. Algumas viagens e convites nunca antes foram imaginados.

O movimento realmente abriu portas. Por outro lado, no que diz respeito ao primeiro objetivo, Marília sente que ocorreu um fechamento nesse período. Há algum tempo os objetivos estratégicos do Movimento estão em disputa. Acredito que o engajamento dos nossos dois narradores nas estruturas de direção tem relação com o momento de abertura anterior, onde as plantas medicinais, a agroecologia e a bioconstrução representavam novas posições, novos atores e um possível processo de renovação política, num lento movimento de transformação com suas próprias tensões. Essa abertura também pode ser relacionada a um momento de grande visibilidade internacional do Movimento, no contexto dos Fóruns Sociais Mundiais¹⁹ ocorridos em Porto Alegre, que atraíram as atenções do mundo para as práticas de grupos e movimentos sociais brasileiros, sendo o MST um dos destaques. Isso pode

ser pensado, a partir da narração de seu João, que nos conta que no período dos Fóruns, as atenções se voltaram para o Setor de Saúde. “No tempo dos Fóruns, a farmacinha era o foco dos gringos”. Desse tempo, Seu João conta que recebeu muitas pessoas do exterior, concedendo muitas entrevistas para as câmeras estrangeiras e que a farmacinha era o tipo de coisa que interessava a esses visitantes.

Tendo fim a realização desses eventos em Porto Alegre, outros fatos tiveram importância e suas consequências na forma de organização do Movimento, que inauguraram outra fase. Podemos destacar alguns fatos como, a Comissão Parlamentar de Inquérito das Organizações Não Governamentais - CPI das ONGs; quase três mandatos de Governos Federais do PT; e o impacto dos programas de renda mínima, desenvolvidos por esses governos. Por um lado, muitos projetos que financiavam a luta foram estacionados temporariamente, reduzindo o volume de recursos financeiros disponíveis pra organização das lutas. Por outro lado, havia a responsabilidade com o governo de esquerda, que representava alguns ideários e trajetórias comuns. E finalmente os programas de geração de renda mínima, alteraram drasticamente a capacidade de mobilização das Frentes de Massa, que atuavam nas periferias urbanas e também rurais. Para parte da população brasileira, que era o foco das Frentes de Massa, que passou a ter o mínimo de condições financeiras e uma crescente expectativa de trabalho e renda, fez com que a alternativa de viver a incerteza da casa de lona, por anos, se tornasse desinteressante nesse momento.

Por outro lado, do contingente assentado, quem mais conseguiu se relacionar com as políticas públicas foram os agricultores engajados em cooperativas. A estrutura do movimento se voltou para as cooperativas, que geravam os retornos esperados pela sociedade. Para os que optaram pela autonomia da família ou tiveram problemas com a estrutura das cooperativas, muitas vezes tiveram dificuldade de acessar recursos e às vezes, até mesmo, de superar a etapa inicial de adaptação a nova terra. Como brincou Seu Amilcar, companheiro de Assentamento de Marília:

Quando é que a criança cai? Quando começa a dar os primeiros passos. Dão aquele investimento inicial e depois largam. A maioria não sabe administrar dinheiro. Nunca teve dinheiro pra nada. Aí perdem tudo, não sabem como tocar a propriedade. Depois que já tem essa experiência não conseguem mais apoio. Em vez de dar um tratorzinho para cada dez assentados, por

exemplo, se tu diz isso numa reunião te chamam de antipático. (Seu Amilcar, fevereiro de 2013).

Marília destaca que hoje a prioridade do Movimento é conquistar terra para os filhos dos assentados. A seu ver, esse objetivo é limitado e compromete até mesmo os assentamentos já estabelecidos. Segundo Marília, hoje são cerca de catorze mil assentados em todo o estado do Rio Grande do Sul, sendo destes, menos de sete mil inseridos nas estruturas das cooperativas. Mais de 50% dos assentados estão como que desligados do movimento. Considera também que catorze mil é uma base pequena para fazer a pressão política necessária para dar continuidade a uma ideia de reforma agrária que vá além da conquista da terra.

Seu João também sofreu com a priorização das cooperativas. Dentre outras coisas, a COOPTEC, que presta assistência técnica para o movimento, não conseguiu assessorá-lo na criação da Agroindústria da família, concedendo então uma autorização para que a EMATER assessorasse o agricultor nessa empreitada. Além disso, tem sofrido com a cooperativa que arrenda parte de suas terras e que não vem pagando o valor combinado com Seu João. Os dois narradores contam que o Movimento não vê com bons olhos iniciativas individuais de assentados e pressiona para os agricultores “utilizarem as ferramentas que já existem”. Essa é uma forma de o movimento manter relações com os assentados, mas também representa um mecanismo de controle, pois as políticas públicas são reivindicadas e recebidas através das cooperativas, o que se torna um mecanismo de condicionar seu recebimento à participação nessas estruturas centralizadas.

São muitas as tensões que vivem internamente os militantes. Apesar disso, ser do Movimento abre portas. Podemos então pensar no movimento, ele próprio como uma rede, que possibilita a conexão de seus quadros a outras redes, onde esse engajamento é valorizado, podendo gerar benefícios indiretos, mas também controle social.

Como dito anteriormente, os dois narradores estiveram entre as 154 experiências sistematizadas durante a realização do mapeamento das agroflorestas do RS, promovido pelo Projeto “Fortalecimento das Agroflorestas no RS: formação de rede, etnoecologia e segurança alimentar e nutricional”, conhecido como “Projeto Agrofloresta”, que é uma iniciativa da Universidade Federal do RS, através da RODA- Rede orientada ao desenvolvimento da Agroecologia e do DESMA, os dois núcleos do PGDR, além da Emater/RS-Ascar, com o apoio da Secretaria Estadual

de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo-SDR, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA Clima Temperado, ONG Sementes da Vida e o INGÁ-Instituto de Estudos Ambientais. O projeto “mapeou mais de 154 experiências agroflorestais manejadas por agricultores familiares, povos indígenas e comunidades tradicionais nas diferentes regiões fitoecológicas, em 75 municípios do Estado do Rio Grande do Sul²⁰”. O mapeamento foi realizado pelos estudantes e pesquisadores da Universidade, contando com as redes de atuação de cada um deles, que apontaram para figuras conhecidas de todas as regiões do Estado, que desenvolvem cultivos, criações, resgates de sementes, de tecnologias, enfim, agricultores *diferentes*, com pouca adesão aos modelos que aqui consideramos *convencionais*.

A grande maioria desses agricultores desenvolve suas práticas há muito tempo e neste momento todos eles foram reunidos através do título *agroflorestais*. Nas visitas que pude acompanhar, o momento inicial era dedicado a apresentação desse termo, que os agricultores, ou desconheciam ou não utilizavam. No seu João o termo utilizado até então era *permacultura*, como descrito anteriormente. Na Marília, os termos eram *permacultura* e *agroecologia*. Outros ainda eram *orgânicos* e talvez tantas outras definições e indefinições, determinavam cada diferente tipo de saber-fazer. No caso deste Projeto, uma categoria científica, mas acima de tudo política, foi proposta pela ação desses pesquisadores, que proporcionaram três tipos de espaços de trocas aos agricultores e comunidades tradicionais envolvidas no Projeto. A primeira forma foram as *visitas de intercâmbio* em algumas propriedades, por afinidade de cultivos ou desafios enfrentados. Experiências que poderiam contribuir para o trabalho individual de cada família. O segundo espaço de troca foram os *seminários regionais*, que promoveram encontros dentro de territórios, biomas e culturas próximas ou semelhantes. E finalmente, o *Seminário Estadual*, que reuniu boa parte dos mapeados e ainda uma série de instituições que intervêm, normatizam, pesquisam e elaboram políticas públicas para aqueles que as praticam.

No Seminário Estadual, durante os horários de intervalo e nos debates em grupos menores, foi recorrente o contentamento de muitos dos agricultores presentes, em conhecer pessoas tão parecidas com eles próprios e com isso, a ansiedade de mais tempo para se conhecerem e trocarem melhor. Acredito que seja um tipo de pessoa que existe em quase todos os lugares que conheci. Muitas vezes

nos chama atenção os mais velhos, mas os mais novos são tão geniais quanto. Acompanhei o trabalho de uma colega de pós graduação, Lisiane Brolese, que pesquisou os quintais agroflorestais. Em todas nossas conversas eu só podia concluir que esses personagens que ela pesquisava, que são também os personagens representados no Seminário como agroflorestais, figuras, que só consegui comparar a descrição do narrador, descrito por Walter Benjamin (1994). Pode ele ser um contador de histórias, às vezes de causos, às vezes de mentiras, mas na sua maioria, consiste em uma habilidade de contar a si próprio, contar sua vida, moldando-se às circunstâncias, aos lugares. É um dom que muitas vezes é desenvolvido atrelado a um saber-fazer. Que conta as tragédias da vida, fazendo rir. Que usa a malemolência das formas de contar, para afrontar o saber técnico, mas que dele retira tudo o que pode, sem constrangimento. Que gasta tempo planejando o *troco* a uma restrição. Que não desperdiça oportunidade de atacar com leveza quem oprime, mas que reconhece sua força e limite. Que usa das armas dos fracos, reinventando o passado e os fatos conforme a necessidade. Certamente consiste em uma arte. A arte de narrar.

Figura 11



Fonte: Arquivo Projeto Agrofloresta

Marília reconheceu narradores nesse evento, mestres narradores. Sua avaliação do momento foi que, mais importante que as leis, a normatização e as possíveis políticas que daí decorram, foi o fato de ter colocado todos essas pessoas em contato. Conhecer uns aos outros tem assim grande poder. Mesmo que não se encontrem com frequência, ou mesmo que a ideia de rede não vingue, uns sabem da existência dos outros agora. Sonham em aprender as malandragens, em dominar as técnicas, os saber-fazeres, em conhecer as propriedades dos outros personagens que agora vivem em seus imaginários. Só de saber que existe um Rodrigo, deu força para a sua família, por exemplo, para desenvolverem da melhor forma o seu trabalho. Saber que existem outros como ela fornece ânimo para continuar.

O Seminário ocorreu em dois dias, o primeiro sendo dedicado às instituições e o segundo aos relatos de experiências dos agricultores, comunidades tradicionais e aos debates. Foram bem distintos os dias e os temas que preocupavam cada ator social envolvido. Fazendo um apanhado geral do primeiro dia, os representantes das

instituições se esforçaram em relatar os esforços que têm sido feitos e os avanços alcançados nos últimos anos, apesar dos limites das instituições, buscando apoiar este tipo de iniciativa. No segundo dia, protagonizaram outros atores, falando dos desafios que envolviam a construção do sonho de cada família, as tantas burocracias e dificuldades com a legislação, com a fiscalização, com a regulamentação. Falavam de muito trabalho, sonho e perseverança. Visivelmente posicionados em lugares diferentes, o que se podia perceber é que quase todos os presentes representavam indivíduos que buscavam *fazer diferente*, cada qual em sua posição. Técnicos, pesquisadores, estudantes, políticos, agricultores e comunidades tradicionais, desenvolviam cada qual um saber-fazer específico, que extrapolava a questão técnica para qual cada um havia sido formado, envolvendo suas convicções políticas. A maior parte dos representantes das instituições não reproduzia o discurso institucional, mas falavam de uma trajetória própria, buscando abrir espaço dentro de seus locais de atuação, que muitas vezes é este também, o responsável pelo desenvolvimento e implantação dos modelos tidos como convencionais, como a exemplo da EMATER e EMBRAPA.

O evento deu visibilidade às relações de poder que envolvem as redes de pesquisa e assistência técnica, importantes aliados dos agricultores, mas que muitas vezes também representam tensões ao seu saber-fazer. Pode-se notar que, apesar dos agricultores valorizarem o apoio encontrado em determinados técnicos, que muitas vezes não corresponde à visão da instituição como um todo, esse apoio ou envolvimento com o trabalho realizado nas propriedades também está envolto em relações de poder e tensões. As experiências relatadas por cada agricultor eram também apresentadas como resultado das instituições, o que contribui para a visibilidade dessa tensão.

Marília relatou no seminário, o projeto Cercas Vivas, em construção na sua região, salientando o receio do grupo em uma apropriação política de seu trabalho. Segundo ela, quando o projeto tem apelo, muitas instituições se interessam na parceria e passam a falar sobre ele em espaços públicos, como sendo um trabalho da instituição. Se um técnico acompanha, ganha propriedade sobre a iniciativa, sendo que o mesmo não acontece com os agricultores. Por outro lado, para acesso a recursos e reconhecimento técnico de um projeto, esse tipo de parceria é muito

importante e muitas vezes condicionante. Essa parece ser uma questão bastante polêmica e por isso, uma importante reflexão.

Seu João e Dona Loia apresentaram no Seminário o desafio de sua família, na constituição da Agroindústria para o beneficiamento de plantas e seus derivados. Aproveitaram o espaço para mostrar e comercializar seus produtos, servindo como pretexto de trocas com diversos presentes. O resultado do Seminário foi uma visibilidade para essas duas famílias. Para seu João, foi o espaço de contato direto com representantes da Secretaria de Desenvolvimento Rural do Governo do Estado, que participaram do mesmo grupo de trabalho que Dona Loia e Marília, e imediatamente mostraram-se dispostos a colaborar com a iniciativa da Agroindústria. A partir desse evento, a EMATER passou a acompanhar Seu João, renovando as esperanças de materialização do sonho da Agroindústria. Marília destacou-se no Seminário por seu dom de narradora. Chamou a atenção dos órgãos de pesquisa e extensão de sua região, que agora conversam sobre possibilidades de trabalhos conjuntos.

Tive a oportunidade de acompanhar duas reuniões da EMATER no Assentamento Tamoios, em Herval. As duas foram distintas, pois houve um processo de admissão de novos quadros técnicos e a transferência de alguns antigos. Essa renovação pareceu muito positiva, pois os novos técnicos, devido às trajetórias que envolvem engajamentos políticos e pertencimentos a redes semelhantes a dos assentados, se mostraram bastante interessados no projeto Cercas Vivas, na casa bioconstruída e nas outras demandas da propriedade. Mas o que para mim pareceu mais significativo, foi a ação para além do protocolo dos novos técnicos, em comparação com os antigos, contabilizando as míseras horas pagas, destinadas ao pequeno assentamento pelo INCRA. Na prática, a EMATER tem poucas horas destinadas ao assentamento, o que faz com que, se ação for só pelo protocolo, pouquíssimas atividades seriam realizadas pela empresa de assistência técnica lá.

Tanto no Seu João, quanto na Marília, percebi certo *ranço* com a “técnica” ou talvez com os técnicos, postura comum também a outros agricultores que conheci. Mas esse fato não reflete na negação da técnica por esses agricultores, mas em uma disputa invisível travada por essas instituições e o saber-fazer dos agricultores. Para alguns teóricos da escola de Frankfurt, a técnica “[...] é tão democrática quanto

o sistema econômico com o qual se desenvolve. A técnica é a essência deste saber.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Portanto, a técnica é fundamentalmente política e o discurso da neutralidade técnica é o discurso da submissão ao modo predominante de reprodução social. Por detrás de escolhas técnicas, se escondem lógicas de pensamento, ideologias, preconceitos, interesses econômicos, etc. No desenvolvimento do processo chamado Revolução Verde²¹, mencionado por Marília, a técnica foi utilizada como verdade absoluta, sendo responsável pela implantação dos pacotes tecnológicos que condicionaram a produção de alimentos aos interesses das indústrias e do mercado. E para a legitimação desse tipo de saber-fazer técnico, foi necessário um longo e intenso processo de desvalorização de outros tantos saber-fazer, desenvolvidos por toda a parte. Como reflete Milton Santos,

Na aurora da história, havia tantos sistemas técnicos quanto eram os lugares. A história humana é igualmente a da diminuição do número de sistemas técnicos, movimento de unificação acelerado pelo capitalismo. Hoje, observa-se por toda parte, no Norte e no Sul, no Leste e no Oeste, a predominância de um único sistema técnico, base material da mundialização. (SANTOS, 1994, p. 23).

Os conhecimentos de uma infinidade de comunidades e grupos, ao mesmo tempo que foi socialmente desvalorizado, foi também apropriado e adaptado pelo capital, retornando à população como mercadoria. Mas agora sem a memória, o conhecimento e a autonomia que eram sua base e garantiam a perpetuação daqueles grupos. Esse é o caso dos saber-fazer desenvolvidos pelos nossos narradores.

E diferentemente do que se poderia pensar, não é negando a técnica que reagem. Tanto Seu João como Marília demonstram a necessidade de domínio das técnicas. Esse é o caso da casa bioconstruída de Marília e também dos remédios feitos de plantas medicinais. Para tanto se dedicam à constante pesquisa e prática. Marília explica o porquê, quando conta que, dentro do movimento, muitas vezes as razões técnicas vencem os debates políticos. A técnica, diferentemente dos posicionamentos políticos, são “indiscutíveis”, e sendo assim, representam um importante mecanismo de poder. A experiência de Seu João é um pouco distinta. Sua disputa é com o saber técnico médico, e assim sendo só a técnica para enfrentar outra técnica.

A técnica também contribui para o controle dos territórios. Esse parece ser o contexto das duas famílias e seus narradores. Seu João e Dona Loia estão inseridos

em um território, em que historicamente se produz arroz, com base na grande propriedade. O monocultivo se adaptou ao uso de maquinários, defensivos e adubos químicos, drenando água, secando banhados. Após a demarcação do Assentamento Santa Rita de Cássia II, a produção foi condicionada a ser *orgânica* pelo poder público. E esse fato é bem interessante, pois quando a legislação foi finalmente aplicada, os grandes proprietários preferiram procurar outras atividades produtivas ou terras, e essas áreas foram vendidas ao Estado e destinadas à Assentamentos de Reforma Agrária. Já são tão grandes as dificuldades enfrentadas para o sucesso de um assentamento e são também nessas áreas que as restrições são mais percebidas. São também onde são fincados Escritórios dos órgãos fiscalizadores, que controlam bem de perto o que costuma passar despercebido logo após as cercas, que constantemente são invadidas, pelo ar, por aviões que espalham veneno nas propriedades lindeiras ao assentamento, como nos conta Seu João. E dentro desse contexto mais amplo, Seu João e Dona Loia planejam viver dos chás, produzidos de forma orgânica, no que hoje chamam de propriedade agroflorestal. Executam, a muito custo, uma Agroindústria, que depende ela de saber-fazeres técnicos, que algumas vezes nem os técnicos dominam. Essa intenção de *fazer diferente* não foi estimulada nem facilitada até o momento, apenas regrada, normatizada e fiscalizada.

Da mesma forma, Marília vive em uma região onde o forte é a produção de gado e ovelha. Há alguns anos atrás, por pressão da indústria papeleira, a região foi mapeada como área de silvicultura, e segundo ela, teve boa parte da paisagem alterada por milhares de hectares de eucalipto. Esse tema se tornou uma das bandeiras da família e atualmente a região vive nova e impactante transformação, estando agora a soja, invadindo grandes áreas de campo.

A gente chegou aqui em janeiro de 2002 e de lá pra cá a gente foi vendo toda a transformação desse horizonte. Primeiro a derrubada do mato pra pasto, pra aumento dos campos. E também para a produção de lenha, com mata nativa, que era bem forte há dez anos atrás. E isso há mais ou menos cinco anos atrás foi mais ou menos controlado, teoricamente e também no que a gente vê mesmo, porque antes a gente enxergava bastante fogo. Aí, depois veio os eucaliptos. E aí deu uma transformada bem grande na nossa paisagem. Por exemplo, o nascer do sol, que nos tapou. E até a questão dos ventos, e da água também, que verte. E de ir nos vizinhos, os moradores mais velhos e eles tarem colocando que as secas são cada vez mais graves. Eles botam o dedo, ah, é o eucalipto. E agora o soja. O ano passado a Farsul conseguiu um aumento de área pra produção do soja. Porque antes, dentro do mercado de produção, essa área era uma área de produção do eucalipto e acácia. E agora, o eucalipto... digamos, o mercado não tá mais tão interessado nisso. E agora eles aprovaram o soja. (Marília, junho de 2013).

Marília e seu companheiro Jone conheceram o novo mapa da soja há dois anos, no curso da Via Campesina, ocorrido no Paraguai, que denunciava as novas áreas de disseminação da soja no sul do continente. Sua região constava nessa ampliação e agora é possível ver, na prática, o avanço planejado internacionalmente. O domínio da técnica e a ação política possibilitou a entrada da soja no pampa, assim como os eucaliptos. A transformação da paisagem, também representou a transformação das lutas e contra quem são protagonizadas.

Então nesses últimos dez anos, a gente teve um processo bem transformador, de contra quem a gente tá lutando e o que tá contra nós. A gente chegou aqui e era uma realidade de fazendeiros latifundiários de gado e pequenos produtores. Dali a poucos anos virou multinacional de eucaliptos e pequeno produtor. E hoje é a multinacional de soja transgênica e pequeno produtor. Né, então a gente teve uma transformação do nosso inimigo, todos representados pelo mesmo, da mesma forma, de ir contra a nossa existência. E eu digo contra a nossa existência porque é incompatível, né. Não tem como tu produzir orgânico do lado de uma área que produz soja transgênica. Então pra eles existirem, nós temos que deixar de existir, ou vice-versa. Então, por isso que eu não falo em coexistência, não acredito em coexistência. (Marília, junho de 2013).

Marília compara o Assentamento a uma *ilha*, que vem sendo cercada pelos dois monocultivos, que envolvem questões simbólicas e consequências práticas, a exemplo da alteração da paisagem e da presença inédita de aviões veneníferos, que não respeitam cercas, nem escolas e, no contexto da Marília, representam um limitante da proposta de produção orgânica e agroecológica que vem sendo construída pela família. E justamente por essa percepção de ilha, que a família ressalta a importância de uma rede, onde possa saber o que os outros, que são como ela, têm feito e onde ela pode conhecer a importância política do seu próprio trabalho e se sentir útil. Segundo Marília, é muito importante ter uma rede que dê sustentação política a sua ação, pois a pressão social para conversão dos *diferentes* ao modelo dominante é muito grande, muitas vezes abatendo o ânimo da família, que se vê lutando sozinha. A associação com a *ilha* também foi feita referindo-se ao relativo isolamento do próprio assentamento e da família em relação a maioria dos vizinhos, parte dessas questões simbólicas envolvidas nas transformações dos modelos produtivos.

Aqui cabe ressaltar que determinadas redes, como a estrutura do MST, permitem circular uma grande quantidade de informação, muitas vezes privilegiada, que instrumentalizam os militantes com informações e argumentos que, aliados a sua formação política e capacidade narrativa, torna-os personagens extremamente

críticos e preparados para qualquer embate político. A discussão trazida durante todo esse trabalho é um bom exemplo disso.

Nas redes circulam também pessoas. Um bom exemplo é o atual companheiro de Marília, Jone Carício. Os dois se conheceram na escola da Via Campesina no Paraguai, em 2011. Jone é natural da região de Córdoba, na Argentina e é militante de uma jovem Cooperativa de Trabalho chamada *La Minga*²², que trabalha com geração de renda, ambiente, cultura, comunicação popular e autogestão e é parte do processo argentino das fábricas ocupadas pelos trabalhadores, ocorrida após a violenta crise econômica de 2001. A organização, entre outras pautas, realiza uma forte crítica ao modelo produtivo de sua região, que é baseado no monocultivo de soja, atrelando essa prática, que se utiliza de agrotóxicos, aos recorrentes problemas de saúde e ao alto índice de câncer na população local.

Jone tem fortes ideais revolucionários e conta que quando conheceu Marília, sentiu que poderia realizar diversos aspectos desses ideais. A bioconstrução, a produção agroecológica, a vida no campo e retirar da terra seu sustento, representavam uma oportunidade de colocar em prática as alternativas propostas pela sua organização social. Mas essas práticas, a seu ver, só fazem sentido dentro de contexto de politização e organização social, que aqui é possibilitada pelo Assentamento e pelo Movimento em si. Jone também condiciona sua crítica à uma *prática*, que é esta uma parte do *saber* conceituado por seu grupo. Para *La Minga*, “o *saber* é composto de três partes: o saber; a socialização do saber; e sua prática. Sem essas três dimensões, o que se produz são seres que somente *consomem informação*” (Jone, fevereiro de 2013).

Jone não estava mais contente com a vida na cidade, apesar de seus vinte e dois anos, e Marília possibilitou materializar muitos sonhos. A vinda para o Brasil representou deixar para trás um estilo de vida e aprender uma nova língua, novas relações, entrar em uma família já constituída, com dois filhos adolescentes. Envolveu as aprendizagens da lida da roça, da lida dos bichos, da casa de barro, do conserto das cercas, de manejar o mato, dos tempos, da aprendizagem com os vizinhos e também com os enteados, das limitações econômicas, de se tornar pai, entre tantas outras aprendizagens. Jone encara todos esses desafios com o entusiasmo de um jovem aprendiz. Sua história de militância há milhares de

quilômetros, cruzou-se com a de Marília, dos remotos cantos do pampa gaúcho e formaram uma família, que agora recebeu um novo membro, Ernesto, em fevereiro de 2013.

Esses narradores contam histórias de seu saber-fazer e de suas andanças, que lhes dão matéria para novas e surpreendentes histórias. Seu desafio pode ser encantar um vizinho, um técnico, um pesquisador, um companheiro, um militante, uma pessoa que busca ajuda, que busca aprendizagem ou que simplesmente está de passagem. Esse pertencimento a redes possibilita conhecer novos mundos que serão temas de novas histórias, que para sua confecção, se utiliza dos materiais disponíveis e acessíveis a cada tipo de narrador. Uma câmera fotográfica ou filmadora, um rótulo de uma pomada, uma habitação, a história de cada planta, de cada animal, de cada viagem, de cada batalha travada, de cada encontro com um universitário, com um técnico, com um mestre.

Neste capítulo busquei refletir, a partir das histórias narradas, sobre diversos aspectos que envolvem as redes, que são interconexões entre pessoas, coletivos, movimentos, em torno de interesses. As redes, muitas vezes permitem a circulação de pessoas, de conhecimentos, de realidades, de culturas, de lutas, que envolvem elas próprias, novos processos de aprendizagem e de comunicação. Os narradores de hoje aprendem e aperfeiçoam sua arte, a partir e através das mais diversas redes. Necessitam assim, criar formas de comunicar, que contribuam para superar barreiras linguísticas, questões técnicas, políticas, relações de poder, acesso a informação, a conexão, questões econômicas e a distintos pertencimentos.

5 O fazer dar certo

Tendo então refletido sobre o papel das redes na construção e circulação do saber-fazer e sua importância para o desenvolvimento do dom narrativo, proponho agora refletirmos sobre a construção dos projetos de vida desses narradores, que envolvem o desenvolvimento, a aplicação e a transmissão do saber-fazer e da arte de narrar, aplicados aos contextos de dificuldade e desafio vivido por essas famílias hoje. Nos dois narradores, assim como em muitos outros agricultores que conheci, percebi uma tensão que envolve a construção dos projetos de futuro, que denominei como uma necessidade de “fazer dar certo”.

Podemos iniciar essa reflexão com a questão da luta pela terra, que envolvem ideologias e também ideais sobre sua conquista. Desde o momento em que se cogita a possibilidade de aderir a um acampamento do MST, passando pela decisão, pela chegada, pelo intenso processo de formação política, de trocas com companheiros já assentados, vai se construindo um imaginário sobre a conquista da terra, muitas vezes idealizado. Quando finalmente é sorteado o nome da família ou do indivíduo, esses são direcionados para o futuro lote, normalmente antes mesmo de o contexto legal estar resolvido, vivendo então, mais um tempo embaixo de lona, aguardando a demarcação dos lotes, como forma de pressão do Movimento ao INCRA, para que agilize o processo burocrático.

Já na chegada à terra, as coisas mudam. “Quando ganha a terra é só o início da batalha. Assim que chega na terra, a primeira coisa é cortar a comida. Porque aí o INCRA consegue o controle.” (Seu João, junho de 2013). Depois da tão ansiada chegada à terra, a família vive ainda mais um longo período de espera, que envolvem a regularização da área, a demarcação dos lotes e a liberação dos recursos e financiamentos destinados aos novos assentados, que normalmente levam vários anos. Tanto Marília, quanto Seu João relatam um período de cerca de um ano sem auxílio nenhum. Quando o primeiro recurso enfim chega, ele normalmente já está comprometido no pagamento da alimentação da família, consumida durante o período de espera. Então se faz muito importante os “bicos”, como são chamados os serviços a terceiros e os trabalhos temporários. Foi muito importante o ofício de pedreiro, para a manutenção da família de Seu João, assim como Marília precisou dar aulas no MOVA-Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, para sustentar sua família. Seu João conta que, desde o assentamento, tem

contado com recursos financeiros de trabalhos externos para a manutenção da família, buscando investir integralmente os recursos dos créditos recebidos na terra, mas que até hoje não viram o retorno desses investimentos. Contam que “teve gente que acabou comendo todos os créditos” destinados à produção, porque não encontraram outra forma de geração de renda. Diferentemente do que se pensava nos primeiros tempos, não era a terra que lhes daria o sustento, mas seu trabalho, fora do lote, que precisaria sustentar a terra, pelo menos por algum tempo. E esse tempo de sustentar a terra é um elemento de tensão no *fazer dar certo*.

Mesmo assim, o sonho de sobreviver da terra não foi abandonado, mas precisou ser reinventado. As tentativas frustradas tornaram-se experiências de como não fazer. As duas famílias construíram estratégias bastante distintas da maioria dos assentados, buscando caminhos mais autônomos, com projetos de futuro bastante autênticos.

5.1 Agroindústria ou *raizeiros*?

talvez hoje me pergunte, qual é o motivo que levou você pra um acampamento, acampar. Aí é essa mesma história das plantas medicinais que me levou acampar, no acampamento Sem Terra. Porque eu já trabalhava com as planta medicinal, mas indo buscar planta na mata nativa, e em algum vizinho que tinha planta. Porque eu morava na cidade, terreninho pequeno não tinha produção pra produzir todas as ervas. E eu tinha um sonho de trabalhar bastante com as ervas medicinais. Então eu tinha um sonho de ter uma terra. Uma chácara que eu pudesse cultivar, fazer isso que eu faço hoje. Aí qual é alternativa. Vô acampar, no acampamento dos sem terra, em busca por uma terra pela Reforma Agrária. Eu já tinha conhecimento porque bem antes, tinha dois irmãos meus que tinham sido assentados, pelo programa da Reforma Agrária. Então eu tinha uma certeza que se eu fosse acampar, eu ia conseguir a terra, pra mim desenvolver aquilo que eu queria... e hoje a minha casa é no meio das plantas medicinais. Então, isso que me levou acampar. Pra adquirir... concretizar o sonho. Desse sonho de trabalhar com as plantas e tirar da própria terra. Não sendo preciso ir buscar fora. Hoje eu tenho onde eu produzir. Tanto produzir a planta que é produzida e também tirar a planta da mata nativa. Então esse sonho, foi o sonho que levou nós pro acampamento. (Seu João, dezembro de 2012).

Seu João e Dona Loia construíram o ideal da terra costurado ao saber-fazer das plantas medicinais e da cura. Planejam trabalhar com as plantas medicinais com o objetivo de sustentarem-se e envolverem alguns de seus filhos. Para tanto, apostaram na construção de uma Agroindústria de beneficiamento de chás e de derivados, como pomadas, xaropes, sabonetes, etc. O casal já se sustentou do trabalho com as plantas, na época de Santa Catarina. Se quisessem retomá-lo, seria relativamente fácil para eles. Mas a aposta foi buscar a “legalidade” da atividade, que foi encontrada na figura da Agroindústria.

Agora esse aqui é outro sonho que eu tô contando pra vocês. Tá quase concretizado. Eu espero concretizar ele bem. E meu sonho é dar esses quatro empregos pra minha família. Eu, minha esposa e mais dois filho que tenho em casa. Isso é os primeiros dois empregos, depois pode ter mais. Mas dando pra nós viver já tá ótimo. Manter a propriedade e viver daqui, sem se empregar fora. Além de emprego, sobreviver, ainda vamos cuidar da propriedade, cuidar a natureza. Tratar muitas pessoas que quiser vir aqui pegar nosso chazinho. Além do chá, outros produto, né. E embelezar a propriedade. Esse é o nosso sonho. (Seu João, dezembro de 2012).

Seu João percorreu um longo percurso buscando a legalização do empreendimento. Na Prefeitura de Nova Santa Rita encontrou muita falta de informação. Era então jogado de um lado para outro. Sentia que existia o medo dessas autoridades locais em tomar decisões erradas. Queriam resolver sua situação, mas não sabiam como. Esteve ele, por quase dois anos, tentando descobrir os caminhos que precisava percorrer. Enquanto isso, seu João foi levantando a estrutura da Agroindústria, a partir de um projeto e recursos financeiros próprios. Durante o Seminário de Agroflorestas conheceu representantes da Secretaria de Desenvolvimento Rural - SDR e da EMATER, que se envolveram na empreitada, com a promessa de agilidade na solução da questão. Realizaram a inscrição de sua Agroindústria no Programa Agroindústria Familiar e no Selo Sabor Gaúcho, do Governo do Estado do RS. Nesse meio tempo, houve novamente uma alteração nas responsabilidades, segundo o que foi informado a Seu João recentemente, sendo então repassado aos municípios esse processo de licenciamento. Na minha última visita, Seu João se mostrava desmotivado com a situação, pois avalia que as Prefeituras são carentes de informação técnica, ou de saber, como dito por ele, e vão trancar os processos por medo de errar, opinião baseada em sua experiência recente.

Seu João então mudou de estratégia, paralisando a obra, até então feita com recursos próprios, para aguardar alguma solução por parte das estruturas de Estado. Caso isso se resolva, seu alvo será o financiamento público dedicado às Agroindústrias Familiares. Por trás desse interesse, está uma situação de grande tensão vivida com as estruturas do Estado e com o próprio Movimento. O fato é que os assentados não possuem título de propriedade sobre suas terras. E sem a propriedade, fica praticamente impossível acessar financiamentos diretos, que não passem pelas estruturas, como das cooperativas. Para acessar linhas de crédito do PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, por exemplo, os bancos exigem um avalista e o documento oficial da área, sendo

necessário empenhar algum bem. Segundo Seu João, o PRONAF Agroindústria exige o pagamento de somente 30% do recurso concedido, ainda contando com um período de carência. Seria assim, um ótimo recurso para financiar o sonho do Seu João. O caso é que ele não pode acessar esse recurso. Mesmo ele calculando que sua “propriedade” tenha um valor comercial, hoje, de cerca de um milhão de reais, ele não consegue financiar cinquenta mil reais. Os assentados podem acessar somente alguns tipos de linhas de crédito do PRONAF. Seu João afirma que “o Governo Federal tem liberado muitos recursos para os pequenos, mas que esses não tem chegado ao agricultor, porque não abrem linhas de crédito direto ao produtor”. (Seu João, junho de 2013).

Ainda segundo Seu João, o INCRA propõe que, depois de 10 anos, regularize-se a situação dos assentados, concedendo a escritura da terra. Disse ainda que o MP - Ministério Público emitiu um Decreto obrigando o INCRA a regularizar a situação dos assentamentos com dez anos ou mais. Seu João argumenta que o título, assim, geraria receita aos cofres públicos, pois sendo então proprietários, os assentados pagariam impostos sobre a terra. O Movimento tem se mostrado contrário a essa prática, com o argumento que a luta contra a propriedade privada é parte essencial da Reforma Agrária. A defesa é pela propriedade coletiva. Marília argumenta que, na prática, a propriedade hoje é do Estado, o que torna essas conquistas feitas até agora, de certa forma, frágeis, pois no caso de uma mudança da compreensão sobre a legitimidade da Reforma Agrária, em próximos governos, as áreas poderiam ser retomadas pelo Estado. Como é possível perceber, não é um debate simples e disputa os rumos do que se compreende por Reforma Agrária e também suas consequências dentro das estruturas das instituições.

Além desse fato, outra situação também desmotivava Seu João naquela visita. Na última reunião com a EMATER, ocorrida no escritório estadual em Porto Alegre, Seu João recebera um compilado de informações²³ produzido pela Secretaria Estadual da Saúde do RS, que apresenta os conceitos e exigências legais que envolvem o uso de plantas medicinais, contendo a listagem das plantas que ficam sob o domínio de cada tipo de produtor. Na primeira categoria estão os *Alimentos*; e dentro dela, os Chás; A segunda categoria são os *Medicamentos*; dentro dela entra: Insumo farmacêutico; Matéria prima vegetal; Planta medicinal; Drogas Vegetais; Derivado Vegetal; Infusão; e Medicamentos Fitoterápicos.

Figura 12



Fonte: Arquivo Projeto Agroflorestas e fotos da dissertação.

A orientação dos técnicos que passaram a acompanhar Seu João, concluem que a agroindústria da família poderia atuar somente na primeira categoria, restringindo a produção aos chás, que aqui são considerados alimentos. “A utilização da palavra *chá* é restrita para produtos classificados como alimentos”²⁴. As outras categorias não se encaixam no tipo de empreendimento de Seu João e Dona Loia, ficando sob o domínio da indústria farmacêutica. Na listagem de chás deste documento, figuram 53 plantas, todas bastante populares. A família marcou ao lado da tabela, 16 plantas que eles poderiam produzir. A questão é que a maioria das plantas que compõe as receitas de cura desta família, não consta nessa lista. E mesmo se constassem, não poderiam ser manipuladas pela Agroindústria, a não ser que contassem com uma grande equipe de profissionais listadas pelo Seu João, que devido à escala, tornariam a empresa inviável economicamente.

É necessário então refletir sobre os processos de normatização de práticas, com o intuito de reconhecê-las, processos que muitas vezes acabam gerando esse tipo de situação. Seu João relata a luta protagonizada por diversos setores da

sociedade, buscando o reconhecimento de práticas populares de saúde, que dentre os objetivos, buscava proporcionar seu uso pelo SUS - Sistema Único de Saúde brasileiro. Ele participou dessa luta pela ABRASP e também pela Pastoral da Saúde. Agora que o uso de plantas medicinais no SUS está autorizado por lei, sua regulamentação retira da arena boa parte dos praticantes tradicionais. Esse não é um caso isolado, cabendo esta crítica também ao processo de regulamentação dos produtos orgânicos, que segundo Marília, foi regulamentado a partir dos interesses do mercado e não a partir das pautas dos movimentos de agroecologia, tão fortes no Brasil. Aqui caberia também pensar a iniciativa de legalização e normatização das agroflorestas, proposta no I Seminário de Agroflorestas, onde Marília também expôs essa crítica sobre o episódio dos orgânicos, propondo uma reflexão sobre a importância de dar tempo para o amadurecimento das práticas e da própria rede, que pela primeira vez assim se encontrava, para então essas pessoas se organizarem e só então tentarem outras soluções ou vias de facilitar suas práticas cotidianas.

O caso é que essas duas situações, tão fortes, produziram um resultado no ânimo do casal. Dona Loia sempre se mostrou mais adepta à escolha por serem *raizeiros*, como ela diz. Para ela, a via legal envolve muitas leis e regras que fazem parte de um repertório bem distinto do seu. Nessa linha de raizeiros, o casal se sente legitimado, tendo citado a liberação da prática, que é considerada legalmente como *tradicional*.

Agora é o momento de decisão. Para trabalhar como naturalista não preciso da autorização de ninguém. Ninguém me ataca. Enquanto para a Agroindústria tem uma lei, vou ser vigiado e muita coisa não vou poder fazer. E hoje estou muito mais preparado pra trabalhar com o Método Bioenergético, do que naquele tempo de Santa Catarina. E pra ter legalidade, sai caro. Imposto, alvará, contador, alvará de bombeiro, exame laboratorial semanal. Bem complicado. Como raizeiro, naturalista, não existe corte, nem proibição. Tem lei que protege esse fazer tradicional.” (Seu João, junho de 2013).

Para essa via, a ABRASP dá o seu aporte, que seria suficiente para o trabalho que realizam. Essa escolha também possibilitaria o seguimento da trajetória do saber-fazer do casal, representando assim uma continuidade. Mas apesar desse quadro, seu João ainda acredita num feliz desfecho para a agroindústria, que nesse caso seria destinada aos filhos, que assim poderiam dar continuidade ao trabalho dos pais, mas contando com a legitimidade da lei. Ao final, a família percebeu que

os dois caminhos ofereceriam possibilidades. Os dois juntos seriam complementares para o contexto da família, buscando valorizar os distintos tipos de saberes.

Dessa forma, o casal se prepara para a retomada do trabalho com o método bioenergético, que foi um dos temas introduzidos por eles no vídeo, onde nos mostram como significam sua prática. Esse retorno envolve um trabalho de preparação da propriedade, que precisa estar à altura dos muitos visitantes que virão. Como reflete o casal, o trabalho atrai muitas pessoas de classes mais altas, que tomam contato com a informação e costumam vir de longe em busca da cura. Por isso, a estrutura precisa estar bem organizada. A agroindústria legalizada representaria para o casal, neste contexto, uma segurança para as pessoas que os procuram. Mas percebi que, caso não se regularize, ainda assim a estrutura será utilizada para a preparação dos chás e derivados receitados pelo casal. Pretendem recomeçar dedicando um dia por semana para a atividade. E neste sentido, o vídeo pode contribuir para dar visibilidade à prática, dependendo de seu alcance, auxiliando assim o recomeço desse trabalho.

5.2 A casa de barro e o projeto cercas vivas

Na Marília, a situação que encontrei no último campo era tensa, devido ao posicionamento do INCRA em relação ao processo das casas. Como dito, o INCRA protagonizou o convênio²⁵ com a UFRGS, dentro de uma proposta de pensar outros tipos de habitações e formas de construções em assentamentos. Para Marília, a iniciativa parece ter partido da Universidade ao INCRA, que coincidentemente, veio ao encontro do processo que vinha acontecendo no assentamento. Era então um experimento, que encontrava em um dos menores assentamentos do RS, o lugar ideal para realizar-se. Quando o convênio teve fim, o processo das casas ainda não havia terminado, sendo então a decisão de renovação do convênio. Marília, que tinha ficado para trás na execução da casa, estava interessada especialmente nos recursos ainda não liberados deste convênio, que devido às burocracias e responsabilidades não assumidas, deixou de repassar R\$2.500,00, dos R\$7.500,00 previstos. Mas o convênio não foi renovado e a responsabilidade por finalizar o processo e regularizar a situação das casas como um todo, foi sendo jogada de um ator para o outro, no tempo que se seguiu. Depois de algum tempo, estando mais uma vez Marília buscando informações junto ao INCRA, descobriu que o processo

das casas havia sido extraviado dentro do INCRA. Seguiu-se mais um período de silêncio e então foi comunicada a decisão, que buscava *resolver* a questão das casas, afirmando o INCRA que elas nunca existiram. Sendo assim, novos recursos foram destinados ao Assentamento, que era agora o único, dos antigos, que “ainda não possuía habitações”, no que diz respeito aos números das políticas públicas. A posição foi comunicada em uma reunião regional, que Marília não comparecera, onde seu Amilcar representava o assentamento. Seu Amilcar reagiu ao fato e foi repreendido pelos representantes do INCRA, que afirmaram que as casas não tinham sido concluídas por descaso dos assentados, pois os pedreiros estiveram disponíveis o tempo todo. Dessa forma, repassaram aos assentados a total responsabilidade pela situação. Informaram também que R\$28.000,00 seriam investidos em cada nova habitação, sendo que os assentados então não precisariam se envolver com nada, no que diz respeito às novas construções, só lhes cabendo o recebimento das chaves.

O fato causou revolta no assentamento como um todo, especialmente na família Gonçalves. Esta posição implica numa falta de reconhecimento de um processo político, que é considerado pela família, mais importante que a casa em si. Marília ressalta a grande repercussão alcançada com a casa, nunca antes imaginada. A casa foi tema de entrevistas nas rádios locais, de pronunciamentos de figuras públicas da região, falando sobre a memória acionada a partir dessa iniciativa, que fez lembrar do tempo dos pais e avós, quase todos tendo *se criado* num rancho de torrão. Das entrevistas concedidas aos veículos de comunicação, que tiveram repercussões e que introduziram a família em distintas redes, por onde passaram a transitar desde então. Ninguém podia imaginar a amplitude da visibilidade que alcançaram, que os fez acreditar que “a gente é capaz” (Marília, junho de 2013).

Localmente, o processo permitiu que outras pessoas pudessem ter a oportunidade de pensar a sua casa. “Mesmo quem não construiu com barro no assentamento, pode defender, por exemplo, onde ficaria o banheiro”. (Marília, junho de 2013). A experiência também serviu como inspiração para alguns assentados de São Gabriel - RS, reivindicarem casas bioconstruídas, ou melhor, a possibilidade de pensar e construir suas habitações. Marília afirma que a trajetória de construção foi repleta de problemas e tensões, mas o seu resultado, enquanto processo político, foi

transformador, pois envolveu a necessidade de criar relações. E cada uma delas exigiu novas aprendizagens sobre coisas antes não pensadas, sendo que ao final a família aprendeu sobre tantas coisas, para além do fazer com barro. Abriu horizontes para a problematização e politização de outras escolhas da família, mudando seu olhar sobre o mundo. Conheceu a rede onde a experiência circulou e com ela aprendeu seus códigos, os saber-fazeres, as formas narrativas e tantas coisas que precisavam ser aprendidas para poder compreender ensinamentos bastante simples.

Externamente, passamos a existir numa rede inimaginável. Não foi a casa, foi a ideia de que as pessoas tem o direito de pensar sobre suas escolhas. Essa experiência foi agora apagada da história... Porque mexeram nisso agora? Pra cumprir metas? Todos tem casa... E o que significa ter casa? Nosso processo não vale nada. Ele não pode ser exceção, num governo que trabalha com a hegemonia. (Marília, junho de 2013).

A crítica também alcança a concepção de políticas públicas, que buscam atender o geral, e para tanto, muitas vezes, acaba negando as especificidades. Nesse caso, a experiência poderia ter sido considerada pelo INCRA, simplesmente como inadequada para servir de modelo para elaboração de políticas públicas, mas foi considerada *inexistente*. Dessa forma, nem o INCRA, nem o Movimento irão contar essa história, ficando assim no campo da informalidade. A leitura da família foi que o resultado dessa posição do INCRA implicou nele não assumir a responsabilidade de ter participado desse processo.

Na família, a ação que poderia ter sido recebida como uma adequação meramente burocrática, foi considerada uma negação de um processo político coletivo, que envolveu bem mais que a família e o próprio assentamento. Marília, nesse momento, também avalia o papel dessas redes, que não conseguiriam sustentar a família neste tipo de embate, mas que ainda assim são os lugares onde sua crítica pode alcançar maior eco e reverberar para além. A escolha da família foi então promover o debate, como puderem, usando os canais de comunicação que possuem. No caso, esse trabalho, representou um desses espaços de debate público e o vídeo mostrou potencial de facilitar sua circulação, explicitando o possível uso político desse tipo de ferramenta.

Voltando a pensar sobre a capacidade narrativa da família, a história da casa hoje muda de papel, e precisa ser articulada aos desafios atuais enfrentados pela família, que diante desse novo cenário precisou repensar o que será contado e como será articulado aos novos objetivos. A partir desse fato podemos pensar na

discussão proposta por James Scott (2002), analisando as formas de resistência cotidiana camponesa. Podemos então propor que a narração pode ser considerada uma dessas formas, sendo que as habilidades em se contar representam uma das mais importantes armas dos fracos.²⁶

A família também mencionou sobre as novidades no cenário local, relatando sobre a criação de uma associação, no âmbito dos assentamentos da localidade, que poderia representar uma possibilidade de acessar créditos e outros benefícios de forma mais facilitada. Diferentemente de outros tempos, a família resolveu aderir, mas não sem falar sobre as tensões que envolvem esse tipo de participação. Alguns financiamentos vêm direcionados à produção para o abastecimento da região portuária de Rio Grande, parte de um acordo do Movimento com o Governo Federal. Agora os créditos disponíveis têm sido direcionados, buscando adesão a essa proposta. A família pretende se utilizar da estrutura, mas questionar esse atrelamento, mas dessa vez, de formas mais sutis, buscando não barrar o acesso aos créditos, demonstrando um tipo de ação tática, realizada no campo do outro (SCOTT, 2002; DE CERTEAU, 1998).

Além da questão da casa, que mexeu as estruturas familiares, outro plano também havia mudado. Após o retorno da França, a família se dedicou a pensar a articulação do Projeto Cercas Vivas. A proposta é que a alternativa fosse apresentada como um potencial modelo de solução climática, que seria apresentado ao Governo Estadual, que, segundo Marília não possui propostas de outros modelos de desenvolvimento à médio e a longo prazo. O projeto já havia até mesmo encontrado uma forma de financiamento, dentro de estruturas estatais, referendada pela articulação do irmanamento Frances e suas próprias redes no Brasil. A família de Marília e mais quatro famílias iriam desenvolver unidades de experimentação agroecológicas, baseadas nas *cercas vivas*²⁷ e no consorciamento de diversas atividades produtivas. Uma das riquezas do projeto era a diversidade de microclimas de cada propriedade envolvida, aliados a diversidade de formas produtivas. Devido ao período de gravidez, Marília não conseguiu articular o projeto satisfatoriamente na região.

Nesse meio tempo, veio a falecer um membro da organização francesa, que era uma das referências da família nessa rede. Além disso, outras conjunturas, bem locais, que dizem respeito a prefeituras e outros apoiadores, também se

transformaram. A família percebeu os cenários se transformando e a necessidade de elaborar outros planos. A aposta foi então de investir no trabalho idealizado pela família, há muitos anos, procurando fortalecê-lo dentro da propriedade, antes de se juntar a outras famílias. Seguir construindo o projeto Cercas Vivas na sua propriedade, buscando o aporte de recursos onde for possível. E então outro conflito se apresentou, que foi tema de debate nosso, pela noite adentro.

A partir do Seminário Estadual das Agroflorestas a família alcançou grande visibilidade nas redes de Pesquisa e Assistência Técnica regional e também do estado. A força narrativa de Marília e a ousada proposta de agrofloresta no pampa, consorciando plantio arbóreo com a produção de ovelha orgânica e de alimentos, mostrou-se bastante interessante, chamando a atenção de instituições. Esse interesse gerou um intenso processo de reflexão dentro da família, que soube naqueles dias, que seria procurada por um pesquisador, na semana seguinte. Desse interesse ainda não se sabia quase nada, nem mesmo se haveria algum tipo de proposta de trabalho por parte da instituição. Mas a família precisava estar bem preparada para quaisquer propostas, tendo calculado os custos anteriormente.

Neste momento vieram à tona algumas críticas de outros agricultores que já trabalham ou trabalharam com essas instituições e que compartilharam suas impressões de uma forma bastante sutil e individual com outros agricultores, em momentos de encontro. Os motivos das críticas alheias são então utilizados para embasar argumentos sobre as formas de ações dessas instituições e os possíveis limites que a relação, ainda por vir, poderiam apresentar. Os limites são relacionados à autonomia do agricultor dentro de sua própria propriedade e o saber técnico, que muitas vezes se impõe, e impõe também práticas aos agricultores nessas relações. Foi ressaltado o poder dessas instituições frente ao agricultor, demonstrando a percepção de assimetria presente nessas relações. Visivelmente foi feito um cálculo de estratégias, baseado nas experiências comunicáveis dentro dessa rede.

Muito refletimos sobre os limites e também sobre as potencialidades de uma possível parceria nesta noite. Pela manhã a família mostrou-se decidida a propor uma parceria, apresentando os limites da própria família e exigindo um espaço de planejamento coletivo de qualquer ação. Não simplesmente de informação dos propósitos da instituição, mas de pensar uma proposta realmente coletiva,

atendendo os interesses dos dois lados e sem imposições. O que pude perceber é que o Projeto Cercas Vivas mudou bastante, mas nessa nova configuração depende muito mais da força da própria família e menos de outros atores externos, não desconsiderando a importância da instituição em questão e a necessidade de recursos financeiros, que acaba limitando a ação desses narradores.

Ainda assim, muitas aprendizagens precisam ser feitas. Há saberes que nenhum ator envolvido possui para oferecer, como o caso da ovelha orgânica. Além do fato de que tudo deve ser planejado, mas nem tudo pode ser previsto, reforçando a necessidade de ter *jogo de cintura*, como se diz, ou capacidade de moldar o dito segundo as circunstâncias.

Que nem o processo das cercas vivas, que é o dilema que eu tô agora, bah, eu planejei isso durante anos e agora tá caindo de um jeito que não é o jeito que eu planejei. Não vai ser do jeito que eu planejei. Obvio que não vai ser, porque existem outros todos sujeitos históricos, dentro do processo junto, que também planejaram do seu jeito e cada um planejou do seu jeito. Como fazer isso ser proveitoso, e que dê algum resultado? E na verdade tudo é isso. Todos os processos são isso. E tem aqueles processos que tu vai deixando de lado porque tu sabe que uma hora vai estourar, que nem as ovelhas orgânicas mesmo, é o meu sonho de vida desde que eu comecei a trabalhar com ovelha. É ter uma ovelha orgânica. Só que eu não consegui chegar nisso ainda e eu sei que vai demorar ainda, ou não. Quando vê mês que vem aparece alguém, ou eu conheço alguém, ou sei de alguma coisa que me resolve um monte de problema. Então não tem que ficar naquela agonia. (Marília, fevereiro de 2013).

Esses são os projetos que vem sendo construídos por essas duas famílias. Como podemos ver, estão em movimento, em transformação, em construção. Uma característica comum a essas duas famílias de narradores é a intenção de fazer com que os filhos permaneçam no campo. Mais do que no campo, junto com a família, dando assim continuidade ao saber-fazer dos pais. Dessa forma, os projetos de futuro das famílias são estrategicamente pensados para irem de encontro aos interesses visualizados pelos mais novos, nas atividades já desenvolvidas pelos adultos.

Seu João e Dona Loia pretendem dar emprego para os filhos mais novos, que são gêmeos, além da filha Joseane, recém-casada, que mora próximo à casa dos pais. O casal teve sete filhos: Wanderlei (35anos), Valdir (33), Clarice (30), Nivaldo (28), Joseane (20), Evandro e Evaldo (13). Desses, somente dois moram em outras cidades, tendo a maioria construído sua casa próxima aos pais. Os homens deram continuidade ao ofício de Seu João de pedreiro, que aprenderam desde cedo, desempenhando o papel de ajudantes nas obras do pai. Clarice trabalha em uma

indústria de calçados e Joseane é auxiliar de finanças em uma empresa da região. Os mais novos estão estudando e são aprendizes do casal, e também do pai, auxiliando nas obras de construção.

A agroindústria assim representou uma escolha buscando incluir os filhos no trabalho com as plantas. O casal soube ver as potencialidades de cada um dentro da estrutura da Agroindústria, sabendo reconhecer os interesses específicos de cada filho na construção desse projeto de futuro da família. A filha está aprendendo sobre finanças, conhecimento que seria muito bem aproveitado no contexto formal da Agroindústria. Os mais novos já realizam o trabalho de colheita dos chás e também já vêm ajudando na secagem e no empacotamento. Os três demonstram interesse em se engajar na atividade dos pais, se esta puder dar sustento, podendo assim trabalhar perto de casa ou em casa, em um negócio autônomo, o que é bastante valorizado no contexto dessa família.

Pensando então sobre a transmissão do saber-fazer, Seu João já formou três filhos no seu saber-fazer de construtor. Agora a pretensão é formar outros três no saber-fazer com as plantas medicinais. Mas para aproximar os filhos dessa atividade que é, de certa forma, desvalorizada socialmente, foi necessário transformar a prática ou sua simbologia, e escolher a via institucionalizada, buscando dar mais segurança para os filhos. Se a agroindústria não se formalizar, a estrutura será utilizada para seguir o trabalho que já vem sendo feito, de secagem das plantas, preparação dos compostos, sabonetes, pacotes de chás e tantos outros produtos preparados pelo casal. Dessa forma, o casal ainda visualiza a possibilidade de geração de trabalho e renda para os três filhos. Resta saber se os filhos irão considerar uma boa saída.

Já os dois filhos de Marília, Lia (14) e Dudu (12) demonstram muito gosto pela vida no campo. Seu interesse se voltou para os cavalos, no que diz respeito à montaria, ao laço e outras práticas comuns nos rodeios frequentados pela família. Os dois aprendem a montar e laçar todos os dias, ajudando na lida com as ovelhas e com as vacas. Eles têm cachorros ovelheiros, que os auxiliam nesse trabalho com os animais. Na minha última visita, a família recebeu mais um equino em troca de um negócio realizado. Sinto que Marília dá muita importância para esse interesse dos filhos, sabendo aproveitá-lo para manter os filhos junto dela. Os adolescentes não demonstraram muito interesse pelas coisas da cidade, até agora. Sempre dizem

que, da terra não querem sair e que por eles, nem iriam à escola. Isso é bem interessante, se pensarmos na situação vivida por muitos outros agricultores que conheci, onde a realidade é oposta, estando muitas vezes os próprios pais construindo a saída dos filhos, em busca de uma melhor condição de vida para eles.

As visões dos jovens agricultores sobre o trabalho agrícola são particularmente interessantes por serem eles os sucessores em potencial de seus pais... Além disso, suas representações refletem formulações socialmente construídas e quotidianamente repetidas em seu meio familiar e comunitário. Desta forma, os jovens estão trazendo à tona as opiniões que eles estão acostumados a ouvir em suas próprias casas. Algumas expressões como 'trabalho forçado', 'judiado', 'pesado', 'difícil' são frequentemente utilizadas por eles para descrevê-lo. Suas falas remetem, no conjunto, a uma visão negativa sobre o trabalho agrícola. (WEISHEIMER, 2006, p.12).

Talvez por este mesmo motivo os jovens dessas duas famílias pretendam permanecer no campo, junto aos pais. A visão dessas famílias sobre o papel e importância do agricultor são distintos da maioria e é parte de uma visão politizada sobre o estar no mundo, para além do plano individual.

Figura 13





Fonte: Fotos da dissertação e do arquivo pessoal de Marília.

Nos últimos tempos Lia, a filha mais velha de Marília, animou-se a criar galinhas, enquanto uma contribuição dela para o coletivo. A mãe deu todo o apoio, entrando o galinheiro no planejamento de infraestruturas que a família irá tentar vencer nos próximos meses. Marília acha importante apoiar os interesses dos filhos. Muitas vezes as escolhas da família beneficiam os gostos dos filhos, em detrimento até mesmo, de melhorar a alimentação da família. Em um período de recursos escassos, vi a família priorizando a compra de milho para bem tratar os cavalos, além de uma negociação de arreios, necessários para a montaria, tudo preparando a participação dos jovens no próximo rodeio. Por que, mais importante que as dificuldades, é alimentar o interesse dos filhos em fazer parte desse mundo.

Manter os filhos na terra é um dos grandes desafios enfrentado pelas duas famílias. Os projetos de futuro, assim, são construídos com uma grande centralidade nos filhos. Percebo que a própria decisão de permanecer no campo, que é sempre uma tensão presente em muitas famílias de agricultores, tem muito a ver com os filhos e com os valores que os pais gostariam de transmitir a eles. A necessidade é de reflexão constante, buscando repensar o equilíbrio da família a partir de cada nova escolha.

E a gente faz isso todos os dias. A gente tá sempre falando sobre as coisas que faz. E esse exercício é muito bom. E ele nos constrói. E ele nos coloca como sujeitos históricos... Tu tem que ser o personagem principal do filme da tua vida... Tu tem que se dar importância dentro do processo. Dane-se que a casa não tá pronta há três anos, o que interessa é que nós estamos aprendendo horrores e nós estamos fazendo uma coisa que a gente sabe fazer, que a gente tá consciente do que a gente tá fazendo, que ela tem uma importância política pra nós, ela tem uma importância de ideologia pra nós, ela tem uma importância de transmissão de conhecimento... eu vou ter meu filho numa casa de barro. Sabe? Então pra mim isso é muito legal. Quem dera eu pudesse ter tido os outros dois também. Só que também se tivesse naquela época eu não ia dar valor pra isso, porque naquela época eu não tava nem aí pra isso. Então ele tá vindo num momento legal, ele tá vindo num

outro momento, num outro contexto e vai ser muito massa assim, sabe.
(Marília, fevereiro de 2013).

A experiência é assim construída através do tempo e da própria experiência. E nesse contexto, se faz muito importante se contar. Narrar a vida, organizando a experiência, tornando-se assim, “o personagem principal do filme da sua vida”.

6 Considerações finais

Após ter contado a história desses narradores e suas famílias, pretendo ter mostrado que ser agricultor não depende somente do nascimento. Esse saber-fazer pode ser aprendido e ensinado, gerando riquíssimas trocas entre o urbano e o rural, que possui fronteiras tão tênues no Brasil. As trocas são também entre as gerações, quando superam o estranhamento, permitindo-se conhecer o outro. As trocas podem fortalecer o rural, quando valorizam elementos já esquecidos, propondo outra leitura para temas já ultrapassados, como a exemplo de relembrar a importância da autonomia e da permanência no rural, que possibilita “a continuidade do processo de aprendizagem da cultura”, como refletido por Marília. A diversidade de agricultores pode até mesmo fortalecer o rural, quando questiona práticas, em cada novo momento histórico, que não deve ser compreendido como uma linha evolutiva que se move em direção a algo sempre melhor.

Muitas vezes é importante sair para poder se ver. A imagem que o outro faz de nós, pode nos auxiliar no próprio autoconhecimento e na constituição dos projetos de futuro. "A gente precisa construir uma ilha, mas sem ser ilha" (Marília, setembro de 2012). Construir uma ilha no sentido de autonomia, tanto de produção para autosustento e geração de renda, quanto de produção de conhecimento e tecnologias. Mas "sem ser uma ilha" porque essa busca pela autonomia envolve hoje muitos tipos de relações sociais, tanto locais como globais. Conhecer o outro é também se conhecer. Conhecer o outro permitindo se pensar, a partir de uma relação dialógica. São algumas das potencialidades das trocas.

Percebemos que o sonho de tirar o sustento da terra, comum às duas famílias, é bem mais complexo do que o acesso à terra, o plantar e o colher. Envolve muitos tipos de aprendizagens, a dimensão de reciprocidade e de relações com instituições, com grupos e indivíduos, cada qual com seus desafios. Envolve também a construção de narrativas, que precisam ser atualizadas constantemente, a partir de cada novo momento vivido. Acima de tudo, é necessário comunicar a experiência, em cada novo espaço e ao fazê-lo, surge a oportunidade de se repensar e de se reinventar.

Acredito que a necessidade de se repensar também está posta para o espaço acadêmico, quando pode perceber como são recebidas muitas das práticas disseminadas pelo saber científico e suas consequências, que podem ser melhor

compreendidas a partir desse tipo de experiências aqui narradas. E uso aqui uma reflexão de Seu João:

Então, dá pra gente ver que tem universidade que não abre as portas pros estudantes conhecer essa área rural. Esse manejo das plantas, da natureza, pode-se dizer. Eles estudam planta de soja, milho, eucalipto transgênico. Hoje estudam mais a transgenia, o uso dos agrotóxicos. Então quando aparece alguém que fala alguma coisa nova, de trabalhar com planta sem agredir o meio ambiente, pra eles é uma surpresa... São carentes de aprender. (Seu João, dezembro de 2012).

Acredito que a luta travada por essas duas famílias seja contra a própria ideia de desenvolvimento. No fundo, questionam o que significa desenvolver-se, ideia bastante cristalizada, que muitas vezes, é utilizada como sinônimo de melhoria de condições de vida e de tecnologias. Lutar contra a ideia de desenvolvimento ou propor que este poderia ser pensado a partir de outros paradigmas é bastante complexo. Talvez essa reflexão, seja a maior das contribuições deste trabalho para o campo do Desenvolvimento Rural, que tem essa concepção encravada no próprio nome. Desconstruir a ideia do desenvolvimento deve ir além de um discurso ou de uma intenção e para isso acontecer, será necessária uma reflexão epistemológica que envolve o tipo de saber que estamos construindo nesses espaços que fazemos parte.

São belas e intensas histórias, que pretendem fazer refletir. Em um campo tão delicado quanto é a Reforma Agrária para nossa sociedade, podemos perceber que tantos desafios ainda perpetuam, quando novas experiências lutam para ganhar espaço e ainda encontram dificuldades de lidar com as estruturas formais. Nem por isso, as dificuldades geram isolamento, mas justamente conectam essas pessoas a redes, onde buscam conhecimento, reconhecimento e força para continuar a existir, dentro de um grupo. Que essas duas experiências sejam conhecidas. Que suas experiências de vida comuniquem bem mais do que consegui debater, filmar, escrever e interpretar.

E sendo assim, penso que comunicar experiências não me parece hoje antiquado, como propunha Benjamin (1994), vendo as transformações de seu tempo. Hoje também vivemos um período de transformações no Brasil, ainda imprevisíveis, quando pessoas se organizam por meio da internet e saem às milhares para as ruas, cobrando transporte público e manifestando o descontentamento com as atuais estruturas de poder e representação. Neste

contexto, compartilhar experiências tem se tornado até mesmo uma arma política, pois a alteridade que encontramos ao ler um relato, ao ver um vídeo, que interpretamos a partir de nossa experiência individual e também coletiva, possui grande força de indignação e mobilização. É a força da experiência sendo comunicada. É com essa intenção que entrego esse trabalho.

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O esclarecimento como Mistificação das Massas. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: JZE, 1985. p. 57-79.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BORDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.
- CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- DE CARLI, Ana Paula. **Três histórias rurais**: Narrativas visuais e memória de agricultores no Litoral Norte do RS. 2010. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Revista Rua**, Campinas, v. 9, 2003. p. 101-127.
- _____. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELI, César Augusto Barcelos. (org.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. p. 9-24.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005. p. 155-161.
- GILROY, Paul. Uma história para não passar adiante: a memória viva e o sublime escravo. In: GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001. p. 351-417.
- GODOI, Emília Pietrafesa de. **O Trabalho da Memória**: Cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- GOLDMAN, Márcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, [S.l.], n. 13, p. 149-153, 2005.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. v. 2, São Paulo: Edusp, 1974.

SABOURIN, Eric. Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. In: ENCONTRO NORTE E NORDESTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2003, Aracajú. **Anais...** Aracajú: UFS, v. 1, 2003. p. 1-26.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: EDUSP, 1994.

SCHNEIDER, Sérgio. Da crise da sociologia rural à emergência da sociologia da agricultura. In: **Cadernos de Ciência e Tecnologia**. Brasília: Embrapa, v. 14, n. 02, 1997. p.225-238.

SCOTT, James C. Formas Cotidianas da Resistência Camponesa. **Revista Raízes**, Campina Grande, v. 21, n. 01, p.10-31, jan/jun. 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional-UFRJ, v. 8, n. 1, 2002. p. 113-148.

WEISHEIMER, Nilton. **Jovens Agricultores: Gênero, trabalho e projetos profissionais**. Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 2006.